

MESTRADO EM CIÊNCIAS
AMBIENTAIS E SAÚDE

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS E SAÚDE

**VULNERABILIDADE E RESILIÊNCIA DE POPULAÇÃO
TRANSFERIDA DE ÁREA DE RISCO AMBIENTAL PARA ÁREA
URBANIZADA - REGIÃO NOROESTE DE GOIÂNIA – GO**

CELNIA TERESINHA BASTOS DE PAULA COSTA

**GOIÂNIA
2009**



MESTRADO EM CIÊNCIAS
AMBIENTAIS E SAÚDE

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS E SAÚDE

**VULNERABILIDADE E RESILIÊNCIA DE POPULAÇÃO
TRANSFERIDA DE ÁREA DE RISCO AMBIENTAL PARA ÁREA
URBANIZADA - REGIÃO NOROESTE DE GOIÂNIA – GO**

CELNIA TERESINHA BASTOS DE PAULA COSTA

Orientadora: Prof. Dra. Eline Jonas

Co-orientador: Prof. Dr. Luc A. Vandenberghe

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Saúde, da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais e Saúde.

GOIÂNIA
2009

C837v Costa, Celnia Teresinha Bastos de Paula.

Vulnerabilidade e resiliência de população transferida de área de risco ambiental para área urbanizada-Região Noroeste de Goiânia – GO / Celnia Teresinha Bastos de Paula Costa. – 2009.

137f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Departamento de Biologia e Biomédicas, 2009.

“Orientadora: Prof. Dra. Eline Jonas”.

“Co-orientador: Prof. Dr. Luc A. Vandenberghe”.

1. Resiliência – população – área de risco – transferência – Região Noroeste – Goiânia (GO). 2. População – proteção – área de risco. I. Título.

CDU: 504.75.06(817.3)(043.3)

A meus pais que, na sutileza do desprendimento, tem contribuído para a tranquilidade que tenho tido para realizar estas minhas investidas no conhecimento; aos meus filhos, Acaahi e Celso César, que tiveram que administrar minha ausência; ao Janélder pelas aprendizagens desenvolvidas nesta existência; à Sarah H. do Amaral, sempre presente nestes últimos vinte e cinco anos da minha vida; à vida, pela capacitação que nos proporciona ao longo da existência.

AGRADECIMENTOS

Às participantes da pesquisa e moradores dos bairros Sítios de Recreio Estrela D'alva e Recanto do Bosque - Região Noroeste de Goiânia, pela acolhida quando me receberam para relatar suas histórias;

À Prof. Dra. Eline Jonas, orientadora e exemplificadora viva de que as mudanças sociais se fazem com ações, dedicação, determinação e persistência, por serem compromissos nossos com uma sociedade mais justa e equitativa;

Ao Prof. Dr. Luc Vandenberghe, co-orientador, que me conduziu com o profissionalismo e empenho das pessoas que querem ver os outros crescerem;

Ao Prof. Dr. Júlio César Rubin de Rubin, por ter me estimulado a fazer este mestrado e por partilhar da idéia de relacionarmos os aspectos psicológicos de populações em área de risco, aqui seguem minhas primeiras reflexões nesta área;

Ao Prof. Dr. Carlos Hiroo Saito do Departamento de Ecologia da UnB e ao Prof. Dr. Hartmut Günther pela atenção e acolhimento no Laboratório de Psicologia Ambiental da UnB;

Ao Coordenador, Secretários, Professores, Funcionários do MCAS/ UCG e colegas de curso pelo convívio, em especial, à Dinamara Versan e à professora Rita pelo acompanhamento destas linhas;

À Carla Gomes, colega de profissão, que disponibilizou tempo e conhecimento para as reflexões e discussões durante o desenvolvimento deste trabalho; e Luciana Duarte da Silva que se prontificou participando do enriquecimento deste;

Aos técnicos da SEPLAM, COMOB, DEFESA CIVIL entre outros que repassaram informações de grande valia para a construção desta dissertação.

RESUMO

A dissertação sobre a vulnerabilidade e resiliência de população transferida de área de risco ambiental para área urbanizada - Região Noroeste de Goiânia / GO, é um estudo exploratório quali-quantitativo cujas informações foram levantadas por meio de pesquisa primária e de dados secundários. A pesquisa primária constituiu em entrevistas por saturação de informações a 10 sujeitos / mulheres, selecionadas intencionalmente. Teve como objetivos identificar a vulnerabilidade social, ambiental, de saúde e a resiliência dos/as moradores/as transferidos/as de áreas de risco de Goiânia/ Região Noroeste para a área da pesquisa - “Sítios de Recreio Estrela D’alva” e “Residencial Recanto do Bosque”. Os critérios de inclusão dos sujeitos na pesquisa foram: ser responsável pela família, ser morador/a maior de 18 anos, ser ou não, originário do local, mas ter residido em área de risco no mínimo por 2 (dois anos), e que foram transferidos/as há menos 1 (um) ano, para a atual área de estudo. Os dados obtidos foram identificados, selecionados e organizados em quadro, tabelas, gráficos e cruzados a partir da leitura reflexiva e compreensiva dos discursos identificados nas variáveis agrupadas nas seguintes categorias – 1. Relato sobre a vivência nas diferentes fases de desenvolvimento desde o convívio familiar e social e de seu cotidiano na área de risco e no ambiente em que vive hoje; 2. Acesso aos Serviços e Equipamentos Públicos; 3. Características do meio ambiente - área da pesquisa. Conclui-se que é uma população de baixa renda, com pouco nível de instrução, com um percentual expressivo de jovens e, que foi integrada à região, pelo Poder Público em programas de moradia. No 1º momento, a população superou uma situação de vulnerabilidade social, ambiental e de saúde o que não significa que estarão imunes às situações adversas sociais e ambientais que já estão se configurando no novo ambiente, na falta de monitoramento das diferentes Instituições Municipais. Os resultados serão apresentados à população local para que se aproprie do conhecimento de sua realidade e, encaminhados aos Gestores do Município, como informações preliminares para subsidiar Políticas Públicas.

Palavras-Chave: Área de risco. Vulnerabilidade. Resiliência. Situação de risco social; ambiental e de saúde.

ABSTRACT

The dissertation about the vulnerability and the resilience of the population transferred from an area of environmental risk to an urbanized area, Goiania - Go Northwest Region, is the quality-quantitative exploratory study in which the survey information was accomplished by the means of primary research and the survey of secondary data. The primary research was held through interviews that were information wise saturated reaching 10 subjects / women that were intentionally selected. The objective was to identify the aspects that indicate the social, environmental, health vulnerability and the resilience of the residents transferred from the risk areas such as Northwest Region in Goiania – Go, to neighbourhoods as “Sítios de Recreio Estrela D’alva” e “Residencial Recanto do Bosque”. The criteria adopted to the inclusion in the research were: to be over 18 years old, an area of risk resident for at least 2 years in which was transferred to the two selected neighbourhood within less than a year. The information obtained was organized in different categories: Childhood, youth, family relationships, history of violence, drug abuse, affectivity, sexuality, health, schooling level, and the daily environment that they used to live and current live today, selected and identified in the “tables” and speech. The speeches were sharpened from the reflexive and comprehensive reading. They make reference to a low income population that are culturally poorly instructed, expressively youth and that counts with the State power within the housing program that in the first moment surpassed a social, environmental and health vulnerability, and yet does not mean that these residents are prepared to face the adverse social and environmental situations that are already being configured in this surroundings. The results will be presented to the local population so that they acknowledge their own reality and to the local authority so that it can be a reference for the politics and amendments for that area or city.

Key Words: Area of risk. Vulnerability. Resilience. Social environmental and health situation of risk.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	v
AGRADECIMENTOS	v
RESUMO.....	vi
ABSTRACT	vii
LISTA DE FIGURAS	x
LISTA DE TABELAS	xiii
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	xiv
1. INTRODUÇÃO	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1. Retomar a história - entender as vulnerabilidades e a resiliência de populações transferidas de área de risco.....	20
2.1.1 Vulnerabilidade. Situação de risco social e ambiental.....	22
2.1.2. Resiliência. Proteção para o desenvolvimento humano.....	28
2.1.3. Evidências de Vulnerabilidade e Resiliência a partir da migração interna, expansão e inchaço das cidades	33
2.2. Cidade de Goiânia, Região Noroeste: acolhedora de migrantes assentados em áreas de risco em situação de vulnerabilidade.....	38
3. O MÉTODO E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	51
3.1. Caminho Percorrido.....	51
3.2. Definição da área da pesquisa, categorias/variáveis e seleção dos sujeitos para as entrevistas	52
3.3. Tipo de Pesquisa: quanti-qualitativa, fundamentação metodológica /Dados Secundários e Entrevistas.....	54
3.4. O trabalho de Campo – levantamento dos dados	56
3.5. Protocolo Geral	60
3.6. Aspectos Éticos.....	61
3.6.1. Critérios de Inclusão / exclusão.....	61
3.6.2. Termo de consentimento.....	61
3.6.3. Cumprimento de aspectos ético-legais.....	61

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	62
4.1. Relato sobre a vivência. Vulnerabilidade. Situação de risco social e ambiental.....	62
4.2. Acesso aos Equipamentos e serviços Públicos	94
4.3. Característica do meio ambiente – área de pesquisa	114
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129
ANEXOS	138

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Gráfico da População Urbana e Rural no Brasil de 1950 a 2003.....	43
FIGURA 2. Gráfico da População urbana e rural do Estado de Goiás de 1950 a 2003	44
FIGURA 3. Gráfico da População urbana e rural do Município de Goiânia de 1950 a 2003	45
FIGURA 4. Representação cartográfica das áreas selecionadas para a realização da pesquisa: Sítios de Recreio Estrela D'alva e Residencial Recanto do Bosque – Região Noroeste-Goiânia-GO	53
FIGURA 5. Gráfico de moradores residentes em dez bairros da Região Noroeste – por densidade demográfica	68
FIGURA 6. Gráfico comparativo da população da Região Noroeste com os bairros Recanto do Bosque e Sítios de Recreio Estrela D'alva.....	69
FIGURA 7. Gráfico de residentes por faixa de idade nos bairros Recanto do Bosque e Sítios de Recreio Estrela D'alva	70
FIGURA 8. Situação de domicílio - Residencial Recanto do Bosque e Sítios de Recreio Estrela D'alva, Região Noroeste de Goiânia.....	73
FIGURA 9. Situação de Domicílio - Residencial Recanto do Bosque, Região Noroeste de Goiânia	73
FIGURA 10. Situação de Domicílio - Sítios de Recreio Estrela D'alva, Região Noroeste de Goiânia.....	74
FIGURA 11. Invasão contígua ao Residencial Recanto do Bosque - última quadra	76
FIGURA 12. Infra-estrutura e tipos de construção do Residencial Recanto do Bosque.....	77
FIGURA 13. Moradia – Recanto do Bosque – área da planície de inundação do Rio Meia Ponte, margem direita – última quadra	78
FIGURA 14. Invasão em área de mata que Interliga os Bairros São Carlos, Bairro da Floresta e Jardim da Vitória.....	80
FIGURA 15. Gráfico de pessoas acima de 5 anos de idade, residentes, alfabetizadas ou não, por sexo, em dez bairros da Região Noroeste	93

FIGURA 16. Distribuição espacial das escolas municipais existentes, relacionadas segundo os bairros da Região Noroeste de Goiânia em 2005.....	95
FIGURA 17. Distribuição espacial das escolas estaduais existentes relacionadas, segundo os bairros da Região Noroeste de Goiânia em 2005.....	96
FIGURA 18. Imagem de satélite dos bairros Sítios de Recreio Estrela D'alva e Residencial Recanto do Bosque– 2002.....	98
FIGURA 19. Distribuição espacial das unidades de saúde existentes, segundo os bairros da Região Noroeste de Goiânia em 2005.....	103
FIGURA 20. Aeródromo Nacional de Aviação.....	105
FIGURA 21. Área de preservação ambiental ao lado da maternidade Nascer Cidadão.....	106
FIGURA 22. Pista de caminhada do Parque Nascer Cidadão.....	106
FIGURA 23. Distribuição espacial dos parques existentes, segundo os bairros da Região Noroeste de Goiânia em 2006.....	107
FIGURA 24. Clube do povo.....	108
FIGURA 25. Clube do Povo na Região Noroeste.....	108
FIGURA 26. Momentos de lazer / esporte da comunidade na região.....	110
FIGURA 27. Residencial Recanto do Bosque, lazer da comunidade - pescaria.....	111
FIGURA 28. Rio Meia Ponte - Estação de captação.....	112
FIGURA 29. Estação de captação de água – Placa Proibindo pescar.....	112
FIGURA 30. Vista aérea do Recanto do Bosque e Sítios de Recreio Estrela D'alva.....	115
FIGURA 31. Degradação ambiental: resíduos de construção civil e voçoroca nas mediações do Residencial Sítios de Recreio Estrela D'alva.....	116
FIGURA 32. Degradação ambiental: despejo indevido de lixo, animal morto nas mediações do Residencial Sítios Recreio Estrela D'alva.....	116
FIGURA 33. Marca de pés descalços de crianças – leito do rego de água de fundo de vale dos Sítios de Recreio Estrela D'alva que abastece horta local – situação de exposição à saúde física.....	118
FIGURA 34. Exposição direta aos danos ambientais e risco a saúde - Imediações do Sítios de Recreio Estrela D'alva.....	118

FIGURA 35. Animal em decomposição - larvas - risco a saúde - leite do córrego do Jardim Curitiba - região de hortaliças..... 119

FIGURA 36. Rego de água do fundo de vale do Sítios de Recreio Estrela D'alva que abastece horta local - distância menor que 3m para captação de água - risco à saúde 119

FIGURA 37. Horta localizada no fundo de vale do Sítios de Recreio Estrela D'alva - distância menor que 3m para captação da água em rego contaminado – risco a saúde 120

LISTA DE TABELAS

TABELA 01. População residente, localizada na zona rural e urbana - anos 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 1996 e 2003 – Goiânia, Estado de Goiás, Brasil -2003.....	42
TABELA 02. População residente na Região Noroeste de Goiânia – 2000	65
TABELA 03. Densidade demográfica da população segundo as regiões de Goiânia, 2000.....	66
TABELA 04. Pessoas residentes por faixa etária na Região Noroeste	69
TABELA 05. Situação quanto à propriedade da moradia segundo os bairros: Recanto do Bosque e Sítios de Recreio Estrela D'alva, Região Noroeste de Goiânia, 2000.....	72
TABELA 06. Instituições de ensino da rede pública municipal, localizadas na Região Noroeste de Goiânia - 2008	95
TABELA 07. Número de instituições de ensino da rede pública estadual, na Região Noroeste de Goiânia - 2008	97

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AGEHAB – Agencia Goiana de Habitação

AGMA – Agência Goiana do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais

APA – Área de Preservação Ambiental

CEF – Caixa Econômica Federal

CDs – Compact Disc (Discos Compactos)

CMEI - Centros Municipais de Educação Infantil

COMOB – Companhia de Obras e Habitação do Município de Goiânia

DPSE – Departamento de Ordenação Sócio Econômica

DVPE – Divisão de Pesquisa e Estatística

DVSE – Divisão de Estudos Sócio e Econômicos

EAD – Educação à Distância

ETA – Estação de Tratamento de Água

ETE – Estação de Tratamento de Esgoto

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais

MC – Meio Construído

ONU – Organização das Nações Unidas

OPAS – Organização Panamericana de Saúde

SANEAGO- Saneamento de Goiás

SEMARH – Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos

SEPLAM – Secretaria Municipal de Planejamento

PDIG – Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia

UCG – Universidade Católica de Goiás

UABSF – Unidade de Atenção Básica de Saúde da Família

1. INTRODUÇÃO

O estudo sobre a vulnerabilidade e a resiliência de população transferida de área de risco ambiental para área urbanizada - Região Noroeste de Goiânia – GO¹, é uma pesquisa quanti-qualitativo sobre um dos problemas que afeta a estrutura física e a dinâmica de vida nas cidades, com maior gravidade para a população migrante, expulsa do campo e que vai para este novo espaço em busca de condições de sobrevivência. Em geral esses contingentes vivem precariamente e se acomodam em áreas periféricas e/ou de risco, sendo considerados como “invasores” destes espaços urbanos, segundo estudos realizados por Moysés (2004).

A proposta de um novo paradigma sobre as questões da moradia, inclusão social e planejamento das cidades, tem procurado evidenciar as necessidades da sociedade partindo de uma visão holística e integrada tendo como eixo o Habitat e o Direito a Cidades Seguras e mais Humanas. Está evidenciada como prioridade na agenda social mundial – se trata de considerar e visibilizar a vida humana nas cidades e tratar sobre o acesso da população aos seus direitos humanos básicos, posição defendida atualmente pela Organização das Nações Unidas (ONU) - o direito de ter direito à cidade, Brasil(2004).

Procurando ter como eixo esse novo paradigma é que foi proposta esta pesquisa como um estudo exploratório do tipo quali-quantitativo com os seguintes

¹ Este estudo consiste em um dos cinco projetos do Programa de Pesquisas da Bacia Hidrográfica do alto rio Meia Ponte (GO): Um estudo interdisciplinar no contexto de Sociedade, Saúde e Ambiente, vinculado ao curso de Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde /UCG. Os projetos deste programa têm coordenações independentes, e estão sendo executados na área de abrangência do Rio Meia Ponte, no Estado de Goiás, na perspectiva multidisciplinar.

objetivos: 1 - geral – Identificar as vulnerabilidades, social, ambiental e de saúde e a resiliência dos moradores transferidos de áreas de risco para bairro consolidado na região Noroeste de Goiânia; identificar as diferentes formas gregárias desta população – os laços afetivos, relações familiares, conflitos e relações de vizinhança; caracterizar os aspectos físicos da Região Noroeste, os equipamentos públicos e o acesso da população local aos serviços de saúde, educação, transporte, segurança e lazer; estabelecer a relação entre a vulnerabilidade e a resiliência dos moradores a partir da transferência das áreas de risco para a região Noroeste Urbanizada.

Os dados secundários foram levantados por meio de pesquisa bibliográfica e os dados primários resultaram de entrevistas por saturação de informação que chegou a 10 sujeitos / mulheres, selecionadas intencionalmente, metodologia indicada por Ibañez (1994).

A seleção dos sujeitos foi feita a partir da pesquisa piloto, pela observação e constatação de que essas mulheres, em princípio, poderiam contribuir com mais qualidade para os objetivos propostos neste trabalho. Os objetivos da pesquisa foram identificar os aspectos que indicam a vulnerabilidade social, ambiental, de saúde e a resiliência dos/as moradores/as transferidos/as de áreas de risco para o “Sítios de Recreio Estrela D’alva” e “Residencial Recanto do Bosque” da região Noroeste de Goiânia, locais onde se concentra a população vinda das áreas de risco de Goiânia pela intermediação de Programas de Moradia da Prefeitura de Goiânia e Governo Federal.

Nestas áreas foram identificadas também, as condições sociais e ambientais a que esta população está submetido/a neste novo espaço; suas diferentes formas gregárias, tais como, os laços afetivos, as relações familiares,

os conflitos, as relações de vizinhança e o acesso aos serviços e equipamentos públicos.

Os critérios adotados para a inclusão dos sujeitos nessa pesquisa foram: ser responsável pela família, serem moradores/as maiores de 18 anos, ser ou não, originário do local, mas ter residido em área de risco no mínimo por 2 (dois anos), e que foram transferidos/as há menos 1 (hum) ano, para os dois Setores acima citados. Esta população que vivia em área de risco foi alvo de atenção dos Programas de Moradia dos anos 2000, do município de Goiânia sob as diretrizes dos Programas do Governo Federal.

E, finalmente, as informações obtidas sobre o perfil dessa população possibilitaram estabelecer algumas relações existentes entre a vulnerabilidade (possibilidade dos indivíduos sofrerem danos em razão de mudanças ou permanência de situações internas ou externas) e a resiliência desses moradores (superação de fatores de risco a que estão expostos por meio de comportamentos adaptativos ou adequados), segundo (Garcia, 2001).

O trabalho foi estruturado seguindo as referências teóricas de estudos sobre Vulnerabilidade, situação de risco social e ambiental, Resiliência - Proteção para o desenvolvimento humano, Migração interna, expansão e inchaço das cidades; Evidências de Vulnerabilidade e Resiliência.- Região Noroeste, acolhedora de migrantes, assentados em áreas de risco de Goiânia, em situação de vulnerabilidade. E, metodologicamente foram aportados dos trabalhos de Ibañez (1998); Ferrarotti (1997); Gagner (1994), cuja contribuição teórica nos traz reflexões e formulações sobre as técnicas de pesquisa qualitativa.

As considerações finais foram desenhadas a partir da interpretação das informações referentes aos dados obtidos na pesquisa bibliográfica,

demonstrados por meio de Quadro, Gráficos, Tabelas e os Textos produzidos a partir do discurso das entrevistadas, sendo todos eles, posteriormente cruzados. Os discursos foram formatados a partir da análise reflexiva e compreensiva das entrevistas por saturação de informações, própria da Antropologia, procedimento científico apropriado para este tipo de pesquisa, segundo (Ibañez,1998).

Identificamos que a Região é formada por população de baixa renda – maior incidência em até três salários mínimos; com nível de instrução predominante nas séries iniciais – até no máximo quatro anos de estudo, presença de um grupo expressivo de analfabetos; percentual expressivo de jovens – 0 a 19 anos – 50%; necessidade de programas preventivos de saúde, específicos para a adolescência e infância; necessidade evidente de escolas para atenderem a demanda da região; existência de programas para a integração do menor no mercado de trabalho – pouco expressivos diante do contingente populacional.

Constatamos que a população foi integrada à região pelo Poder Público em Programas de Moradia, há predominância de mão de obra informal – com dificuldade de integração no mercado de trabalho; as áreas verdes apresentam impactos ambientais evidentes provocados por lixos tecnogênicos e em putrefação, além da presença de invasões em áreas verdes por moradias; existência de gigantescas voçorocas e rego com impacto evidente de erosão; água contaminada utilizada em hortaliças ingeridas na região – impacto à saúde; transporte satisfatório, mas preço da passagem gerando peso no orçamento familiar.

Evidencia-se a necessidade de programas e políticas públicas que desenvolvam ações para as vulnerabilidades já evidentes; visto as famílias lá

instaladas manifestarem satisfação pelo espaço mais confortável de suas residências, mas evidente insatisfação quanto a dificuldade de acesso ao trabalho, como aquele desenvolvido na região anterior.

Há evidência, por parte do grupo social da região, de tentativas no sentido de estabelecer melhores condições de sobrevivência na área com outras modalidades de trabalho “venda de balinhas na feira Hippie e do Sol nos finais de semana”; preocupação por parte da população em torno de como se manter no local atual de moradia (pagar água, luz, IPTU, alimentação para os filhos); alguns participam de alguns programas do governo, bolsa escola, em sua maioria.

Diante destas evidências os resultados serão devolvidos à população participante da pesquisa e aos moradores dos Bairros selecionados e também servirão como subsídios para a publicação de artigos para apresentação de trabalhos científicos em Congressos e Seminários. Assim como serão, também, encaminhados para a Prefeitura de Goiânia, Parlamento Municipal e Estadual/GO no sentido de contribuir para a formulação e direcionamento de Políticas Públicas, sejam sociais, ambientais e em saúde para esta Região e para a cidade de Goiânia.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Retomar a história - entender as vulnerabilidades e a resiliência de populações transferidas de área de risco

Os estudos sobre os problemas sociais, urbanos, de saúde e ambientais, exigem uma visão mais ampla da sociedade para que se possa formular explicações de nexos causais, tal como exige o estudo sobre a vulnerabilidade e a resiliência da população, neste caso, transferida de uma área de risco ambiental para uma área periférica urbanizada de Goiânia.

É uma realidade contraditória, pois, busca-se resolver um problema social, mas não ataca suas causas, segundo Maricato (2006), prevalece uma concepção de gestão que atende os interesses dos setores de poder econômico na distribuição do espaço urbano e contempla os setores populares com políticas públicas pontuais para atender as demandas surgidas que é o caso de garantir direitos básicos como no caso, o de habitação. Os projetos implantados pelo poder público, estão localizados em regiões mais distantes e periféricas das cidades, sem se observar os novos riscos que gerarão em curto espaço de tempo novas vulnerabilidades exigindo outras intervenções.

Por essa razão, retomar a história dos problemas sociais e suas diferentes causas, principalmente no caso deste estudo, cabe retomar em Goiás e em Goiânia a década dos anos 1980 que foi palco dos acontecimentos marcados pela ocupação indiscriminada da terra pelos setores sociais vulnerabilizados que migraram do campo em decorrência do novo modelo da grande produção para a exportação em detrimento da produção de alimentos que havia até então. A solução apresentada, depois de duas décadas, foi promover o assentamento

dessa população, principalmente na Região Noroeste, de Goiânia, Portanto, o modelo de produção para exportação, foi um fator importante para a definição de um novo desenho de estrutura urbana que se amplia para a periferia, provocando o “inchaço das cidades”, que pode ser identificado no crescimento desordenado de Bairros de periferia e nos assentamentos destas populações em áreas de risco ambiental e social (Moysés, 2004).

Este fenômeno, provocado pelo crescimento da população urbana, afetou os aspectos físicos e sócio-econômicos da cidade e trouxe novos desafios para a gestão pública. Desafios estes, identificados na ampliação da exclusão social, no aumento da demanda por empregos, na informalidade do trabalho, na escassez de moradia que se tornou um problema crônico das cidades segundo Maricato (2006), além de proporcionar espaços para novas organizações e movimentos sociais pela casa própria.

Dessa forma, as invasões em Goiânia, segundo estudos realizados por Moysés (2004), registram as alternativas utilizadas pela população excluída para solucionar o problema – os movimentos de luta pela moradia. Estes movimentos sociais ocorreram na Região Noroeste de Goiânia e representaram a união e a organização das pessoas carentes na luta pela habitação no contexto urbano. Isso pode ser observado, segundo o mesmo autor, nos estudos sobre a história e formação de alguns bairros de Goiânia, geralmente, irregulares e em regiões periféricas. Neste processo, a Região Noroeste foi escolhida pelo poder público estadual nos anos de 1980, como uma área para lançar novos loteamentos, dentre eles, o Setor Finsocial e a Vila Mutirão, ambos destinados à população de baixa renda.

Esta é uma realidade constatada que conduz a estudos com foco e eixo de aspectos sociais e ambientais a partir dos problemas surgidos nas cidades modernas que não desenvolveram paralelamente uma estrutura econômica de produção agrícola diversificada, ou seja, que se sustentam pela grande produção de um só tipo de produto, desencadeando assim, uma situação de vulnerabilidade social e em saúde para a população que ficou desocupada e migrou do campo para outras cidades /regiões. Esta é uma situação que expõe as pessoas a sérios riscos sociais e ambientais, adversidades que exigem resiliência dessas populações, ou seja, construir positivamente as formas de lidar com esta realidade que envolve as condições precarizadas da vida (Garcia, 2001).

2.1.1. Vulnerabilidade. Situação de risco social e ambiental

Neste contexto, para os vários campos das ciências sociais, um dos principais desafios para o cientista está em desenvolver um conceito apropriado de vulnerabilidade por tratar-se de um termo tanto utilizado pelo senso comum quanto pelos estudiosos sobre questões ambientais (Cunha, 2004). Neste contexto, Cunha (2003), identifica 18 tipos diferentes de definições para o termo e assinala para os aspectos sócio-econômicos e políticos da vulnerabilidade.

No entanto, este conceito começou a ser tratado na área dos direitos humanos e mais tarde foi incorporado ao campo da saúde. Neste trajeto deslocou-se do campo da saúde e ampliou-se para a esfera da vida social ao campo da educação, do trabalho, das políticas públicas em geral, na medida em que se refere às condições de vida e suportes sociais, e não à conduta, segundo o conceito de risco sinalizado por Guareschi (2007) referenciado no local em que vivem os segmentos sociais.

A vulnerabilidade, conforme é vista por Ayres *et al.*, (1999), está na falta ou na não condição de acesso a bens materiais e bens de serviço ou recursos que possam suprir as necessidades do grupo ou do indivíduo tornando-os impossibilitados de viver em condições de bem-estar.

Já, Abramovay *et al.*, (2002), define a vulnerabilidade social como uma situação em que os recursos e habilidades de um dado grupo social são insuficientes e inadequados para lidar com as oportunidades oferecidas pela sociedade. A autora salienta que essas oportunidades estabelecem uma maneira de alcançar maiores níveis de bem-estar ou atenuar a possibilidade de degradação das condições de vida dos agentes envolvidos. Enquanto Guareschi *et al.*, (2007) considera que a conformação da vulnerabilidade social constitui-se em torno de conjunturas básicas:

[...] a primeira diz respeito à posse ou controle de recursos materiais ou simbólicos que permitem aos indivíduos se desenvolverem, se aperfeiçoarem ou se locomoverem na tessitura social; a segunda remete à organização das Políticas de Estado e bem-estar social, que configuram os componentes de oportunidades que provêm do Estado, do mercado e da sociedade como um todo – ligeiramente associado à capacidade de inserção no mercado de trabalho e acesso às políticas; e, por fim, a forma como os indivíduos, grupos, segmentos ou famílias organizam seus repertórios simbólicos ou materiais para responder aos desafios e adversidades provenientes das modificações dinâmicas, políticas e estruturais que ocorrem na sociedade, de forma a realizarem adequações e ocupações de determinadas posições de enunciação nos jogos de poder da organização simbólica e política (Guareschi, 2007, p. 20).

Sobre o conceito de vulnerabilidade, Cunha (2004), observa que pode ser enfocado pela debilidade ou pela força que os ativos ou recursos exercem junto aos indivíduos, famílias para enfrentar os riscos existentes no entorno e isto implica na perda de bem-estar. Neste caso, ocorre uma relação inversa à sua

capacidade para controlar as forças que modelam o seu próprio destino, ou para combater seus efeitos sobre o bem estar.

Castel (1998), acrescenta a esse conceito a caracterização sócio-histórica do lugar ocupado pela condição de assalariado, aspecto necessário para mensurar a iminência de ruptura que assusta as sociedades contemporâneas e chama a atenção para as temáticas da precariedade, da vulnerabilidade, da exclusão, da segregação, do desterro, da desfiliação. Aponta o trabalho como um suporte excepcional de inserção na estrutura social, pois considera a forte conexão entre o lugar ocupado na divisão social do trabalho e a participação nas redes de sociabilidade e nos sistemas de proteção que “cobrem” um indivíduo diante dos acasos da existência.

Portanto, a vulnerabilidade social para Castel (1998), é uma zona intermediária, instável, combina a precariedade do trabalho e a fragilidade dos suportes de proximidade. Refere-se como exemplo que, no caso de surgir uma crise econômica, o aumento do desemprego, a generalização do subemprego – neste caso, a zona de vulnerabilidade se expande, caminha sobre a integração e alimenta a desfiliação (reconstituição de um percurso e não uma ruptura) entendendo como a dissociação, a desqualificação ou a invalidação social.

É neste mesmo sentido que Cunha (2004, p.344) nos remete à seguinte afirmação:

[...] as fontes de vulnerabilidade social mais importantes na atualidade estão ligadas aos fenômenos de precariedade e instabilidade no trabalho, vinculados ao funcionamento do mercado, e com a desproteção e insegurança ligadas ao encolhimento do Estado e o debilitamento das instituições primordiais, família e comunidade.

É importante observar que a questão da vulnerabilidade social conduz nossa atenção aos pontos de oscilação que geram os estados limites, sendo

fundamental identificar a relação entre a situação atual e aquela de origem, Castel (1998), juntar o que se passa nas periferias com o que acontece em direção ao centro. Considerando os pontos de oscilação, a composição dos equilíbrios entre as “zonas” de vulnerabilidade pode servir como indicador privilegiado para avaliar a coesão de um conjunto social num dado momento.

Neste campo, precisam ser evidenciadas as relações existentes entre precariedade econômica e a instabilidade social e serem esclarecidos os processos que fazem transitar da área de integração à área de vulnerabilidade ou deslizar da área de vulnerabilidade à inexistência social. Saliencia-se que a exclusão (invalidação social) designa um estado de privação (Castel, 1998).

Assim, segundo este mesmo autor, a zona de vulnerabilidade alimenta as turbulências que fragilizam as situações conquistadas e desfazem os estatutos assegurados. A constatação disso abrange um período secular que marcou a condição popular com o selo da incerteza e, mais amiúde, com o do infortúnio em que os problemas suscitados pelas populações que fracassam nas fronteiras de uma formação social retornam para seu centro.

A utilização crescente do conceito de vulnerabilidade foi observada por Gomez (2001), nas discussões realizadas no “Seminário Internacional Las diferentes expresiones de la vulnerabilidad social en América Latina y el Caribe-ocorrido em 2001, Santiago de Chile”. Para abordar questões nos âmbitos econômicos e, sobretudo no âmbito social, o autor citado, destaca que nas ciências sociais a noção de vulnerabilidade está sendo utilizada profundamente em diversos enfoques, com temas voltados para pobreza, falta de proteção e desvantagens sociais e demográficas. O conceito de vulnerabilidade pode ser visto

como carência de poder, vulnerabilidade em relação com o risco de ficar abaixo da linha de pobreza, vulnerabilidade como carência de alternativas ou a incapacidade de colocá-las em seu favor e, vulnerabilidade como desajuste entre as alternativas e a estrutura de oportunidades (Gomez, 2001, p. 4).

Por sua vez, Busso (2001), refere-se à complexidade da medição da vulnerabilidade social. Para o autor, este conceito é dinâmico e multidimensional e abarca a exposição a riscos sociais e naturais que podem ocasionar variabilidade de renda, de consumos e de outras dimensões do bem estar material e não material, como o acesso aos serviços de saúde, educação e proteção social.

Para compreender a resiliência, segundo Gomez (2001), deve-se considerar a vulnerabilidade em cujas definições podem-se encontrar elementos comuns, tais como, a exposição a um elemento externo (ameaça, risco de mudança climática) que está fora de controle por parte do grupo exposto e inclui elementos internos que determinam a vulnerabilidade do sistema e, os que aparecem com maior frequência

Grau de exposição: tempo e modo que uma mudança externa submete um ecossistema; **Sensibilidade:** é o grau que uma mudança externa afeta o sistema ou, a intensidade da resposta de um sistema a um evento externo; **Capacidade de adaptação:** é a capacidade do sistema para ajustar-se à mudança externa, moderar os seus danos potenciais, aproveitar as oportunidades ou enfrentar as conseqüências. Outros autores utilizam o termo **resiliência** com um significado parecido: facilidade e rapidez do sistema para recuperar-se do stress (Gomez, 2001, p.5).

A vulnerabilidade ocorre a partir das mudanças abruptas identificadas em três processos: - no nível do lugar geográfico, do lugar social e do lugar biográfico, em paralelo, ou seja, uma ruptura em três processos chaves que dizem respeito diretamente à identidade do indivíduo e da família (Fullilove &Thompson, 1996).

Para os mesmos autores, a primeira ruptura, em nível geográfico, abala o apego emocional que a pessoa tem com seu ambiente físico e gera nostalgia que diz respeito a história da pessoa com o lugar que era fonte de proteção, segurança e satisfação. A segunda ruptura refere-se ao lugar social, pois gera desnortamento, atrapalha a pessoa nos aspectos pragmáticos da sua vida (conseguir dinheiro, trabalho, transporte, atendimentos em postos de saúde). Rompe a familiaridade que a pessoa tem com seu ambiente de que o sujeito sabia como funcionava e onde conseguiu atuar para alcançar as suas metas e satisfazer as necessidades dele e de sua família. E, a terceira é a do lugar biográfico, que diz respeito ao ambiente socialmente definido, no qual a pessoa deduz sua identidade, pois se refere a histórias e crenças que determinam o significado de morar em certo lugar.

Tanto no caso da migração voluntária, quanto do assentamento organizado, as famílias, ficam expostas a situações de risco de psicopatologia. Fullilove & Thompson (1996), destaca que o assentamento muda o lugar da pessoa na sociedade, tanto para si mesma, quanto sob o olhar do outro, uma ruptura que pode produzir uma alienação que ameaça o sentimento de identidade da pessoa envolvida. Cada um destes três, a nostalgia, o desnortamento e a alienação precisam de suas próprias estratégias de adaptação e, assim, exercerem uma pressão sobre o indivíduo, a família e o lugar.

Portanto, vulnerabilidade e resiliência são conceitos inter-relacionados tendo em comum a situação de risco. No entanto a população exposta a riscos depende, para superá-los, de elementos que estão relacionados com as condições e possibilidades de vida que favorecem ou não, desenvolver comportamentos adaptativos adequados – resiliência.

2.1.2. Resiliência. Proteção para o desenvolvimento humano

Assim como a vulnerabilidade, o termo resiliência encontra-se aplicado em diferentes áreas do conhecimento. Nos estudos sobre o desenvolvimento humano em situações de risco, a resiliência está relacionada com a situação de vulnerabilidade que envolve os seres humanos. A definição de resiliência tem origem em outros campos científicos e há muito tempo é utilizada pela Física e Engenharia. Em sua origem, este termo refere-se à "propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora da deformação elástica" (Paludo & Koller, 2005; Farias & Monteiro, 2006).

A resiliência como termo da psicologia encontra-se em fase de construção e debate, pois, o estudo vem sendo desenvolvido há pouco mais de 20 anos e o uso do termo é relativamente recente, não apresenta definição tão clara e precisa quanto a da Física, uma vez que se deve considerar os fatores e as variáveis que envolvem o seu objeto de estudo – os seres humanos (Yunes, 2003).

Nos anos de 1990 começaram a surgir publicações da Organização Panamericana de Saúde (OPAS) sobre o tema. De acordo com Farias & Monteiro (2006), resiliência tornou-se objeto de interesse e estudo de pesquisadores no Brasil e em outros países, tanto que a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS), no ano de 1997, foi a que definiu o novo padrão conceitual com base na resiliência e na promoção de saúde e do desenvolvimento humano.

São variadas as referências teóricas e metodológicas em que se baseiam os estudos mundiais sobre resiliência (Yunes, 2003). A maioria dos estudos brasileiros sobre o tema e relatados por Farias & Monteiro (2006), se referencia

na teoria dos sistemas ecológicos do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1996), e também com a teoria denominada psicologia positiva. Esta apresenta o sentido de ressaltar os aspectos positivos do desenvolvimento humano, que referenciam uma vida saudável. Os autores, afirmam que a resiliência possa ser encontrada dentre esses fenômenos considerados positivos para o desenvolvimento humano, ou seja, uma adaptação positiva a despeito das adversidades.

Neste sentido, superar a vulnerabilidade implica em observar e analisar as relações afetivas tratadas também pela psicologia. Sangrador (1991), salienta que na psicologia social existem diferentes modelos teóricos, que apresentam diversas perspectivas, na intenção de explicar o fenômeno da atração interpessoal e destaca que os de caráter cognitivo são baseados na teoria de reforço.

Diversas são as variáveis que se relacionam com a atração (similaridade atitudinal, complementaridade, etc.), e entre estas, a proximidade física é sem dúvida a mais importante no âmbito da psicologia ambiental, dado que, em definitivo a estrutura do meio construído (MC) determinará o grau de proximidade entre os indivíduos (Sangrador, 1991).

Portanto, a relação entre proximidade e atração é um tópico interdisciplinar, de que se tem ocupado tanto a psicologia social como a ambiental e nos reporta aos comportamentos adaptativos e adequados, próprios da resiliência.

Sangrador (1991), cita que os primeiros trabalhos nesta linha, analisaram os padrões de interação em uma comunidade industrial e comprovou que efetivamente as amizades dos residentes se dirigiam em maior medida para os

moradores do mesmo edifício do que para os adjacentes em que se manifestou uma maior interação e amizade entre os vizinhos ou as pessoas da mesma rua.

Sobre este mesmo assunto, em uma pesquisa realizada em Goiânia, foram encontrados resultados semelhantes. Neste trabalho, Gomes (2008), constatou que moradores que seriam transferidos de área de posse e risco, localizada na Vila Monticelli, em Goiânia, para o Residencial Santa Fé I, gostariam de manter os vizinhos, devido à relação afetiva que foi construída ao longo do tempo de residência entre a comunidade local.

Os mecanismos que caracterizam a resiliência podem ser também identificados nos estudos citados por Soczka (2005), que investigaram a influência das proximidades espaciais nas vinculações afetivas e laços funcionais apontam no sentido da vizinhança ser por si mesma, um elemento importante e determinante para se constituir as redes sociais urbanas. Cita também estudos que verificaram de forma precisa que a proximidade física, em termos de alojamento foi um relevante fator que contribuiu para as redes de afiliação social.

Este mesmo autor faz referência ao trabalho antropológico numa comunidade pobre, de operários, no bairro de Bethnal Green em Paris, concluindo que os laços de parentesco atuavam de maneira significativa nas preferências residenciais dos casais e, na infância, o *grande triangulo* era composto por mãe-pai-criança já, na vida adulta, o grande triangulo era definido por Avó-Marido-Esposo. O mesmo trabalho concluiu que o peso das vinculações familiares nas preferências residenciais e a prevalência nas redes de afiliação social local, ultrapassam gerações, sendo objeto de interesse dos terapeutas de família que alertam para a necessidade de observar estas questões para o planejamento urbano.

Existem também os laços afetivos com o lugar, denominado como Topofilia por Tuan (1980). Para Giuliani (2004), topofilia é a relação do indivíduo com o lugar onde mora. Esta relação pode estar vinculada com a funcionalidade que o bairro lhe proporciona, ou seja, a proximidade com o local de trabalho, escola e creches, espaços públicos destinados ao lazer (parques), proximidade com os parentes, etc. Sendo assim, a ruptura desta relação com o lugar, configura um fator de risco.

Segundo Paludo & Koller (2005), o termo resiliência é definido como a habilidade do indivíduo de superar as adversidades e com isto se distancia da idéia de resistência absoluta. Encontraremos em Masten (2001), outra definição que evidencia a natureza contextual e dinâmica da resiliência que considera fatores de inúmeras ordens que podem influenciá-la, além dela se expressar sempre diante de situações de risco que tem a capacidade para expor pessoas e populações a resultados negativos podendo estar presente tanto em características individuais como ambientais.

Quanto as características individuais encontram-se os riscos referentes as relações de gênero, os problemas de ordem genética, a falta de habilidades sociais, intelectuais e as limitações de ordem psicológica; já as questões relativas ao risco ambiental caracterizam-se por situações de vida estressante, falta de apoio social e afetivo e o baixo nível-sócio econômico. Portanto, o conceito de resiliência, na perspectiva da psicologia positiva, deve ser considerado, tanto nos aspectos teóricos quanto na aplicabilidade, no que se refere as características e riscos individuais e ambientais frente as questões de pobreza e violência das sociedades atuais (Farias & Monteiro, 2006).

O conceito de risco tem sido concebido como uma situação que predisponha resultados negativos, ou seja, a simples presença deste é o suficiente para se prever conseqüências indesejáveis (Cowan *et al.*, 1996 *apud* Paludo & Koller, 2005). No entanto, existe uma tendência dinâmica que vê a situação de risco como uma variável vinculada ao resultado provocado.

Sendo assim, a mesma variável pode provocar resultados diferentes para a mesma pessoa, em circunstâncias diferentes do seu desenvolvimento e ainda pode originar determinados resultados a uma pessoa e a outra não. Como, por exemplo, a situação de moradia em que os indivíduos vivem, pode influenciar negativamente no desenvolvimento destes, mas ao mesmo tempo promover algumas habilidades como fatores de proteção.

Segundo Gernerz & Masten (1994), são identificados três grupos que podem ser considerados fatores de proteção: as características da própria pessoa, a coesão familiar, o apoio afetivo e o apoio social externo. Os fatores de proteção têm a função de auxiliar o indivíduo a interagir com os eventos de vida e conseguir bons resultados, conseqüentemente, incrementar o processo de resiliência que, no entanto, não é uma característica fixa. O fato de o indivíduo apresentar resiliência em determinado momento da vida não significa que continuará a apresentar ao longo do seu desenvolvimento (Rutter, 1993; Zimmerman & Arunkumar, 1994).

Dessa forma, segundo Ceconello (2003), o estudo da resiliência requer uma compreensão dinâmica e interacional dos fatores de risco e de proteção. Além disso, faz-se necessário compreender a maneira como o indivíduo percebe e enfrenta as adversidades, decorrentes dos processos proximais ocorridos entre ele e sua história e rotinas, bem como a influência do contexto e do tempo

presente em que está vivendo. Exemplo disso, está na situação das populações de áreas de risco, que vieram do campo para a cidade e nela vivenciam diferentes formas de vulnerabilidade.

2.1.3. Evidências de Vulnerabilidade e Resiliência a partir da migração interna, expansão e inchaço das cidades

Um dos aspectos em que se evidencia a vulnerabilidade está relacionado com o processo de migração do campo para as cidades. Trata-se de um fenômeno presente em sociedades que se modernizaram e não se desenvolveram estruturalmente (Busso, 2001).

A relação campo-cidade/rural-urbano e a inclusão/exclusão social são faces de um mesmo processo, reflexo das políticas econômicas definidas para atender as demandas do mercado nacional e internacional em detrimento da pequena produção agrícola, voltada para atender as necessidades internas (Ortiz, 2003).

Portanto, o processo migratório é um tema que está relacionado com a organização da economia e para atender os interesses da grande produção agrícola brasileira desde os anos 1970 e a partir dos anos 1990 assume o formato neoliberal - que provoca a desintegração das economias de produção de alimentos de pequenos e médios produtores, expulsando a força de trabalho do campo para as cidades, como um dos segmentos das correntes migratórias que se dirigiram a Goiânia (Estevam, 1998; Maricato 2000). Pode-se evidenciar, pelas referências teóricas anteriores que este contingente passa a viver uma situação de vulnerabilidade.

Alguns municípios de Goiás, a cidade de Goiânia e a região do entorno de Brasília se tornaram pólos de atração destas correntes migratórias. Goiás que até há pouco tempo, se caracterizava predominantemente pela economia agropecuária, em decorrência da implantação de novas indústrias em alguns municípios, torna-se referência para a busca de emprego e serviços públicos por essa população migrante, que encontra neste novo espaço alternativo para sua adaptação à vida na cidade (Moysés, 2004).

As migrações internas se intensificam, aumentando nas cidades os assentamentos irregulares em áreas de preservação ambiental, fundos de vale e em espaços impróprios para garantir a sobrevivência digna dessa população. Segundo Maricato (2000; 2006), para esses migrantes, sem emprego e com uma vida precarizada, viver nestas áreas torna-se única alternativa para suprir a necessidade de moradia, constituindo assim, os bolsões de pobreza e o inchaço das cidades. Situação que a partir da visão de Busso (2001), se identifica como situação de risco e de vulnerabilidade social, conforme referências teóricas constantes do item 2.1.1.

A migração é um fenômeno que gera novas demandas em uma estrutura urbana que não estava preparada para atendê-las. Como consequência disso, ocorre o inchaço das cidades, aumentando a demanda por trabalho. É nesse processo que surge o déficit da moradia que atualmente, identificamos não só em Goiás, mas em todo Brasil. Segundo Fortunato & Ruscheinsky (2003), também desencadeiam outras demandas por serviços e equipamentos públicos e pela ampliação dos serviços já existentes, tais como de saúde, educação e outros que já estavam estruturados nas cidades.

Portanto, este fenômeno constitui em um dos problemas enfrentados pelos gestores do poder público no que se refere à distribuição do espaço urbano, principalmente na construção de moradias e garantia dos serviços públicos. Além disso, por não ser parte de uma ação planejada de política de Estado, repercute no mercado de trabalho aumentando os índices de desemprego, subemprego e a violência urbana que constituem uma situação de risco externo, relativa aos riscos ambientais, tratados no item 2.1.1 deste trabalho (Masten, 2001; Busso, 2001).

É diante desta realidade contraditória, que surgem os estudos sobre os problemas sociais, urbanos, de saúde e ambientais, e, especificamente este trabalho de pesquisa, no qual se pretende identificar a vulnerabilidade e a resiliência de população, em sua maioria, constituída de migrantes que ocupavam áreas de risco em Goiânia, e que foram transferidos para uma área periférica urbanizada.

No entanto, é uma realidade em que está presente uma contradição: mantém-se a política econômica que gerou esta distorção para preservar, segundo Maricato (2006), a ordem social fundada em um tipo de concepção da distribuição do espaço urbano, que é alimentada pela especulação imobiliária da terra, ao mesmo tempo, em que são implementadas algumas políticas públicas para atender esta nova e crescente demanda social, principalmente as demandas por habitação, cujos projetos são implantados pelo poder público, em regiões mais distantes e periféricas da cidade de Goiânia – distribuindo/ampliando o espaço urbano.

Estas tem sido soluções usadas para amenizar tensões sociais que para Fortunato & Ruscheinsky, (2003) são políticas pontuais e localizadas, de caráter parcial e fragmentadas, numa realidade em que estes setores desprivilegiados do

conjunto da população, continuam a reivindicar o acesso a bens e serviços e aos direitos básicos, tais como moradia, trabalho, transporte, educação e saúde, sujeitos a enfrentar riscos em situação de vulnerabilidade, neste novo ambiente.

Desta forma, a demanda constituída por famílias de trabalhadores expulsos do campo que buscam nas cidades maiores ou em pólos urbanos, a alternativa para a sobrevivência e, portanto com direito aos serviços e equipamentos públicos, alteram a dinâmica da cidade que, segundo Maricato & Tanaka (2006), implicam em consequências sociais, ambientais e econômicas, tais como a ocupação irregular do espaço urbano, além do desemprego, subemprego e marginalidade social que os coloca vulneráveis a riscos sociais e ambientais.

É, portanto, neste contexto capitalista, que são identificadas contradições - diferenças e desigualdades regionais e sociais, uma grande produção de riqueza e concentração da propriedade e da renda, ao mesmo tempo em que ocorre uma intensa proletarização da sociedade e o aumento dos problemas urbanos relacionados com trabalho, educação, moradia, saúde das populações e a degradação ambiental (Bourdieu, 1999).

Diante desses problemas, a perspectiva marxista aponta a existência de determinadas regras, procedimentos e fundamentos teórico-filosóficos, em todos os momentos históricos e culturas, resultantes do comportamento racional, que também direcionou historicamente o processo de produção, organização do espaço e a reprodução social e biológica. Segundo Marx (1978), cada modo de produção tem sua própria lei de população conforme o desenvolvimento das forças produtivas, forças essas que serviram e servem de indicativo de como a população vai reproduzir-se e distribuir-se nos diferentes espaços.

Portanto, no caso do presente estudo, se manifesta na precarização da vida as pessoas e na degradação do meio ambiente, tratados nas referências teóricas constantes dos itens 2.1.1 e 2.1.2, como fatores de risco, situações de vulnerabilidade e resiliência.

Esta realidade indica a necessidade de internalizar as bases ecológicas e os princípios jurídicos e sociais para uma gestão democrática vinculada aos direitos humanos construída a partir do diálogo com a sociedade civil, resultando em diretrizes que orientem a formulação de políticas públicas para atender as necessidades sociais básicas e referentes ao meio ambiente. É neste campo que podemos abordar o que diz Harvey (2009), sobre o direito à cidade

o direito de todos nós a criarmos cidades que satisfaçam as necessidades humanas, as nossas necessidades. O direito à cidade não é o direito de ter – e eu vou usar uma expressão do inglês – as migalhas que caem da mesa dos ricos. Todos devemos ter os mesmos direitos de construir os diferentes tipos de cidades que nós queremos que existam (Harvey, 2009, p.1).

Esta proposta reforça a necessidade de investigar as questões sociais e urbanas numa perspectiva de desenvolvimento social como consequência da organização da produção e a utilização dos recursos naturais observando seus impactos na população. Devem ser analisadas as políticas de Estado, principalmente as políticas que vão ao encontro da manutenção e preservação da vida, atendendo as necessidades humanas enquanto direitos fundamentais, como o da moradia, trabalho, educação, saúde, lazer, direitos reprodutivos e sexuais (Kliksberg, 1998).

No contexto urbano ou das cidades, segundo Maricato (2000), esta discussão está sustentada por posições teóricas dicotômicas referentes aos modelos de desenvolvimento econômico, crescimento da população, distribuição

espacial e a ocupação territorial, produção de alimentos, acesso a moradia, atenção à saúde e a educação, cuja solução impõe mecanismos de geração de emprego e renda, formas de organização do trabalho, políticas de distribuição de renda, acesso a educação e a saúde.

2.2. Cidade de Goiânia, Região Noroeste: acolhedora de migrantes assentados em áreas de risco em situação de vulnerabilidade

À medida que as oportunidades de sobrevivência foram se reduzindo no campo a população se dirige para as cidades² que torna-se um lugar atrativo e um espaço para a população excluída alcançar projetos de vida, dentre eles, emprego e moradia.

A referência sobre as cidades atrai às populações que buscam novas oportunidades e, neste sentido para Lefebvre (2001), a absorção do campo pela cidade, com predominância completa da produção industrial, até mesmo na agricultura, coexiste com a organização de uma vizinhança agrária. Já na cidade industrial, para este mesmo autor, em que populações rurais migram despojadas e desagregadas, percebe-se a proliferação dos subúrbios, resultado do processo de industrialização/urbanização, ocasionando um duplo movimento: explosão/implosão. Portanto, a urbanização não acontece sem a explosão da cidade e este é o ponto crítico: processo de industrialização e urbanização, planejamento, tipos do habitat e cotidiano urbano.

Segundo Carlos (2003), as soluções apresentadas para o problema da moradia, estão voltadas para amenizar os conflitos, pois apresenta como solução,

² Cidade é definida como rede de circulação e de consumo, como centro de informações e de decisões, se oferecendo como verdade total e dogma para impor-se em nome da ciência e do rigor científico. A imagem da cidade é cheia de simbolismos: ordem e hierarquia; sagrado e maldito; razão e luz; demônios e ansiedades (Lefebvre, 2001).

projetos que questionam o sistema capitalista (que cria esta situação) e, em sua proposta, não apresenta comprometimento com a realidade concreta, por ser aplicável apenas a uma parte da cidade.

No caso específico do presente estudo, que trata sobre algumas pessoas que viveram nas áreas periféricas que são consideradas de risco social e ambiental, a solução se apresenta sob a forma de Programas de Moradias desvinculados de um planejamento mais integral da cidade para efetivar a transferência destas populações para regiões consolidadas, em geral distantes da vida urbana, espaço apropriado aos estratos de baixo poder socioeconômico, reproduzindo as relações de desigualdades existentes (Carlos, 2003).

Segundo este mesmo autor, as referências urbanas apontam e marcam a relação entre a construção da identidade (sua constituição a partir da vida concreta) e da memória, que sustentam a prática. Portanto a destruição dos espaços aonde se desenrola a vida, coloca a identidade cidadão/metrópole num outro patamar, agora definido nos limites do mundo da mercadoria e do desenvolvimento da sociedade de consumo – neste momento incluindo o consumo do espaço. Isto está diretamente vinculado a vulnerabilidade social e a capacidade das populações carentes superarem os novos problemas.

Essa capacidade de superação dos problemas pode ser potencializada com a proposta de Fortunato (2003) e Maricato & Tanaka (2006) que trazem à tona a necessidade da participação social como aproximação do planejamento, organização e funcionamento urbano e social.

Para Fortunato (2003), é importante que os atores que experienciem este modelo de cidade possam suscitar e alimentar o debate democrático, ajudar na desconstrução de mitos, romper com a alienação, com a falta de transparência

administrativa e permitir a identificação dos interesses que influem nos investimentos públicos e reorientam a aplicação dos recursos.

Esta participação efetiva da comunidade nos destinos da cidade interfere na relação vulnerabilidade - resiliência deste grupo social, na forma de apropriação do espaço urbano, ressoando nos direitos de cidadania, qualidade de suas vidas, na reconstrução de parcela das relações sociais urbanas, possibilitando a emergência de novas perspectivas sobre o espaço urbano e como também a propósito do meio ambiente. Estabelecem diretrizes para uma política habitacional estruturada na participação da população organizada, com o resgate da sua cidadania, como alternativa aos setores marginalizados da sociedade (Fortunato, 2003).

Pode-se inferir que as mudanças contínuas que ocorrem nas cidades, no seu traçado, adensamento, desemprego, necessidade de investimentos em infraestrutura e em serviços que atendam à emergência de suas necessidades, têm ligação direta com o deslocamento do homem rural para a cidade – processo de migração que gera uma cidade improvisada. Por conseguinte, essa cidade tem sua expansão espontânea caracterizada por áreas de posse e bolsões de pobreza (Maricato & Tanaka, 2006).

No caso do Brasil, o processo de migração está também intimamente relacionado com o processo de urbanização decorrente da industrialização periférica implantada na Região Centro-Sul e da economia que, ao longo das últimas décadas, provocou o movimento interno da população para a Região industrializada. Posteriormente, ela se redirecionou para a Região Centro-Oeste, principalmente com a construção de Brasília inaugurada no final dos anos de 1950 e com mais intensidade para Goiânia. Em relação a todo Brasil, entre os

anos 1950 e 2003, houve uma variação significativa do grau de urbanização, pois em 1950 a população urbana correspondia a 36,2% e cresceu para 84,3%, em cinquenta e três anos, segundo o Ministério das Cidades (2004), conforme Tabela 1.

Em Goiás, o fenômeno não foi diferente. Os números registram que desde 1950 a 1980, a população goiana também imigrou da área rural ou de pequenas cidades interioranas para o centro urbano. Com isso, a população aumentou, de uma década para outra, cerca de 50% e, a partir dos anos 1990 até 1993 houve uma redução em Goiás e no Brasil caindo para um crescimento em torno de 5,0% a cada 4 anos, como pode-se constatar na Tabela 1, Plano Diretor Municipal (2006).

Tabela 1.: População residente, localizada na zona rural e urbana - anos 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 1996 e 2003 – Goiânia, Estado de Goiás , Brasil - 2003.

Situação do Domicílio	1950	1960	1970	1980	1991	1996	2000	2003
Goiânia Urbana	40.333	133.462	363.056	703.682	912.711	990.584	1.085.806	1.195.001
Goiânia Rural	13.056	17551	17.717	13.844	9.511	7.936	7.201	6.005
Goiás Urbano	245.667	575.325	1237108	2.401.098	3.247.676	3.872.822	4.396.645	4.675.664
Goiás Rural	969.254	1.337.964	1701569	1.459.076	771.227	642.145	606.583	653.658
Basil Urbano	18.782.891	313.030.340	52.084.984	80.437.327	110.990.990	123.076.831	137.953.959	146.679.752
Brasil Rural	33.161.506	387.674.230	41.054.053	38.573.725	35.834.485	33.993.332	31.845.211	27.286.300

Fonte: www.seplam.go.gov.br/sepin

Obs.: Dados organizados pela autora

Idealizada para acolher uma população estimada em 50.000 habitantes, Goiânia, capital do Estado de Goiás, torna-se o principal município que acolhe estes novos moradores, já em 1940, de acordo com os dados do Censo Demográfico/IBGE (PDIG, 1992), sua população alcançou a soma 48.166 habitantes distribuídos da seguinte forma: 18.889 na área urbana e 29.277 habitantes na área rural, o predomínio torna-se ainda evidente nesta última, mas o crescimento populacional para a área urbana começa a tomar força, o gráfico abaixo reforça o crescimento ascendente da população brasileira na área urbana da década de 1950 à 2003.

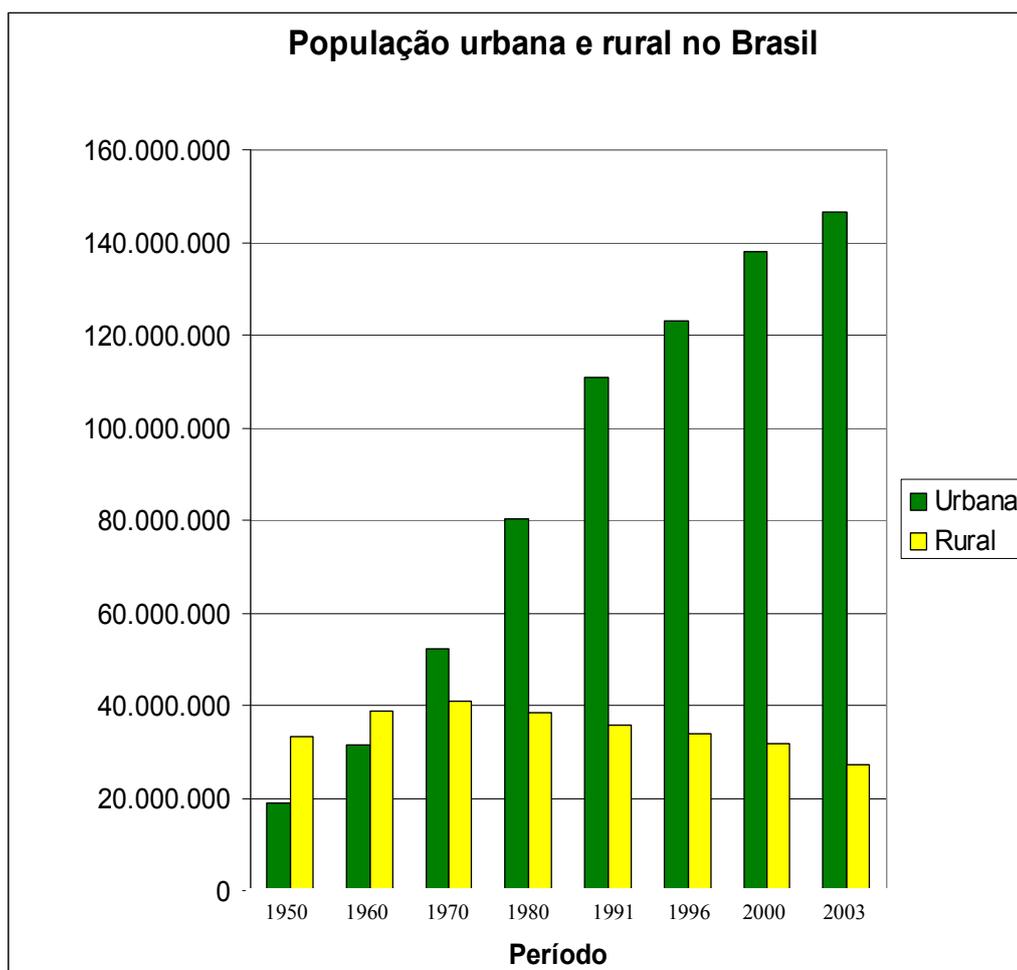


Figura 1. Gráfico da População Urbana e Rural no Brasil de 1950 a 2003.
Fonte: www.seplam.gov.br/sepin Obs.: Dados organizados pela autora

Tanto em Goiás quanto em Goiânia, entre os anos de 1950, 1960 e 1970, (Tabela 1), verifica-se uma explosão demográfica para a área urbana, sendo que em 1970 a população em Goiânia chegou a 380.773 habitantes e, trinta anos depois alcançou 1.093.007 (IBGE, 2000) incluindo a população rural que soma somente 7.201 pessoas, equivalente apenas à 0,7% do total (Plano Diretor, 2006) e, segundo estimativa do IBGE, em 2008, a população de Goiânia alcançou 1.265.394 habitantes.

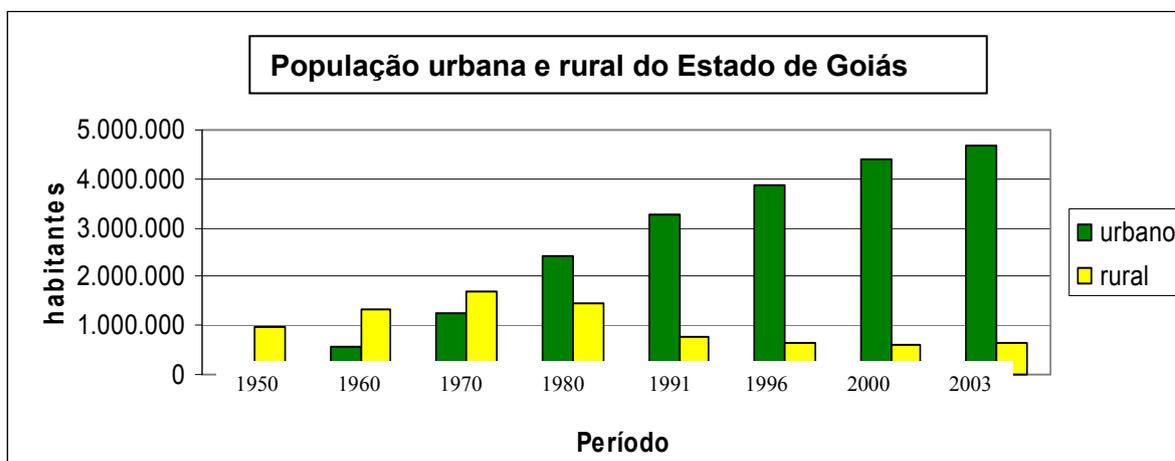


Figura 2. Gráfico da População urbana e rural do Estado de Goiás de 1950 a 2003.
Fonte: www.seplam.go.gov.br/sepin Obs.: Dados organizados pela autora

O crescimento populacional em Goiás na área urbana é cada vez mais ascendente, mas a queda da população rural em Goiás evidencia-se na década de oitenta quando a população de Goiás na área Urbana passa de 1.237 108 em setenta para 2.401 098 na década de oitenta.

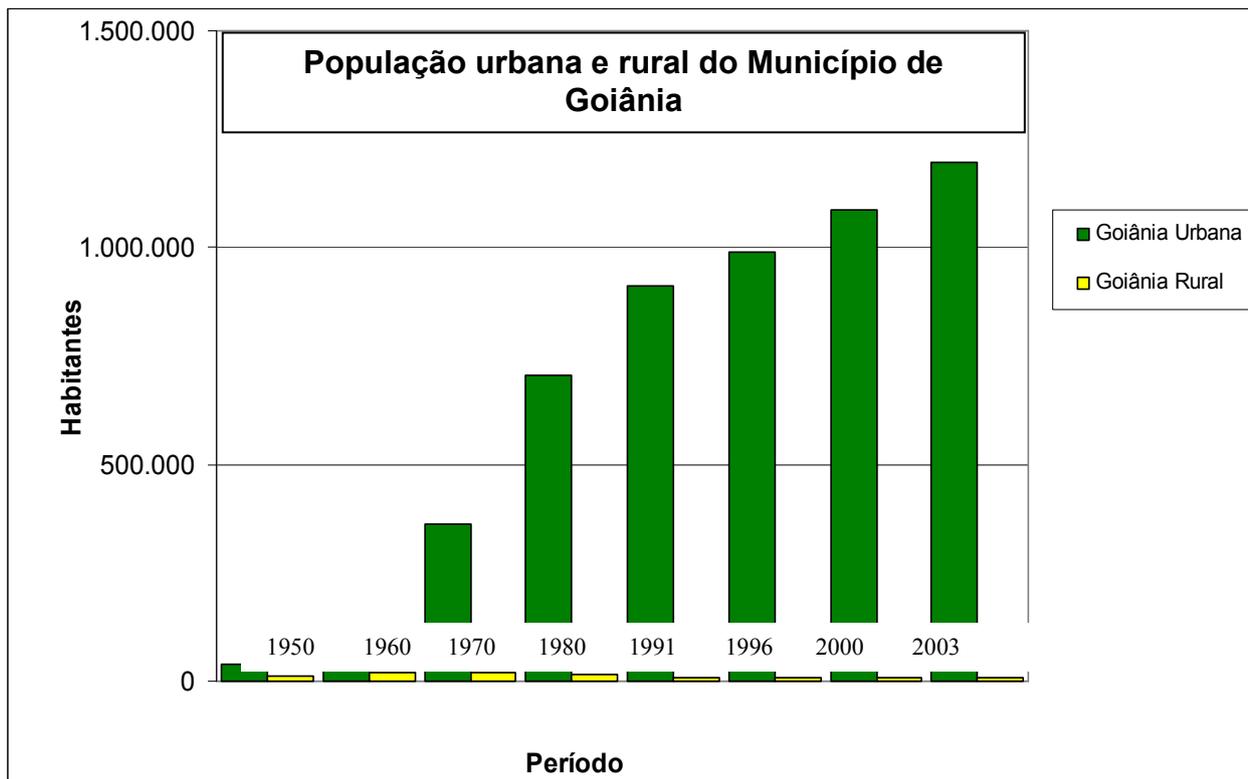


Figura 3. Gráfico da População urbana e rural do Município de Goiânia de 1950 a 2003
 Fonte: www.seplam.go.gov.br/sepin Obs.: Dados organizados pela autora

Segundo os dados fornecidos pela SEPLAM, em 1940 Goiânia tinha 18.889 habitantes na região urbana e 29.277 na rural, já em 1950 passa para 40.333 na urbana e 13.056 na rural, Souza (1996), considera que Goiânia evoluiu dentro de um planejamento, somente até 1950 e após este período:

Os administradores e políticos, de um modo geral, [se esqueceram] de gerenciar a cidade, conforme planejamentos e leis. Os locais de moradia passaram a se dispersar por áreas distantes, sem serviços públicos e benfeitorias urbanas. Os vazios demográficos de Goiânia, causados pela retenção de terrenos particulares sem utilização nas áreas urbanizadas, favoreceram os interesses especulativos, têm surtido graves problemas a toda sociedade e excluído os migrantes provenientes do êxodo rural. Essa prática supervaloriza as áreas mais centrais, deixando-as acessíveis somente aos possuidores de rendas médias e altas (Souza, 1996, p.7).

Por estes motivos a Região Noroeste foi palco de lutas e conflitos em busca do espaço para morar. Fato ocorrido que caracteriza vulnerabilidade e resiliência. Segundo Moysés (2004), as invasões em Goiânia, foram alternativas utilizadas pela população excluída para solucionar o problema da moradia e o momento de grande evidência coincide com o processo de urbanização a partir da década de 1960, iniciada nesta Região em áreas de propriedade da antiga Rede Ferroviária Centro – Oeste. Salienta Souza (1996), que segundo a Prefeitura Municipal de Goiânia, em 1976 se estimava a existência de 10.000 “invasores”, em um universo de aproximadamente 600.000 habitantes.

A década de 80 foi o marco dos acontecimentos na Região Noroeste. O grande problema, segundo Moysés (2005), para o poder público eram as ocupações de terras. Para defender o direito da propriedade e coibir a ação dos invasores fazia-se uso da força policial. Fato que caracteriza aquele momento histórico em que se desrespeitava os Direitos Humanos, infringindo o Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade” .

Dentre as regiões da cidade, Souza (1995) *apud* Oliveira (2005), ressalta a Noroeste, que teve como objeto de estudo o fenômeno do êxodo rural no processo de urbanização de Goiânia e as consequências para a cidade. O estudo foi desenvolvido na Região Noroeste por ser caracterizada por bairros de invasão e de intervenção governamental e ainda por abrigar migrantes da região rural e Oliveira (2005), enfatiza que a principal característica desta Região é a pobreza que a domina.

A resistência dos militantes do movimento social parecia refletir na fragilidade do serviço público em solucionar o problema de falta de moradia e fortalecia as lutas. De acordo com Moysés (2005), esse processo marca e diferencia a luta dos posseiros urbanos nos anos 80. Este momento coincide com a consciência política identificada nos invasores envolvidos diretamente no processo. Enquanto a questão da moradia era politizada, a população silenciosa e alienada do processo se posicionava sobre o que estava acontecendo. A esse respeito, Barreira (1992), identifica o avanço da consciência política dos posseiros urbanos de Goiânia,: “1) as lutas não eram mais isoladas; 2) vinham seguidas de concepções e discursos sobre direitos de cidadania; 3) não se reduziam à resolução de problemas imediatos; 4) estavam ligadas às articulações das instituições como Igreja e Partidos Políticos”

Era o momento, segundo o mesmo autor, de demarcar o território, definir traçado urbano e reservar áreas que seriam destinadas posteriormente à construção de equipamentos públicos de educação, saúde, lazer, espaços de convivência, igrejas enquanto do lado oposto, outros envolvidos articulavam paralelamente para recuperar o direito de propriedade.

Este fato despertava na cidade um novo momento. Opiniões divergiam sobre o assunto. De um lado o entusiasmo dos ocupantes e do outro a apreensão do poder público, no que se refere à ordem e segurança, haja vista, tornava-se evidente a tomada de consciência coletiva, o despertar da cidadania, em meio ao momento político ainda de repressão.

Os resultados foram dor e desespero diante das decisões de derrubadas dos barracos, sonhos construídos e destruídos em minutos:

[...] a violência tanto da polícia militar quanto dos fiscais da prefeitura, foi tão grande que, em alguns casos, nem os objetos de uso doméstico foram respeitados: “A pá mecânica da Prefeitura estava lá para cobrir cisternas na medida em que a área fosse desocupada” dizia o Secretário de Obras e Serviços Públicos da Prefeitura. Mais ainda, “a presença da polícia era para manter o equilíbrio”, pois, segundo o secretário, “era necessário para que os fiscais da prefeitura não fossem agredidos pelos moradores ou mesmo que os fiscais provocassem alguma agressão” (Moysés, 2005, p. 256).

Tornou-se evidente que situações de vulnerabilidade social como esta que o os moradores foram expostos desencadeou comportamentos que levaram à construção de uma rede de solidariedade, encorajou os componentes e fortaleceu a resistência para buscar aquilo que desejavam, conforme Moysés (2004).

Diante da resiliência apresentada por parte dos moradores, a Prefeitura viu-se obrigada a estabelecer um novo desfecho para a história, as autoridades passaram a ser mais amenas, começou a prevalecer o diálogo. Em meio aos rumores de desapropriação que circulavam na imprensa, bem como a reintegração da posse por força de decisão judicial, o então prefeito, em contraposição à decisão da justiça, assinou o decreto de desapropriação da área.

O invasor não é, em princípio, uma pessoa violenta, ou de má fé, em busca de benefícios pessoais. É, antes de mais nada, um condenado pela ausência de opções na cidade, que teima em ignorá-lo. É, antes de mais nada, um condenado pela ausência de opções na cidade, que teima em ignorá-lo. É, em suma, um chefe de família que busca condições de escapar à miséria por seu próprio esforço, e a qualquer preço” (Moysés, 2004, p. 260).

Ainda sobre questão habitacional destinada a população de baixa renda, destaca-se que:

As invasões em Goiânia não reproduzem o mesmo quadro alarmante que se nota nas maiores cidades brasileiras. No entanto, por se tratar de um problema urbano, que ainda não assumiu grandes proporções, **nem por isso deixa de demandar ações do poder público.** Pelo contrário, esta é a grande

oportunidade de antecipar-se à sua evolução, no sentido de impedir que alcance dimensões e complexidades (Moysés, 2005, p.261 – grifo do autor).

De acordo com Moysés, na década de 1980, o Estado assume a responsabilidade no processo de assentamento de população de baixa renda

As invasões (...) não adquiriram nenhuma configuração de **grandes aglomerações**, apresentando mais um **processo disperso**, ocupando os fundos de vales e outras maiores de propriedade do poder público (...). Infelizmente, o problema “invasões” tem sido enfrentado com **intervenções fragmentárias**, pautadas, sempre, nas necessidades de ajuda do Banco Nacional da Habitação. Na verdade, dificilmente se conseguirá propor uma ação mais aprofundada e de caráter mais amplo, que não demande recursos daquele banco. No entanto, o que falta **é uma coordenação mais racional de ações simultâneas**, de modo a dar um caráter **mais completo a intervenção** e principalmente **desdobrá-la em opções variadas** que possam lhe conferir **maior flexibilidade** (Moysés, 2004, p. 261/2 - grifo do autor).

As famílias que não tiveram chance de fixar moradia no Jardim Nova Esperança, segundo Moysés (2004), continuaram suas lutas em defesa do mesmo objetivo e mais duas tentativas ocorreram na mesma fazenda Caveiras, porém nenhuma foi consolidada.

A reivindicação da terra para moradia foi destacada da seguinte maneira:

A principal ação que caracterizou a organização dos movimentos sociais em Goiânia foi a ocupação/“invasão” territorial, fruto da luta pela moradia. De fato, de todas as carências imediatas, a falta da segurança de um teto era a que mais gerava identidade entre os trabalhadores. O Jardim Nova Esperança foi o primeiro bairro de ocupação/“invasão” organizada e coletiva em Goiânia. A ação que originou o bairro foi a primeira e a mais consistente manifestação da práxis sócio-espacial construída da interação entre intelectuais e meio popular. Foi o movimento que serviu de modelo e de referência para os outros movimentos de luta pela moradia em Goiânia. Foi também destaque nacional enquanto movimento social popular urbano. As pessoas que participaram do movimento – num total de aproximadamente 10 mil pessoas – tiveram suas vidas transformadas na formação do bairro (Oliveira, 2002, p. 20-21).

Diante do que foi exposto, tornou-se evidente que os esforços da população que necessitava de moradia na ocasião, foram importantes para conquistar o espaço da casa própria, consolidar o bairro e a Região como fato histórico na ocupação urbana da cidade de Goiânia e reforça o que foi colocado por Paludo & Koller (2005), quando relatam que a situação de moradia pode ter influências negativas no sujeito como também desenvolver habilidades que promovam mudanças em suas vidas.

3. O MÉTODO E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Caminho Percorrido

Para o estudo sobre “Vulnerabilidade e resiliência da população transferida de área de risco ambiental para área urbanizada - Região Noroeste de Goiânia – GO”, inicialmente, foram feitos estudos e visitas à área para definir os critérios de definição dos Bairros, seleção dos/as participantes da pesquisa e realização do registro fotográfico da área, observando os aspectos ambientais.

A pesquisa teve como objetivo identificar os aspectos que caracterizam a vulnerabilidade social, ambiental, de saúde e a resiliência dos/as moradores/as transferidos/as de áreas de risco para o “Sítios de Recreio Estrela D’alva” e “Residencial Recanto do Bosque” da Região Noroeste de Goiânia.

A metodologia escolhida foi a de um estudo exploratório, quanti-qualitativo, com levantamento de dados secundários pesquisados em estudos e trabalhos já realizados e na realização de entrevistas por saturação de informações, chegando a 10 (dez) entrevistadas, escolhidas intencionalmente (Ibañez, 1994).

Em seguida, para conformar o referencial teórico e a abordagem metodológica, foram identificados estudos e experiências de casos similares ocorridos anteriormente, que muito bem apontaram a situação de vulnerabilidade e resiliência de populações assentadas em outro Bairro da Capital nos anos 1980.

Os resultados finais foram sustentados pelas referências teóricas identificadas nos dados quantitativos e nos discursos tratados por meio da leitura reflexiva e compreensiva, a seguir, esses dados foram cruzados para a construção das conclusões.

3.2. Definição da área da pesquisa, categorias/variáveis e seleção dos sujeitos para as entrevistas

Inicialmente, para o planejamento do trabalho, foi feito o reconhecimento da área e realizados alguns registros sobre os aspectos físico-ambientais e sociais para selecionar os Bairros considerados representativos e localizar as casas onde moram os sujeitos transferidos de áreas de risco de Goiânia. Na visita feita à Região Noroeste de Goiânia, constatou-se que ela é constituída por 41 bairros e, dentre eles, foram poucos os que receberam a população transferida das áreas de risco de Goiânia, a partir dos anos 2000.

Para a definição da área da pesquisa, obteve-se informação oficial, junto à Prefeitura de Goiânia, de que a Região Noroeste foi escolhida pelo poder público para implantar, nos anos 2000, os Programas de Habitação para os moradores das áreas de risco ambiental da cidade. Dentre os diferentes Bairros, identificou-se nessa Região, duas áreas com as características próprias para a pesquisa, a partir da definição do seguinte critério: - área com maior concentração de moradores transferidos de áreas de risco. Foram elas: “Sítios de Recreio Estrela D’alva e Residencial Recanto do Bosque”, nomenclatura utilizada pela SEPLAM / IBGE (2000) e que será adotada para esta pesquisa.

Nesta etapa foi feito também o registro fotográfico da área, tendo como foco os aspectos ou características ambientais do “novo meio ambiente” para caracterizar o espaço urbano local.

A primeira área selecionada foi “Sítios de Recreio Estrela D’alva” e a segunda, “Residencial Recanto do Bosque”, urbanizada em duas etapas. Uma delas é de transferência recente da população, cerca de até dois anos e a

segunda etapa, deste mesmo bairro, há mais de sete anos. Seguem referenciadas abaixo (Figura 4).



Figura 4. Representação cartográfica das áreas selecionadas para a realização da pesquisa: Sítios de Recreio Estrela D'alva e Residencial Recanto do Bosque – Região Noroeste-Goiânia-GO.

Fonte: SIGGO.18- Prefeitura de Goiânia / SEPLAM / DPSE / DVPE, 2009.

Obs.: Sublinhado pela autora.

Em seguida, outras visitas possibilitaram ampliar os contatos feitos no local para identificar a população alvo e selecionar os sujeitos a serem entrevistados. Os dados obtidos foram identificados, selecionados e organizados em Quadro, Tabelas e Texto / Discurso segundo as variáveis agrupadas nas seguintes categorias – 1. Relato sobre a vivência nas diferentes fases de desenvolvimento - o convívio familiar e social – e o referente ao seu cotidiano na área de risco e no ambiente em que vive hoje (infância, juventude, local de origem, condição civil, idade, nível de escolaridade, tipo de trabalho, salário/renda, experiências nas

relações pessoais, afetivas, gregárias e familiares, vicinais, sexualidade, histórico de violência, uso de drogas). 2. Acesso aos Serviços e Equipamentos Públicos (saúde, educação, lazer, segurança, transporte). 3. Características do meio ambiente - área da pesquisa (aspectos históricos, físicos, infra-estrutura, expectativas e perspectivas da população, observações comparativas do novo ambiente em relação ao ambiente de risco).

A interpretação dos dados foi a partir das categorias formuladas pelo agrupamento das variáveis definidas e possibilitou identificar as vulnerabilidades sociais, ambientais, de saúde e o processo de adaptação à região, seja referente às questões sociais ou ambientais e às experiências vividas no ambiente de risco, como também as expectativas frente a moradia atual.

3.3. Tipo de Pesquisa: quanti-qualitativa, fundamentação metodológica / Dados Secundários e Entrevistas

O levantamento sobre estudos similares para a abordagem teórica definida, indicou uma pesquisa exploratória do tipo quali-quantitativa. As técnicas de coleta de informações possibilitaram conhecer a realidade da população dos bairros selecionados - “Sítios de Recreio Estrela D’alva” e “Residencial Recanto do Bosque”- Região Noroeste.

As informações obtidas foram viabilizadas por meio da pesquisa de dados secundários e de entrevistas por saturação de informações. Os dados foram tratados, a partir da inter- relação entre os discursos e as variáveis definidas para o trabalho e identificadas na leitura reflexiva e compreensiva do conteúdo das entrevistas que proporcionaram a interpretação das informações para as conclusões finais.

Em pesquisa, por razões práticas, é impossível abordar todos os sujeitos que compõem qualquer grupo de interesse a ser pesquisado, por isso escolhemos a perspectiva teórico-metodológica quanti-qualitativa. Esta metodologia possibilita obter informações por meio de pesquisa bibliográfica, buscando os dados contidos em estudos e levantamentos realizados (pesquisa secundária) para serem cruzados com os dados primários (Turato, 2003).

As entrevistas (pesquisa primária), ou seja, os dados produzidos em campo possibilitaram o conteúdo para a realização da leitura reflexiva dos discursos das entrevistadas. As entrevistas foram orientadas por um roteiro pré-definido, instrumento usado na pesquisa qualitativa e, realizadas com sujeitos já escolhidos intencionalmente (Ferrarotti, 1990; Gagner, 1994; Ibañez, 1994).

No campo da pesquisa qualitativa, as entrevistas, realizadas por saturação de informações, possibilitam aos/as entrevistados/as a expressão da autoridade individual manifestada pela linguagem a partir de suas vidas em seu cotidiano. O caráter subjetivo da estratégia metodológica adotada estimula os setores populares a se perceberem merecedores da atenção como “agentes”, sentindo-se “sujeitos humanos”, um ego individualizado (Jonas, 2002).

Na literatura sobre metodologia de pesquisa, encontrou-se em Ferrarotti (1990), que os discursos representam a fala e as vozes dos segmentos excluídos vivendo o seu cotidiano. E, o pesquisador, ao observar essas vozes sobre a realidade declarada em suas inter-relações, nota que nem sempre ela é expressa de forma clara por meio das palavras; no entanto, pode ser desenhada e interpretada pelo que se pode perceber nas entrelinhas, gestos, sentimentos e expectativas pessoais, presentes no diálogo estabelecido.

Nesse sentido, o método qualitativo é o principal norteador desta pesquisa, pois oferece elementos descritivos básicos para o tema em estudo. Este método possibilita a exploração do diálogo estabelecido, indo além da perspectiva temporal. Isso, segundo Ferrarotti (1990), significa recorrer à memória viva com informações que tem suas raízes na experiência real, a partir do olhar do informante sobre sua vida.

Assim, o qualitativo como método e os relatos de vida por meio de entrevistas constituem os instrumentos de investigação, que, para Ibañez (1992) e Ferrando (1996), confirmam os dados secundários obtidos. Esses dados estão relacionados com as anotações do diário de campo³ e com as informações oficiais sobre a cidade, os bairros e a vida das pessoas.

Soma-se a essas informações o texto do discurso, que aborda a vida cotidiana, as relações interpessoais daqueles moradores/ras e a relação entre os indivíduos: a vida doméstica, o trabalho, o acesso aos serviços. Assim, essas questões estão entrelaçadas com as observações sobre a vida pessoal: a intimidade, os sentimentos, cujas dimensões estão inscritas na construção da identidade e na subjetividade.

3.4. O trabalho de Campo – levantamento dos dados

O trabalho de campo foi realizado no período de maio a novembro de 2008 e consistiu no levantamento dos dados secundários para identificar a realidade do ambiente e das estruturas e serviços públicos locais e do perfil sócio-demográfico da população dos Setores selecionados: “Sítios de Recreio Estrela D’alva” e

³ O diário de campo foi constituído de notas a partir das observações feitas pela pesquisadora sobre o que nem sempre é dito por meio de palavras, mas nos gestos, manifestação de sentimentos, expectativas pessoais presentes no decorrer das entrevistas.

“Residencial Recanto do Bosque”. Nesse período, foram realizadas as entrevistas por saturação de informações com foco nos indicadores de vulnerabilidade e resiliência destes sujeitos neste novo ambiente em que vivem. Para as entrevistas (pesquisa primária), foi definido um roteiro orientador de acesso estrito da pesquisadora para acompanhar o conteúdo dos discursos, sem, no entanto haver intervenção ou indagações junto às entrevistadas, caso necessário estimular as falas. O Roteiro foi composto dos seguintes itens: 1. Relato sobre a vivência nas diferentes fases de desenvolvimento, aspectos da vida pessoal (infância e juventude), identificação e local de origem, o convívio familiar e social (vida familiar, sexualidade, relações afetivas, gregárias, de amizade, fatos ocorridos durante o tempo de vida e o referente ao seu cotidiano na área de risco e no ambiente em que vive hoje); 2. Acesso aos Serviços e Equipamentos Públicos (saúde, educação, lazer, segurança, transporte). 3. Características do meio ambiente - área da pesquisa (aspectos históricos, físicos, infra-estrutura, expectativas e perspectivas, observações comparativas do novo ambiente em relação ao ambiente de risco).

Os dados secundários foram levantados na pesquisa Bibliográfica, junto às seguintes Instituições Públicas: IBGE, Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Goiânia / SEPLAM, Secretaria de Obras / COMOB, além de informações de estudos/pesquisas acadêmicas sobre o assunto. Os dados consistiram nas informações sobre a população em geral (Goiás, Brasil) e de Goiânia: residente na área, sexo, tipos de domicílio por ocupação, renda, atividade econômica, equipamentos públicos, acesso aos serviços públicos e serviram para contextualizar e confirmar as informações obtidas a partir dos discursos das entrevistas.

Adotou-se, paralelamente, a observação direta intensiva e indireta para complementar as informações contidas nos discursos. A observação direta intensiva ocorreu a partir da observação da vida cotidiana dos sujeitos (falar e ser) e a observação indireta foi realizada por meio de dados secundários utilizados para traçar o perfil sócio demográfico da população e da área conforme indicam Marconi & Lakatos (2003). Junto a isso, foram identificados os equipamentos públicos, com todas as observações devidamente registradas no diário de campo.

Em seguida, foram agendadas previamente as entrevistas, que foram realizadas com a duração de 90 minutos, em média, em local reservado, próximo à residência das participantes.

Pela técnica de saturação de informações, principal eixo metodológico deste trabalho no aspecto qualitativo, chegou-se a 10 (dez) entrevistadas, selecionadas intencionalmente, a partir dos seguintes critérios, previamente definidos:- ser responsável pela família, ter mais de 18 anos, ser ou não, originário do local, ter vivido em área de risco por no mínimo 2 (dois) anos ou mais; estar morando na Região, há pelo menos 1 (hum) ano e, terem sido identificadas com a possibilidade de contribuir com o seu conhecimento para os objetivos da pesquisa.

Em seguida, para preservar a identidade das 10 (dez) entrevistadas selecionadas, foram listadas as variáveis pertinentes aos objetivos do estudo para orientar o texto final e, posteriormente, agrupadas em três categorias - 1. relato sobre a vivência nas diferentes fases de desenvolvimento desde o convívio familiar e social de seu cotidiano na área de risco e no ambiente em que vive hoje; 2. Acesso aos Serviços e Equipamentos Públicos; 3. Características do meio ambiente - área da pesquisa.

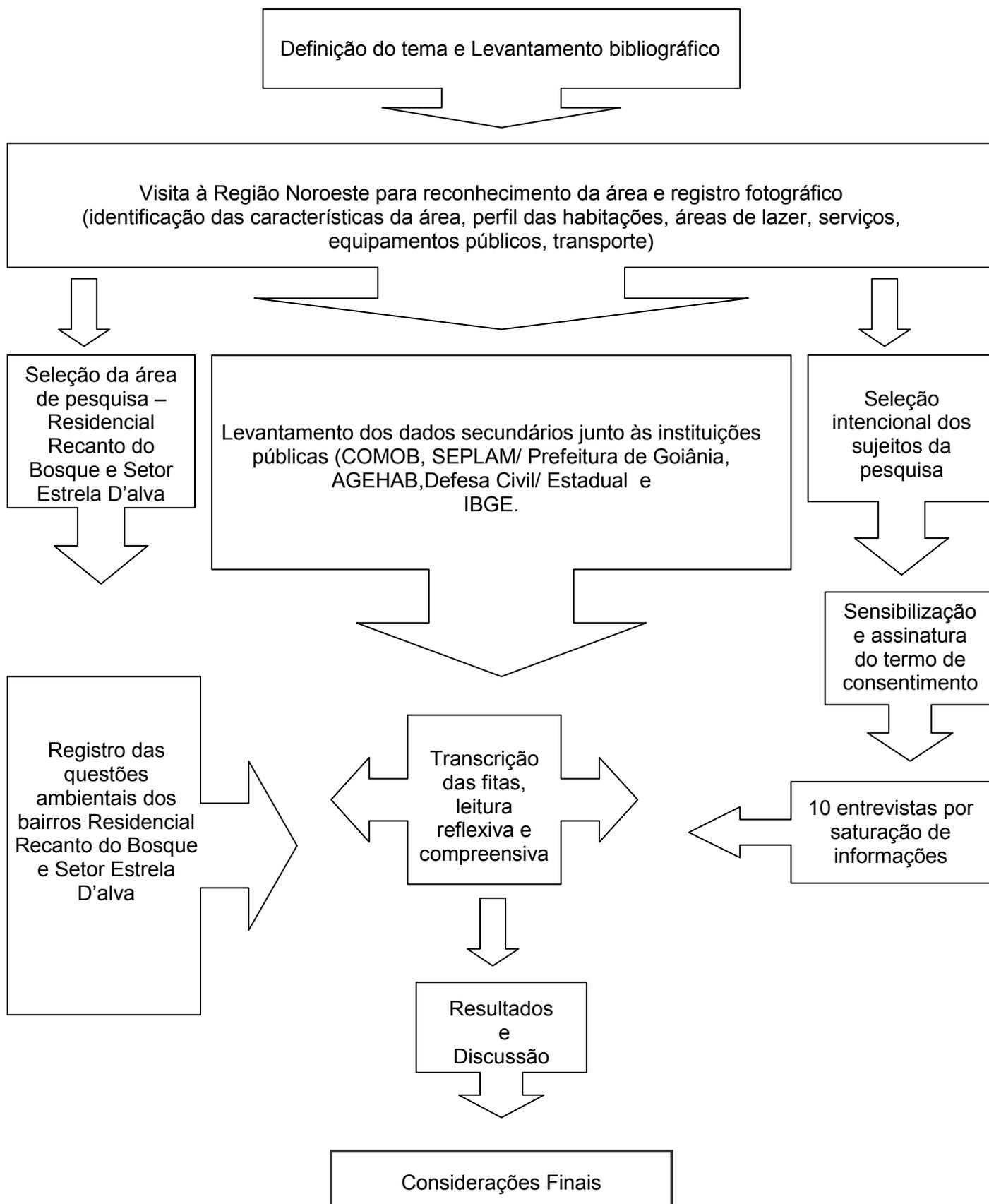
Para garantir o sigilo e a confidencialidade das mulheres pesquisadas foi feita a codificação individual para posterior nomeação das participantes, segundo o que segue: número de ordem de cada entrevista, as iniciais do nome da entrevistada, idade, raça/cor/etnia. Assim foram codificadas - Entrevistada 01 - (1dcf19n); 02 (2dac38n); 03 (3efs40n); 04 (4ifs64n); 05 (5jrs33n); 06 (6vsc23b); 07 (7jfp18b); 08 (8lsf35b); 09 (9eas31n); 10 (10ep28n).

Após a transcrição das entrevistas gravadas nos CDs (Discos Compactos), foram identificadas nos discursos, as principais variáveis constantes das categorias adotadas, informações que expressam os indicadores da situação de vulnerabilidade e resiliência desta população por meio da leitura reflexiva.

Seguiu-se a leitura compreensiva, que segundo Ibañez (1998), consiste na interpretação do texto construído a partir do discurso dos sujeitos, tendo como referencia o conteúdo manifestado sobre o seu cotidiano, revelado por palavras, gestos e expressões acerca de como construíram as suas vidas neste novo ambiente, elementos que conformaram as conclusões do trabalho.

O resultado final desta investigação será apresentado sob forma de relatório, conforme os procedimentos científicos, colocado à disposição da população participante da pesquisa e moradora dos Bairros. Ainda, será elaborado e publicado artigo científico sobre os resultados e apresentado em Congressos e Seminários, além de ser divulgado junto a Prefeitura de Goiânia, Parlamento Municipal e Estadual / GO.

3.5. Protocolo Geral



3.6. Aspectos Éticos

3.6.1. Critérios de Inclusão/exclusão

A seleção dos sujeitos da pesquisa foi feita considerando os seguintes critérios: homens e mulheres, prioritariamente responsáveis pela família, com idade acima de 18 anos. Ainda, ser ou não, originário do local, mas ter residido em área de risco no mínimo por 2 (dois anos) e estar morando há pelo menos 1 (hum) ano no “Sítios de Recreio Estrela D’alva” ou “Residencial Recanto do Bosque”.

3.6.2. Termo de consentimento

Antes da realização de cada entrevista, foi apresentado e lido aos participantes um termo de consentimento livre e esclarecido com explicações sobre a pesquisa, seus objetivos, natureza, duração, benefícios e os procedimentos para sua realização (vide Anexo). Tudo isso para a finalidade de obter a livre adesão de voluntários para participarem da investigação.

3.6.3. Cumprimento de aspectos ético-legais

Este projeto atende à Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 1996).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo evidenciou a situação de vulnerabilidade a que está exposta a população estudada: migrantes que se transferem, com precariedade, do campo para as cidades, as situações que enfrentam e as formas de superação que encontraram para se adaptarem a essa nova vida. Trata-se de um fenômeno presente em sociedades que se modernizaram e não se desenvolveram estruturalmente, gerando a insegurança nos segmentos mais vulneráveis, e provocando o fenômeno da exclusão social que desafia este segmento ao rearranjo de suas vidas. São populações que se conduzem conforme o projeto político dos detentores de poder e do movimento da economia. Portanto, são aqueles/as trabalhadores/as que servem à produção da riqueza nacional e que são descartados, quando é alterado o eixo da economia que geralmente ocorre em tempo de crise e está junto com o uso de novas técnicas.

Para desenvolver este trabalho, observou-se três grandes categorias que proporcionaram fazer a leitura dos discursos e registrá-los tendo como referência para análise, a leitura das posições teóricas que abarcam esta realidade:

4.1. Relato sobre a vivência. Vulnerabilidade. Situação de risco social e ambiental

A manifestação das participantes desta pesquisa reforça a literatura, pois, constatou-se que entre a população transferida para as novas moradias, a maioria, veio do interior de Goiás ou de outros Estados. Pode-se identificar nos relatos que sete, das dez moradoras entrevistadas, são de outras regiões, dentre elas Tocantins, Piauí, Minas Gerais e de Goiás (antes da divisão do Estado) e

muitas delas passando por Brasília e fixando residência em Goiânia - em sua maioria, pessoas que trabalhavam no campo.

Desejosas de novas oportunidades de trabalho e de uma vida melhor, aspiração assimilada das propagandas dos meios de comunicação, essas famílias vislumbram novas oportunidades e encontram a cidade com suas estruturas sem condições para atendê-las. Encontram de imediato, a falta de moradia, e isso gera mais pressão social que é reforçada pela demanda por serviços e por equipamentos públicos de saúde, educação, creches, trabalho e outros.

[...], nois veio pra cá praquê é mais fácil assim, pra gente que é mais fraco de condição sobrevivê aqui é melhor, né? Eles um ena comestive, ropa, essas coisa, calçado. É mais fácil. Lá no interior é mais difícil, NE. [...] E hoje cada um tem sua casa (9eas31n)

Este deslocamento da população, caracterizado pelo movimento migratório interno, foi provocado pelo processo de industrialização e modernização periférica brasileira. E, se intensificou na Região Centro-Oeste com a construção de Brasília na década de cinqüenta, e parte dessa população migrante, se direciona para Goiânia provocada pelo estímulo da difusão de possibilidades de novas oportunidades de trabalho em regiões urbanizadas. Este movimento configura-se na intensificação do processo de urbanização, pois, os trabalhadores procuram as regiões de fácil deslocamento e de melhores possibilidades para melhorar suas condições de vida.

[...] ela veio pra trabalhar no Arisco, ai não tinha onde ficá, ai ficou na casa do primo, lá era mais perto pra deslocar pro Arisco (4ifs64fn).

No entanto, chegam às cidades e encontram outra realidade

[...] aqui pra ganhar dinheiro num é fácil não. Cê tem que trabalhá pra lá pro centro, né? Aqui cê num ranja serviço perto não. Agora, lá onde eu morava, na invasão...[...] era difícil, era ruim porque num tinha casa própria, né? Mais pro serviço era mais fácil. Aqui tinha que tê era um... mais benefício pra gente podê trabalhá. Aqui num tem. Pá trabalhá tem que i pra fora. Pro Centro, pra lá (9eas31n).

Conforme dados relativos ao processo de urbanização, em 2003 mais de 80% da população brasileira e goiana passou a viver na área urbana, que corresponde a 84,3% no Brasil e 87,7% em Goiás, sendo que em nosso estado Goiânia é o principal município que acolhe estes novos moradores (Tabela 1).

Na Região Centro-Oeste, Goiânia foi uma destas cidades referencia para as correntes migratórias, causando um inesperado crescimento populacional, povoando a periferia da cidade, em geral sem condições humanas de moradia. A exemplo disso, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população residente da Região Noroeste de Goiânia, em 2000, era de 111.389 habitantes distribuídos em 10 Bairros, correspondendo, no mesmo período a 10% do total do contingente populacional de Goiânia, e, em 2008, eram 1.265.394 habitantes com uma densidade demográfica de 3.569,88 habitantes/KM².

Tabela 2. População residente na Região Noroeste de Goiânia – 2000.

Bairros	População residente			
	Total	Homens	Mulheres	%
Bairro São Carlos	6.466	3.191	3.275	5,8
Conjunto Primavera	7.113	3.563	3.550	6,4
Jardim Curitiba	18.156	9.003	9.152	16,3
Jardim Liberdade	6.016	2.958	3.057	5,4
Residencial Recanto do Bosque	4.329	2.127	2.202	3,9
Setor Parque Tremendão	8.131	4.142	3.989	7,3
Sítios de Recreio Estrela Dalva	3.878	2.000	1.878	3,5
Sítios de Recreio Morada do Sol	7.612	3.834	3.778	6,8
Vila Finsocial	17.183	8.513	8.670	15,4
Outros Bairros	32.505	16.192	16.315	29,2
Total	111.389	55.523	55.866	100,0

Dados trabalhados pela Prefeitura de Goiânia – SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE
 Fonte: Censo demográfico 2000 – IBGE

De acordo com os dados registrados pelo Censo de 2000, conforme consta no Plano Diretor (2006), Goiânia continuou atraindo pessoas para morar, do universo de 1.093.007 habitantes, 265.045 ou 24,2% não nasceram em Goiás, são dos estados da Região Sudeste, Nordeste e Norte.

Tabela 3. Densidade demográfica da população segundo as regiões de Goiânia, 2000.

Região	População	%	Área (KM)	%	Densidade Demográfica (Hab/Km ²)
Central	145.960	13,44	23,27	6,12	6.271,55
Sul	165.288	15,22	31,01	8,16	5.330,89
Macambira Cascavel	93.000	8,57	22,28	5,86	4.173,66
Oeste	65.355	6,02	39,87	10,49	1.639,02
Mendanha	56.393	5,19	31,78	8,36	1.774,29
Noroeste	111.389	10,26	31,20	8,21	3.569,88
Vale do Meia Ponte	52.640	4,85	19,52	5,13	2.696,85
Norte	63.840	5,88	40,33	10,61	1.582,94
Leste	106.966	9,85	41,68	10,96	2.566,28
Campinas	123.530	11,38	20,07	5,28	6.153,85
Sudeste	43.807	4,03	32,24	8,48	1.358,75
Sudoeste	57.638	5,31	46,87	12,33	1.229,79
Total	1.085.806	100,00	380,13	100,00	2.856,37

Dados trabalhados pela Prefeitura de Goiânia – SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE
 Fonte: Censo demográfico 2000 – IBGE

Este contexto, somado ao progresso sanitário verificado após a Segunda Guerra Mundial, são reforçadores do processo de urbanização e do crescimento demográfico, explicado pela alta taxa de natalidade em contraste com o índice de mortalidade em declínio e pela melhor qualidade dos padrões de vida da população, surgidos com a urbanização.

Ah! você mora lá no pé de toddy? Lá no Estrela Dalva pé de toddy? Que carrapato tinha de montão, nas parede, assim parecendo um caroço de feijão subindo [...] com perna, de tão isquisito que era, você não podia deixar cinco minuto uma panela descoberta, ou um jogo de lata, ou outra coisa, que enchia de

carrapato. Aqueles monte assim, aquela fileirinha assim subindo na parede (8lsf35b).

Registra-se que no início da ocupação da Região Noroeste, ainda zona rural, na época, os serviços de água / coleta de lixo e saneamento básico eram precários

[...] água era uma mangueira que o povo mesmo da COMOB tava com um barracão com uma mangueira que eles cediam água pra todo mundo. Ai assim, cada família tinha que encher a sua caixa e ficava até duas, três horas da manhã pra poder encher a caixa, porque aqui nessa rua e na rua de baixo foram muitas famílias pra uma mangueira só (8lsf35b).

Nos bairros em questão (Região Noroeste de Goiânia, “Sítios de Recreio Estrela D’alva” e “Residencial Recanto do Bosque”, dos 2.154 moradores responsáveis pelos domicílios, há predominância daqueles que recebem entre 1 (hum) e 5 (cinco) salários mínimos. Aqueles que recebem entre $\frac{1}{2}$ a 2 salários mínimos e os que residem no Sítios de Recreio Estrela D’alva são mais de 55%, enquanto no Residencial Recanto do Bosque são aproximadamente 40%, da população total da Região, o que comprova os estudos e pesquisas que constataram ser a Região Noroeste de Goiânia, de baixa renda e de população precarizada. (Anexo).

[...] eu ralo bastante, quando dá, eu faço bordado, porque eu bordo em pedraria, faço sandálias, faço tudo [...] os jovens aqui não tem um curso pra fazê, não tem um curso pra falar assim: é um jovem aprendiz. Não tem. Os jovem só vive na rua (8lsf35b).

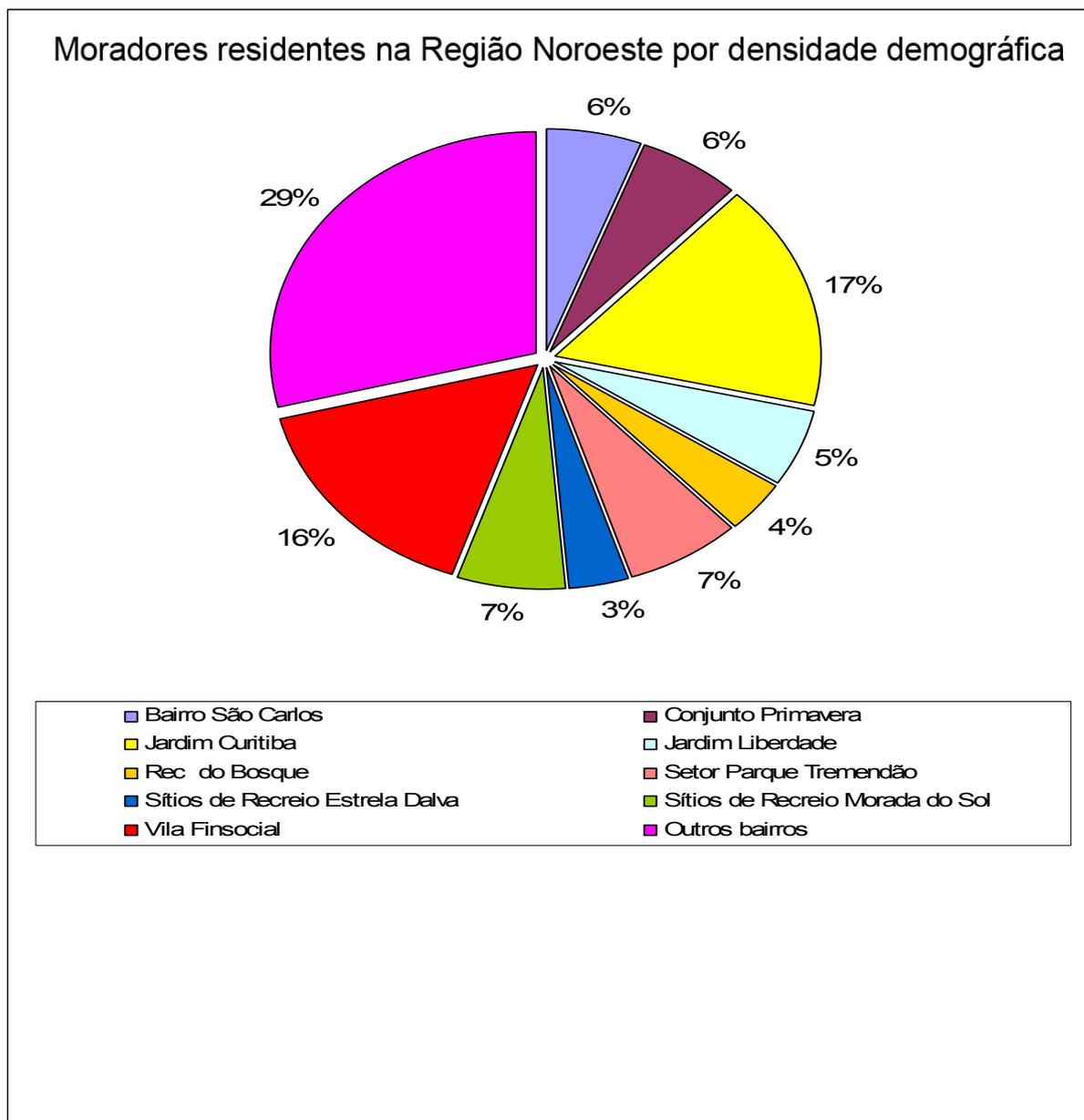


Figura 5. Gráfico de moradores residentes em dez bairros da Região Noroeste – por densidade demográfica.

Fonte: www.seplam.go.gov.br/sepim Obs.: Dados organizados pela autora

Quanto a idade da população, a faixa etária de 10 a 39 anos representa 65,3% do total da Região, o que nos faz refletir sobre a importância de Escolas e de capacitação para o mercado de trabalho. No entanto, pressupõe-se que deste total, 41,7% deve ter família constituída e já está no mercado de trabalho.

Tabela 4. Pessoas residentes por faixa etária na Região Noroeste.

Bairro	Faixa Etária								Total
	0 – 4	5 – 9	10 - 19	20 - 29	30 - 39	40 – 49	50 – 59	60 ou mais	
Rec do Bosque	586	442	799	1.066	801	396	152	87	4329
Sítios de Recreio Estrela Dalva	450	433	770	858	676	322	177	192	3878
Demais bairros	11.880	11.316	21.994	21.538	16.809	10.247	5.280	4.118	103.182
Total Região Noroeste	12.916	12.191	23.563	23.462	18.286	10.965	5.609	4.397	111.389

Dados organizados pela SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Obs.: Dados trabalhados pela autora

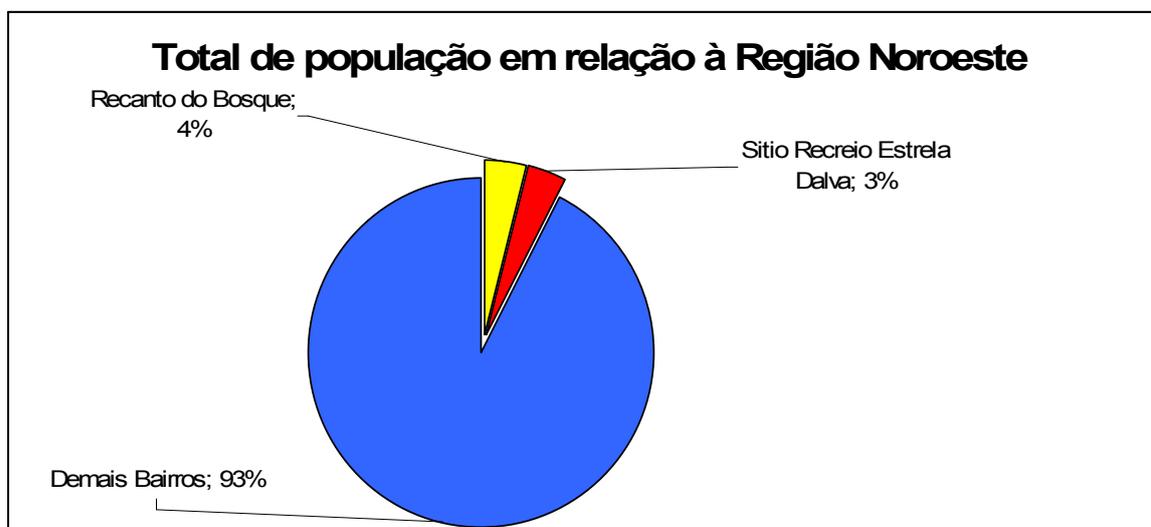


Figura 6. Gráfico comparativo da população da Região Noroeste com os bairros Recanto do Bosque e Sítios de Recreio Estrela D'alva
 Dados organizados pela SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE.
 Obs.: Dados trabalhados pela autora.

No gráfico abaixo, podemos identificar que a população de dez a quarenta anos é representativa de, aproximadamente, 65% da população atual por faixa de idade na Região Noroeste. Há trinta anos podemos considerar que foram os

representantes da ocupação da Região, estavam nascendo ou com aproximadamente dez anos de idade, o que marca também a evolução da tecnologia no pós guerra que melhorou a sobrevivência da população.

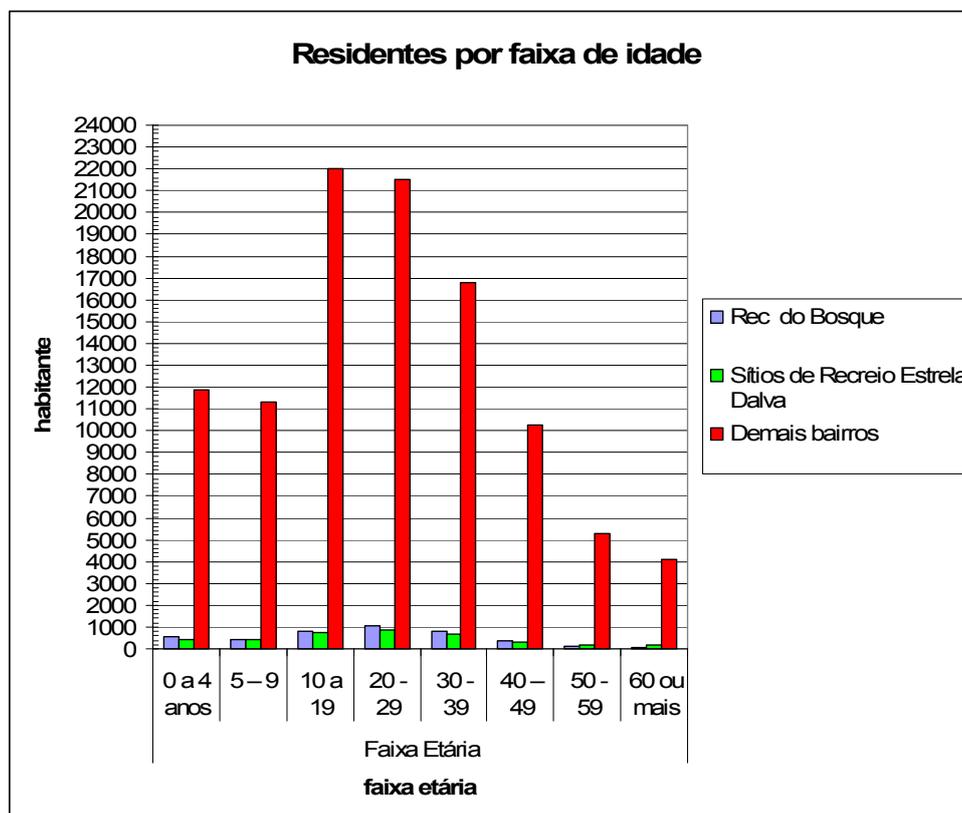


Figura 7. Gráfico de residentes por faixa de Idade nos bairros Recanto do Bosque e Sítios de Recreio Estrela D'alva.

Dados organizados pela SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Obs.: Dados trabalhados pela autora.

Constatou-se também que dessa população, quase 40,0% tem menos que 18 anos e, certamente são dependentes de suas famílias, ou boa parte já está trabalhando em atividades informais. No entanto, 1/5 desta população tem até 9 anos de idade fato que chama a atenção para a necessidade de Centros de Educação Infantil e/ou creches para estas crianças com estrutura de lazer e

esporte nesta fase de desenvolvimento físico e motor, além de Programas e atividades para a juventude. Sobre este assunto

[...] é...Num tem nem como porque tem que ficar na rua, uma hora a mãe tem que saí, tem que trabalhá, não pode ficá vinte e quatro hora, os pequenim tem creche que possa colocá, e os grande vai ficar aonde? No qual lugar? Então não tem, aqui no Estrela Dalva não tem (8lsf35b).

De acordo com os dados registrados, referentes ao tipo de domicílios, percebe-se que a maior parte (71,7%) dos 29.968 domicílios da região, em 2000, eram domicílios próprios e quitados. A relação se repete nos Sítios de Recreio Estrela Dalva com 78,9% dos domicílios já pertencentes aos respectivos moradores, enquanto no Residencial Recanto do Bosque ocorre o inverso. Neste, 85,4% dos imóveis encontravam-se em processo de aquisição, em 2000, e o número de imóveis alugados no último (4,5%) é metade dos existentes na mesma condição no Sítios de Recreio Estrela D'alva (Tabela 5).

Entre as entrevistadas, constatou-se que todas elas se encontravam anteriormente residindo em diferentes áreas de risco de Goiânia, em domicílios precários e impróprios para moradia, construídos em locais de risco e similares, expondo suas vidas e saúde, segundo declararam

Lá era difícil é de passá pessoa porque era erosão, as casa tava quase caindo dentro do buraco [...] (1dcf19n)

O rio enche, quando chove o rio sobe e vai até as rua [...] (10ep28n)

[...]tudo era gripado, doente, aquele mal-cheiro. (3efs40n). Barraco frio, de madeira, ficava no chão. A friagem, o corpo adoecia sem pará (5jrs33n).

Ressalte-se que a transferência de populações de áreas de risco, como ação governamental para resolver as questões de risco e vulnerabilidade a que

estas comunidades estavam expostas, apesar de não estar incluída em um Plano que tratasse esta questão no que se entende por habitat, foi destacada nas entrevistas,

hoje graças a Deus eu tenho uma casa (3efs40n).

mais aqui é melhor o conforto, porque as casas é melhor, lá era casa de barracão, agora aqui tem asfalto, tudinho, (1dcf19n).

Aqui é melhor porque aqui tem esgoto, água tratada, energia (10ep28n).

No entanto sabe-se que esta população está adquirindo seus imóveis por meio de programas principalmente os moradores do Residencial Recanto do Bosque, enquanto no Estrela Dalva, 78% tem seus imóveis quitados. É pequeno o número de imóveis alugados, predominando no Estrela Dalva (4,5%) (Tabela 5).

Tabela 5. Situação quanto à propriedade da moradia segundo os bairros Residencial Recanto do Bosque e Sítios de Recreio Estrela D'alva, Região Noroeste de Goiânia, 2000.

Bairro	Domicílios Particulares Permanentes					
	Total	Próprio		Cedido		Alugado
		Quitado	Em Aquisição	Por Empregador	De Outra Forma	
Residencial Recanto do Bosque	1.116	69	953	9	35	50
Sítios de Recreio Estrela D'alva	1.035	817	23	7	92	96
Total da região	29.968	21.488	1.493	184	3.196	3.607
%	100	71,7	5	0,6	10,7	12

Dados trabalhados pela Prefeitura de Goiânia – SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Obs.: Dados reorganizados pela autora.

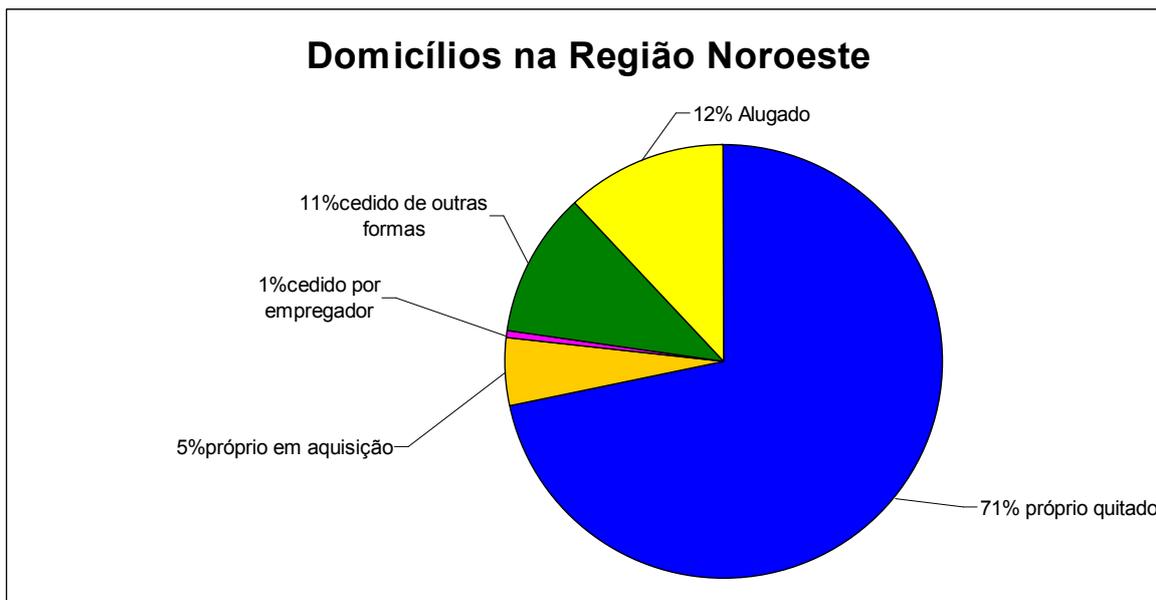


Figura 8. Situação de domicílio - Residencial Recanto do Bosque e Sítios de Recreio Estrela D'alva, Região Noroeste de Goiânia
 Dados organizados pela SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE
 Obs.: Dados trabalhados pela autora.

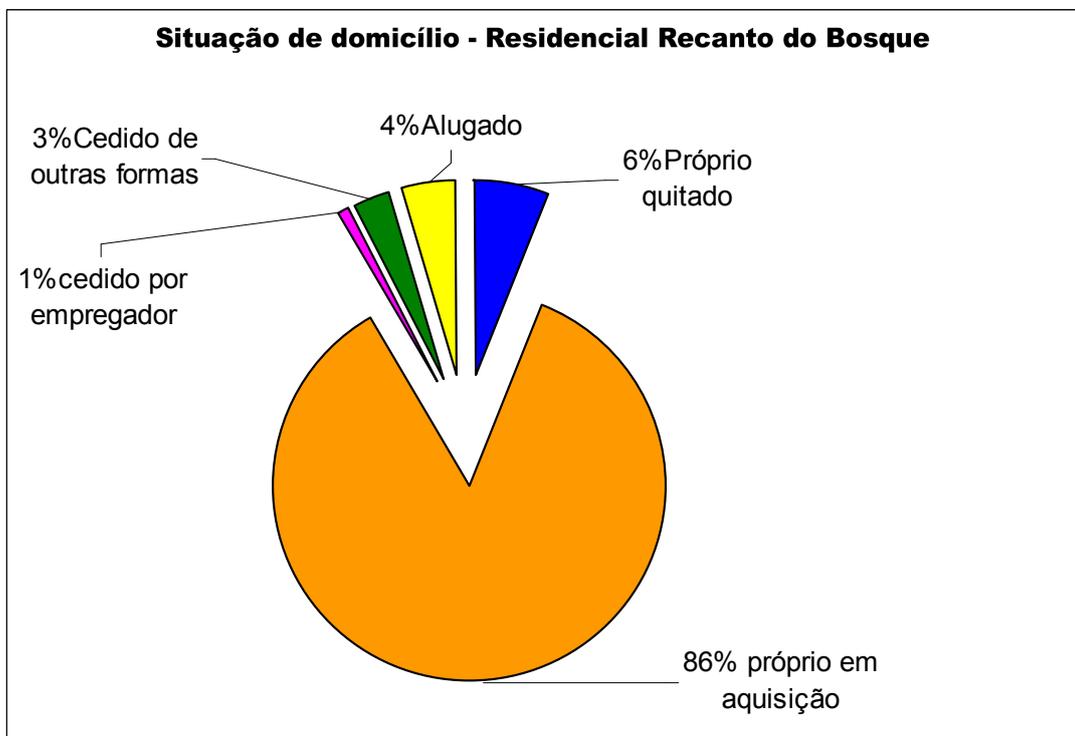


Figura 9. Situação de Domicílio - Residencial Recanto do Bosque, Região Noroeste de Goiânia.
 Dados organizados pela SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE
 Obs.: Dados trabalhados pela autora.

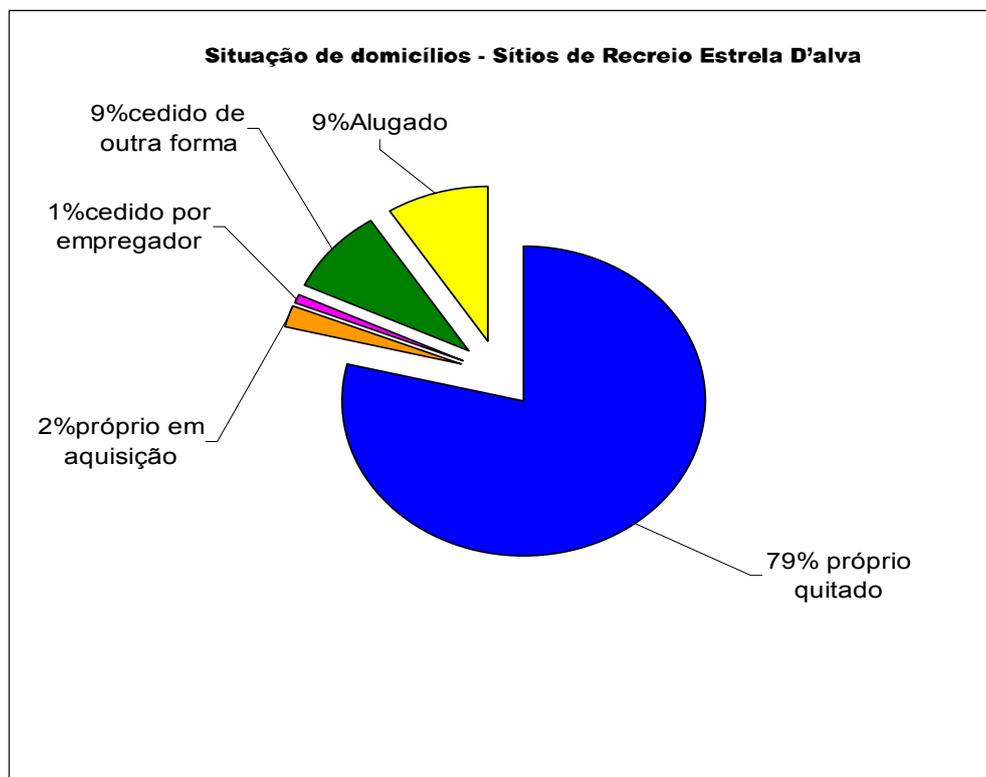


Figura 10. Situação de Domicílio - Sítios de Recreio Estrela D'alva, Região Noroeste de Goiânia.

Dados organizados pela SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Obs.: Dados trabalhados pela autora.

Seguindo a literatura existente sobre a vulnerabilidade, as entrevistadas se manifestam comprovando diferentes fatores de risco que interferem no bem estar destas populações, colocando-as em situação de vulnerabilidade. A dificuldade para conseguir trabalho e acesso aos bens de consumo básicos são fatores que reforçam situações de vulnerabilidade.

As migrações internas aumentam os assentamentos irregulares em áreas de preservação ambiental, fundos de vale e em espaços impróprios para garantir a sobrevivência digna dessa população. No entanto, os Programas e Ações de

transferência de populações de áreas de risco para resolver as questões relativas a moradia, foram destacadas nas entrevistas.

hoje graças a Deus eu tenho uma casa (3efs40n).[...] mais aqui é melhor o conforto, porque as casas é melhor, lá era casa de barracão, agora aqui tem asfalto, tudinho, (1dcf19n) [...] Aqui é melhor porque aqui tem água tratada, energia (10ep28n).

Este deslocamento para os centros urbanos, leva este trabalhador a procurar o local de moradia em regiões de fácil deslocamento para o trabalho

[...] ela veio pra trabalhar no Arisco, ai não tinha onde ficá, ai ficou na casa do primo, lá era mais perto pra deslocar pro Arisco (4ifs64n).

[...] aqui pra ganhar dinheiro num é fácil não. Cê tem que trabalhá pra lá pro centro, né? Aqui cê num ranja serviço perto não. Agora, lá onde eu morava, na invasão...[...] era difícil, era ruim porque num tinha casa própria, né? Mais pro serviço era mais fácil. Aqui tinha que tê era um... mais benefício pra gente podê trabalhá. Aqui num tem. Pá trabalhá tem que i pra fora. Pro Centro, pra lá (9eas31n).

Neste caso, mesmo tendo sido resolvido o problema da moradia, foi alterada a dinâmica da cidade e não deixou de causar transtornos sociais, ambientais e econômicos, aumentando os problemas urbanos relacionados com trabalho, educação, moradia, saúde da população.

Na fotografia abaixo, registramos no muro da última quadra do setor Residencial Recanto do Bosque, alguns barracos construídos em áreas impróprias, área de preservação, e que permanecem na área.



Figura 11. Invasão contígua ao Residencial Recanto do Bosque - última quadra.

Foto: Celnia Costa e Dinamara T.Versan, 2008.

Durante as visitas nos bairros, pôde-se constatar que as casas são em sua maioria, construção de alvenaria, necessitam de pintura, a maior parte delas com reboco, sem forro, telha plan, faltam muros, acabamentos nas calçadas (meio fio), piso em cerâmica ou por fazer, todas são providas de energia elétrica, água tratada, falta esgoto sanitário, podendo ser comprovada a existência de fossa séptica na frente das casas, em sua maioria (Figura 12).

Das cinco integrantes da pesquisa, moradoras do Recanto do Bosque, somente duas tinham suas casas protegidas por muro. De todas as entrevistadas deste bairro, a maioria tem mais de um ano transferidas, enquanto no Sítios de Recreio Estrela D'alva, das cinco entrevistadas, todas tem mais de quatro anos que foram transferidas para suas moradias, somente uma delas recebeu o lote, que já está todo murado e sua casa esta em construção, as demais que receberam casa de conjunto pronta, as quatro não tem muro e não fizeram modificações em suas residências.



Figura 12. Infra-estrutura e tipos de construção do Residencial Recanto do Bosque.
Foto: Celnia Costa e Dinamara T.Versan, 2008.

Nenhuma destas entrevistadas convidou outros parentes para construir no mesmo lote, no entanto, a filha de uma delas, que já foi casada, voltou para morar com a mãe. Dentre elas, somente duas tem barracão nos fundos para seus filhos morarem, sendo um de alvenaria, com cerâmica e o outro de madeira. Observa-se, conforme destaca a literatura quando trata da resiliência que as questões afetivas - emocionais são importantes para consolidar a capacidade das pessoas se adaptarem a novas situações. Portanto, essa população que estava vulnerável, em situação de risco, incorpora em seu cotidiano elementos e situações que reforçam sua capacidade de superar a situação de risco apresentada.

No entanto, a população exposta a riscos depende, para superá-los, de elementos que estão relacionados com as condições e possibilidades de vida que favorecem ou não, desenvolver comportamentos adaptativos adequados e incrementar o processo de resiliência.

Verificou-se *in loco* que em algumas quadras do Setor Recanto do Bosque, os lotes estão abaixo do nível da calçada e da rua, o que facilita a entrada de enxurrada das chuvas para dentro das residências, conforme foi declarado pelas moradoras durante a visita.

No entanto, ainda enfrentam problemas com o declive, principalmente quando se trata do nível da rua tendo que alterar o local do portão da casa. Como é um setor que tem um desnível alto por fazer parte da área de descida do rio, outras casas na mesma rua evidenciam o mesmo tipo de problema, inclusive com algumas delas, construídas abaixo do nível da rua.

Constatou-se também que as casas do último quarteirão do Recanto do Bosque, foram construídas em lugar de pouca drenagem no terreno, região da baixada do Rio Meia Ponte, e conforme foi dito pelo morador, mesmo em época de seca pode-se verificar a existência de “lodo” nas paredes próximo ao alicerce, o que indica que terão problemas futuros com parte das moradias, pois, esse problema não foi encontrado nas casas visitadas que estão na parte alta do setor.



Figura 13. Moradia – Recanto do Bosque – área da planície de inundação do Rio Meia Ponte, margem direita – última quadra.
Foto: Celnia Costa e Dinamara T.Versan,2008.

Percebe-se que, estas evidências de situação de risco decorrentes de assentamentos em local inapropriado, em uma região que foi planejada para receber estes moradores, a priori, os coloca em situação de risco, embora ter a própria moradia signifique, em um primeiro momento, fator de proteção, segundo os estudos feitos mas também reforçar vulnerabilidades.

Os relatos deixaram claro que estas pessoas, onde antes viviam, conviveram com situações de extremo perigo, expuseram suas vidas, morando em casas próximas a erosão e ao leito do rio, com isto desenvolveram habilidades para enfrentar estas ocorrências indesejáveis, aprendendo diferentes medidas para enfrentar as situações, impedindo a evolução do fato ameaçador ou mesmo adaptando-se a ele, conforme colocações que seguem

Lá era difícil é de passá pessoa porque era erosão, as casa tava quase caindo dentro do buraco, ai foi transferida pra esse setor. Era uma erosão grandona lá embaixo e ainda tinha um corguinho e muitas pessoas moravam ao redor do buraco. Por isso que a COMOB foi lá e transferiu muitas pessoas, mais ainda ficou muitas lá, ainda, até hoje mora lá (1dcf19n).

Na Vila Roriz o rio enche, quando chove o rio sobe e vai até a rua, é um encontro do Meia Ponte com o Anicuns, (10ep28n)

[...] é, e também tava afetando muito o rio, o rio tava muito sendo prejudicado, porque os moradores tavam fazendo isso [a moradora refere-se aos aterros que foram sendo feitos], então prá tirar o pessoal do nível do rio, eles tiraram uma boa parte da população e ninguém pôde ficá sem casa, né?[...] (10ep28n)

Os próprios moradores declaram que a tentativa de invasão que ocorreu há dois anos, foi bem maior, alcançando o outro lado da rua, na área de preservação que faz parte da bacia coletora do Rio Meia Ponte e foi banida pela COMOB, com polícia. Este fato evidencia que a ação de solidariedade que outrora fortaleceu os moradores da região, colocando-os em posição de luta para conquistar sua moradia no espaço urbano. Agora isso se repete no mesmo Setor, palco que

outrora registrou a conquista da casa própria pelos moradores, que diante de uma nova situação de invasão, enfrentaram atualmente os métodos já superados da retirada violenta por parte da polícia e dos fiscais.

As invasões que estão ocorrendo atualmente na região, decorrem das mesmas causas do passado, o que comprova não existir uma política urbana definida para situações como esta e, portanto se anuncia os indícios de que na Região se repetirá o mesmo processo de ocupação ilegal que não é monitorado pelo poder público por uma política efetiva que garanta moradia como um direito humano. Na região de matas, área de preservação da Região Noroeste verifica-se a invasão silenciosa, avançando mata adentro.



Figura 14. Invasão em área de mata que Interliga os Bairros São Carlos, Bairro da Floresta e Jardim da Vitória.
Fonte: Google – junho / 2009. Data Imagem: 09/10/2008 – 16° 35'59.54" S 49° 20'26.58" O
Elevação 811m.

A situação ambiental da Região, pelo que se configura, tem íntima relação com as questões do uso do solo urbano que outrora se evidenciou nas regiões centrais de Goiânia e que permanecem até hoje.

A mudança para a citada Região expôs alguns moradores a situações de vulnerabilidade, detectadas pela dificuldade de manutenção econômica encontrada por estes no novo espaço que, pela distância, comparado à prática profissional exercida no espaço anterior, muitos eram catadores e depositavam em seus lotes a matéria prima de seu sustento, afastados dos ambientes que lhes colocavam em contato com esta matéria prima, comum nos espaços de consumo e comércio intenso, ficaram impedidos de prosseguirem com esta ação profissional.

O custo de vida pra mim lá era mais fácil. Eu poderia dar tudo pra minha filha que eu não posso dá aqui, né? [...] Trabalho aqui uma vez na semana. Que as vezes eu num tenho dinheiro da passage. E é difíci. (2dac38n)

[...] lá a gente achava serviço mais, mais perto, né? [...] era mais fácil porque as pessoa num pagavam passe de ônibus [...](3efs40n)

Mil vezes lá perto, lá eu era recicladora que vivia lá no centro [...] (8lsf35b).

A maior parte do grupo entrevistado relaciona o custo da passagem à dificuldade de trabalho, acham que são bem supridos em termos de transporte, mas evidenciam o peso para seus bolsos do custo da passagem, visto seus patrões não custearem mais que duas passagens diárias, assim como, no caso dos catadores não terem recursos do seu próprio sustento para pagar o preço das passagens.

Os estudos demonstram que onde há falta ou há dificuldade de trabalho e do acesso aos bens de consumo básicos e de equipamentos públicos para suprir

as necessidades dos indivíduos, encontramos criadas as condições para a situação de vulnerabilidade

[...] lá a gente tinha como assim, a casa era ruim[...] minhas menina até elas estranha que lá elas tomava iogurte, a semana inteira. Aqui, é uma vez por mês e oia lá.[...] A gente poderia ter um serviço, poderia pó o fio da gente na creche. A gente saia despreocupada [...] (2dac38n)

Os dados quanto às atividades econômicas dessa população, indicam que 57,11% dela está atuando na prestação de serviços e como autônomos, superando em número os que trabalham no comércio. Assim, podemos inferir que predomina o subemprego, e não há garantia da Carteira de Trabalho assinada para os que trabalham no comércio, fato que os deixa inseguros no que se refere a garantir a sobrevivência. Em outros casos, as mães entrevistadas e por extensão outras, moradoras na mesma região, são impedidas de trabalhar porque não tem onde deixar seus filhos,

“Aqui tem muitas mães que tem vontade de trabalhá pra ajudá o esposo dentro de casa [...] já é lotado [...] num tem nada pra colocá as criança. Você entendeu? Muito difícil”. (5jrs33n).

No entanto, o deslocamento destas populações de áreas não as colocou em melhores condições de acesso ao trabalho, visto que este deslocamento expôs aqueles moradores em situação de risco financeiro, demonstrado na falta de recursos para a sobrevivência, o que implica na perda de bem-estar e até mesmo gerando um estado de privação, justificado pela dificuldade e/ou falta de acesso ao trabalho, sendo que, segundo os autores, este é o aporte excepcional para a inserção na estrutura social.

Pode-se afirmar que, após o processo de assentamento, estas pessoas ainda estão vulneráveis por que não foram capazes de absorver ou ajustarem-se

aos efeitos que a mudança lhes proporcionou dificultando, por várias razões, a sua adaptação ao novo ambiente.

Situações desta natureza nos levam a presumir que a dificuldade de adaptação destaca o descompasso entre o “saber rural” e o “saber” necessário para se viver na cidade. Inicialmente, demonstram certa incapacidade de enfrentar a nova situação em que as oportunidades existentes exigem outro tipo de perfil de força de trabalho, deixando-as desocupadas e em casa, parte dessa população migrante, principalmente as mulheres

Meu marido briga muito comigo porque eu não trabalho [fora de casa], assim, reclama de alguma coisa todo dia, mais é porque eu não quero passar por isso, vê essas muié tudo metida, querendo esfregar os trem na sua cara, isso daqui não tá limpo, isso aqui não tá bom, isso aqui tá mal feito (7jfp18b).

No caso acima, podemos perceber que, além da dificuldade de se adaptar à realidade, (7jfp18b) não consegue lidar com as frustrações a que o trabalho doméstico a submete, a ponto de não considerá-lo uma mediação para a realização de um curso que, segundo a entrevistada, seria necessário para ela fazer o que realmente gosta:

[...]eu tô querendo é fazer um curso de cabelereiro, o meu sonho é mexer nessa área [...]mais você tem que pagar quarenta reais da matrícula, aí depois você tem que pagá não sei o que, tem que comprá isso, tem que comprá aquilo. Então eu não tenho condições de ficá comprando esses trem.[...] (7jp18b)

Esta situação, que se relaciona à disposição em dar solução ao conflito, nos leva a identificar nas declarações desta mesma entrevistada uma justificativa: Eu acho que eu posso ser pobre e mais assim, eu sou muito rica de espírito e eu quero conseguir alguma coisa própria pra mim. (7jfp18b). Essa é uma atitude que difere do que declarou outra entrevistada sobre a saída do conflito:

Eu sou mãe e sei como é que é, a gente nunca deve ir com brutalidade, com ignorância. Se o menino quer fazer aquilo, você

fala: olha, não pode, não tem condição, vamo lutar nois dois junto pra poder consegui aquilo (8lsf35b).

São posições diferentes diante das situações de conflito apresentadas sobre as questões econômicas e de sobrevivência, demonstrada na disposição resiliente de (8lsf35b) como alternativa, frente à necessidade de se manter, este é o grande problema enfrentado pelos moradores. No entanto, nos indica que (7jfp18b) apresenta uma tendência isolada, em relação aos outros moradores entrevistados do Recanto do Bosque.

Esta última atitude identificada na dificuldade das mulheres afastarem-se de seus domicílios, reflete o discurso das pessoas que estão há mais tempo na área e figura como uma ameaça, isto por ser um risco que pode ser atribuído à falta de estrutura que possibilite o afastamento dessas mulheres do espaço da casa e das responsabilidades a elas atribuídas pela sociedade.

Constatados nos relatos por não terem onde deixar os seus filhos (poucas vagas nas creches) e a insegurança que tem de deixar os filhos maiores, em suas casas, sem a companhia de adultos. Até o mês de dezembro/2008 não existia nenhuma escola de período integral na região.

No entanto, mesmo diante destas dificuldades estruturais, a comunidade aponta como solução, medidas que acreditam ser eficazes para adaptarem-se à nova região, tais como: a geração de emprego e renda da comunidade local, que está expressa abaixo

[...] eu dava curso de reciclagem aqui, pras senhoras de fazer cesta de jornal, leque, essas coisas assim de canudinho de jornal (8lsf35fb).

se tivesse um depósito de recicrage aqui, alguma coisa aqui pro cê fazê, um trem assim de costurar. Ô um lugar daqueles trem de fazer desinfetante. Uma coisa assim pra mulher trabalhar, sabe? [...] É muié separada, largada do marido. Eu falo: gente, como

que eu vô vivê, como é que vô pagá minha água, minha Luiz? Como é que eu vô faze pra poder sustentar meus fi? Se eu tiver o dinheiro eu vô lá pro centro fazê alguma coisa. Se eu num tivé eu tenho que ficá aqui, venu meus fi passa necessidade, passá isso, passá aquilo, né? Difícil... Ai eles reclama. Tinha que tê um governo pa falá assim, não, vou fazer em cada setor, um serviço pras mulhé, assim, vim trabalha, né? E põe os fi ou que seja na escola, ou os que deve ir pra creche i pra creche. E as mãe trabalha. O que falta aqui é vontade (2dac38fn).

Estas atitudes expressam um envolvimento por parte da comunidade que implica em atitudes solidárias no sentido da primeira fala, em dar solução às dificuldades estruturais de se manterem, enquanto na segunda fala a entrevistada (2dac38n) evidencia projetos de ordem econômica para a região, detalhando as ações voltadas para os pontos que se identifica como vulneráveis na região: as mulheres descasadas que precisam se sustentar e que preferencialmente deveriam trabalhar na própria região para terem acesso fácil ao trabalho e á sua família. Em sua fala há evidência da falta de visão por parte dos Governantes e de políticas que atendam a estas comunidades nestes aspectos de sustentabilidade para o público feminino. Dentre as dez entrevistadas, seis delas eram descasadas.

Pode-se deduzir também, que estas pessoas estiveram por muito tempo expostas à situação de vulnerabilidade no ambiente em que viviam antes e isto as potencializou para lidar com os problemas que ora enfrentam, o que caracteriza a natureza contextual e dinâmica da resiliência, em que se destacam os inúmeros fatores de diversas ordens que podem, segundo os autores, influenciá-la.

Na literatura, considera-se que a Resiliência constitui na habilidade que o indivíduo possui em lidar e superar as adversidades. Ressalte-se que existem fatores que podem interferir nas atitudes resilientes, dentre eles o genético, falta

de habilidade social ou intelectual, limitações psicológicas e até mesmo os riscos ambientais.

Em se tratando das relações afetivas percebidas nos discursos, a literatura reforça no que se refere à proximidade física construída, sendo esta importante para determinar o grau de proximidade entre os indivíduos. Também o grau de parentesco pode atuar como elemento importante nas preferências residenciais e desta forma na manutenção da coesão familiar,

[...] meus vizinhos aqui, num tem qui recramá tamem não. Tanto faz esse lado aqui como esse aqui são bão. Num tem nada que recramá deles (2dac38fn).

Lá tamem era bom, [...] eu morava de frente, minha cunhada, eu, uma vizinha [...] é essa aqui oh, que é a Maria, ela morava lá perto de nois. Eu não tenho nada que reclamá me alegrou mais, né? [...]morava lá no morro, então mudei pra cá, então eu vi muitos conhecidos, que me alegrou foi um poquim. Que tinha... Es já tava aqui já (2dac38fn).

[...] Lá era uma mininera, os vizim tudo assim, aquela mininera que você não tinha sossego, aquela coisa, aqui não, aquela paz, aquela tranqüilidade, os vizim maravilhoso, meus vizim graças a Deus sou abençoada, meus vizim são maravilhoso, não tenho o que me queixa dos vizim (4ifs64fn).

[...] os meus fios tão tudo aqui, eu moro aqui e tem uma que mora aqui no fundo, e outra de lado aqui é minha fia, la na RB 20 [...]. Lá nois era um monte, tudo dentro dum barracão só, e aqui não, cada um tem a sua casinha, minha minina ganhô a casinha dela, eu ganhei a minha, a ota lá ganhô e ai veio uma do Tocantins que num deu certo cum marido, veio embora pra cá, fez um barracão aqui no fundo, maravilhoso, eu sidi o fundo pra ela e fez, porque aluguel aqui é caro, um lote aqui pra gente comprá ninguém dá conta né? Então, eu tô feliz (4ifs64fn).

Esta coesão é de tal forma que, quando um é bem sucedido em um espaço, ele convida os outros para estarem juntos evidenciando o deslocamento destas populações por regiões que possibilitem uma vida mais digna aos seus

a convivência lá era muito boa, assim, porque a gente tinha muito parente próximo, minha tia, meus primos, tudo morava ali perto, que é área de invasão. Quando vem um, vem todos, eles convidam todo mundo [...] minha tia morava ali, ai a minha prima era na de lá, outra prima mais de lá, então era mais família. Tipo assim, essa quadra daqui moravam mais as pessoas que

conviviam mais na família. Aqui não, eu não tenho um parente por aqui (10ep28fn).

Outro aspecto importante que merece consideração, é que a afetividade não está apenas na relação entre as pessoas ou por parentesco, mas, também com o lugar onde elas moram, identificado na literatura por Topofilia que é o apego a moradia,

Ah! Saudade que eu tenho de lá, do mesmo lugar que eu morava que é o morro do Aranha [...] Tem hora que eu falo pra essas, vô rumá uma invasão e vô pra lá. Que lá eu sei que é tudo perto, né? Porque quem não tem priguíça, minha fia, oh, consegue as coisa (2dac38fn).

Eu já acostumei por aqui, é legal pra se viver, igual outro lugar, mais é ruim, sei lá. A gente acostuma num lugar na onde, onde eu nasci lá nas Aroeira, morei lá quinze anos eu morei lá (1dcf19fn).

Alguns moradores disseram que gostavam de onde moravam, devido a facilidade de deslocamento para outros bairros, proximidade com o centro da cidade e pontos comerciais,

[...] eu saí de lá do lugá que eu morava, pisei lá duas veiz, dois ano, será que eu gostava? E achava bom lá, era, eu gostava porque era perto, mais melhorei de vida, aqui eu mudei total [...] (4ifs64fn)

Esta é uma das razões que encontramos na explicação por viverem em áreas de posse em locais próximos ao centro urbano, pois facilita a locomoção e conseqüentemente a manutenção do emprego ou de outras ocupações e, conseqüentemente, no ganho econômico, também apontado por alguns, como sendo melhor para suas vidas além de destacar que onde estavam não era um bom ambiente para criar os filhos em decorrência de drogas. Isto posto, pode-se afirmar que os laços afetivos em relação ao bairro anterior estão relacionados com a funcionalidade, mas apesar disso, a segurança e o novo ambiente, considerado salutar para o desenvolvimento dos filhos, foram tidos como prioridade,

[...] eu ainda não sou muito fã daqui não, eu não gostei mesmo, eu não gosto desse lugar. Mas como eu vivia antigamente, [...] agora os meus filhos tá desenvolvendo [...] depois que a gente passa a ter filho a gente não tem que pensar só na gente. [...] tem que pensar também nos filhos, se fosse pra nós tá morando lá hoje naquela invasão [...], aquela invasão do morro do Aranha, era muito perigoso, era uma drogaiada sem fim (8lsf35fb).

As declarações de (8lsf35fb) evidenciam a mudança como alternativa à melhoria das condições de saúde, pois a nova moradia possibilita uma condição de risco menor, possibilitando uma vida mais saudável aos que viviam expostos naquela região.

Por outro lado, destaca-se que a conquista de morar em novo espaço, dependeu da persistência das pessoas, inclusive para negociar o local preferido para viver,

[...] Sem falar o tanto que eu sofri pra conseguir essa área, porque [...] porque eu fui lá pro Conjunto Itaipu, né? Meu cadastro foi [...] pra lá e eu fui na COMOB e falei assim: eu não quero no Conjunto Itaipu porque a gente mora na região norte, tem que continuar na região norte, como é que eu vou pro Conjunto Itaipu? Não tem lógica [...] (10ep28n).

Neste texto, identificamos uma atitude resiliente da moradora, que de forma intuitiva lutou e exerceu os direitos de cidadania, como alternativa de resguardar e manter suas relações sociais urbanas. Outra forma de garantir os direitos de cidadania foi identificada nos mecanismos de organização que culminaram na efetivação da transferência da área de risco,

[...] demorou quase uns cinco só no cadastro, né? Pra resolver o problema porque os povo daqui, os vizinho não queria que nós viesse pra cá, porque todo mundo que mora em invasão eles acham que é ladrão que é criminoso, acha que é maconheiro. [...] E aí os vizinho daqui pegaram e impinhoraram, foram no juiz e impinhoraram [...] eles interromperam esse negócio e passou um ano na justiça, pra pudê o juiz liberá di novo, aí, com um ano, o juiz libero, a COMOB entra no meio, mexeno, mexeno até que conseguiram liberá [...] e começo, aí todo mundo começo vim pra cá (4ifs64n).

Podemos identificar que (4ifs64n) coloca a questão do preconceito e da discriminação que enfrentou, manifestados claramente pela resistência dos moradores já instalados no local, em receber pessoas oriundas de áreas de posse ou de risco, o que resultou em ação conjunta e negociações entre justiça e representantes do poder público municipal para solucionar a questão.

Esta atitude manifesta o que na teoria identificamos como “estranhamento” em relação ao “outro”, o que “vive diferente”, desqualificando um valor maior que é o respeito a pessoa humana e a solidariedade, que inclusive estão pautados no Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”.

Todavia, sabemos que a vida precária e a falta de oportunidades, reduzem as pessoas e fortalece a perda dos valores humanos, auto-estima, desvirtuando sonhos, levando as pessoas, principalmente os jovens, a trilhar caminhos de auto-destruição – fato declarado existir no Morro do Aranha. A este exemplo, podemos agregar, a proposta da ONU / UNIFEN (2006), sobre a promoção das Cidades Seguras – que implica na segurança humana.

Neste sentido, as pessoas que estão em situação de risco, são impedidas de usufruir o direito à cidade, e conforme o referenciado na literatura, tanto o direito, relacionado às questões urbanas e sociais, a exemplo disso: direitos iguais de todos, ao solo urbano, respaldado em lei pela função social da terra. É como se existisse, concomitantemente, uma cidade real e uma ideal, respaldadas pelo poder de compra e acesso

[...] lá era uma área de risco que eles falavam, [...] que não tinha condições de ficar lá. [...] fez inscrição pra ver se conseguia a casa, e esse negocio de COMOB, Prefeitura, via a necessidade da gente e mandô, tem muita gente daqui [...] veio de lá. [...] Foi seis anos de terror. Porque, pra mim, eu acho que é uma vergonha, entendeu? A pessoa sofre com quatro filhos, desempregado e passa o que ela [a mãe] passô. Foi seis anos de humilhação [...] porque pra mim foi humilhação, pra ela consegui essa casa(7jfp18fb).

De acordo com (7jfp18b) houve demora na ação por parte do poder público municipal em apontar solução para remover as famílias que moravam em áreas de risco. Isto pode evidenciar que as políticas públicas para moradia não atendem a demanda, com a agilidade necessária, tornando essa população mais vulnerável aos danos ambientais, de saúde e sociais, de uma certa forma, causando-lhes danos emocionais e psicológicos.

Conforme declararam (3efs40n), (4ifs64n), (7jfp18b), (9eas31n) e (10ep28n), os terrenos foram disponibilizados e caberia aos moradores a construção das casas, conforme o Programa escolhido. Aos que não dispunham de recursos financeiros, a Companhia de Obras do Município de Goiânia/COMOB viabilizou a construção junto ao Governo Federal, fato que gerou insatisfação daqueles que mobilizaram suas próprias economias para efetivar a obra. Alguns foram beneficiados pelo programa “Cheque Moradia”, implementado pelo Governo Estadual,

Eu só ganhei os materiais. Ai então tudo foi tirado do meu bolso. Então porque assim, eles perguntaram se a gente queria a casa pronta, mas era só de três cômodo. Se fosse de quatro, nois ia entrar com o pedreiro.[...] Ou senão ficava o mutirão. Ai ficava mais difiçu porque ai uns ia trabaia e outros não. Ai nós pegô exigiu que todo mundo pagasse o pedreiro. Aí, assim, saiu os materiais e a gente foi providenciando, foi paganu pedreiro, e eu trabalhanu (3efs40fn)...

[...] aqueles que não tinha condições de jeito nenhum, ficou sem construí, ai a COMOB veio e a Prefeitura pegô e botô os homi prá terminá de construí e construiu tudo. Aí, nois é que saímo

praticamente perdeno com isso, porque contruímo, gastemo o que tinha e o que não tinha, tirando da bôca pá pagar pedrero prá fazê esse serviço prá nós aqui e os outro ganharam a casa de graça, [também] todos temiam,[...] faziam pressão, eles diziam que quem não constrísse logo e passasse pra dentro, ia perdê, ai então, a gente ficava naquilo, com medo de perdê e aí miti os pé por a mão.

Este tipo de pressão reforçou a situação de vulnerabilidade, pois muitos deles tiveram que contrair dívidas para dar conta de entrar para suas casas, assim como de tirar da alimentação cotidiana para dar termo à construção. Estes fatos coincidem com os estudos que demonstram ser a precariedade, a instabilidade financeira e a falta de proteção e segurança decorrentes da reduzida estrutura de serviços do Estado que contribui para a vulnerabilidade social.

Por outro lado, a precarização das condições de vida e a redução das oportunidades de trabalho no campo, desencadearam o movimento das populações em correntes migratórias internas da região rural para cidades de pequeno e médio porte, em busca de uma vida, atitude alternativa – de resiliência - às dificuldades enfrentadas anteriormente.

As demais famílias já viviam em Goiânia, e três delas declararam que se estivessem no lugar de onde vieram, não estariam tão bem, e todos admitem estar em situação de mais conforto com a moradia adquirida e com as condições do espaço em que vivem, pois refletiu diretamente na saúde das crianças, apesar de que inicialmente conviveram com a construção e muita poeira,

[...] Eu sei que o M., o [filho] mais velho, sofreu muito com esse problema de bronquite, porque realmente quando eu mudei pra lá, [Vila Roriz] eles tavam aterrano, aquela poeira, né? Barraco frio, de madeira, ficava no chão. (5jrs33fn).

[...] não, nois veio pra cá praquê é mais fácil assim, pra gente que é mais fraco de condição. Sobrevivê aqui é melhor, né? Eles ao meno come, vesti ropa, essas coisa, calçado. É mais fácil. Lá no interior é mais difícil, né?[...] E até que acheguemo aqui no Recanto. Melhorou, né? [...] Nois vivia sempre nus fundo dos lote

da minha mãe. E hoje cada um tem sua casa. É muito bom, separado. [...] Tem uma vida melhor, né (3efs40fn)?
[...] depois que nois chegamo aqui, graças a Deus, nunca adoecêmo (4ifs64fn)

Podemos detectar que a concentração de anos de estudo das Pessoas Responsáveis por Domicílios Particulares/Permanentes do setor Residencial Recanto do Bosque, em uma população de 1.119 é de 411 pessoas, entre 4 a 7 anos de estudo, ou seja, até o sétimo ano do ensino fundamental primeira fase. O grupo de pessoas que chegou até o décimo ano de estudo, ou seja, estão na margem do final do ensino fundamental primeira fase, são de 262 e aqueles que terminaram o ensino fundamental segunda fase, são em torno de 214 moradores, enquanto os que tem mais de quinze anos de estudo são somente 15.

No Setor Sítios de Recreio Estrela D'alva de um contingente de 1.035 responsáveis, àqueles com 4 a 7 anos de estudo são de 434, enquanto aqueles de até dez anos de estudo, ou seja, final do ensino fundamental primeira fase são de 139 e os que foram até o décimo quarto ano, final do ensino médio, perfazem um total de 54 e os que tem escolaridade além do ensino médio, são um total de 5.

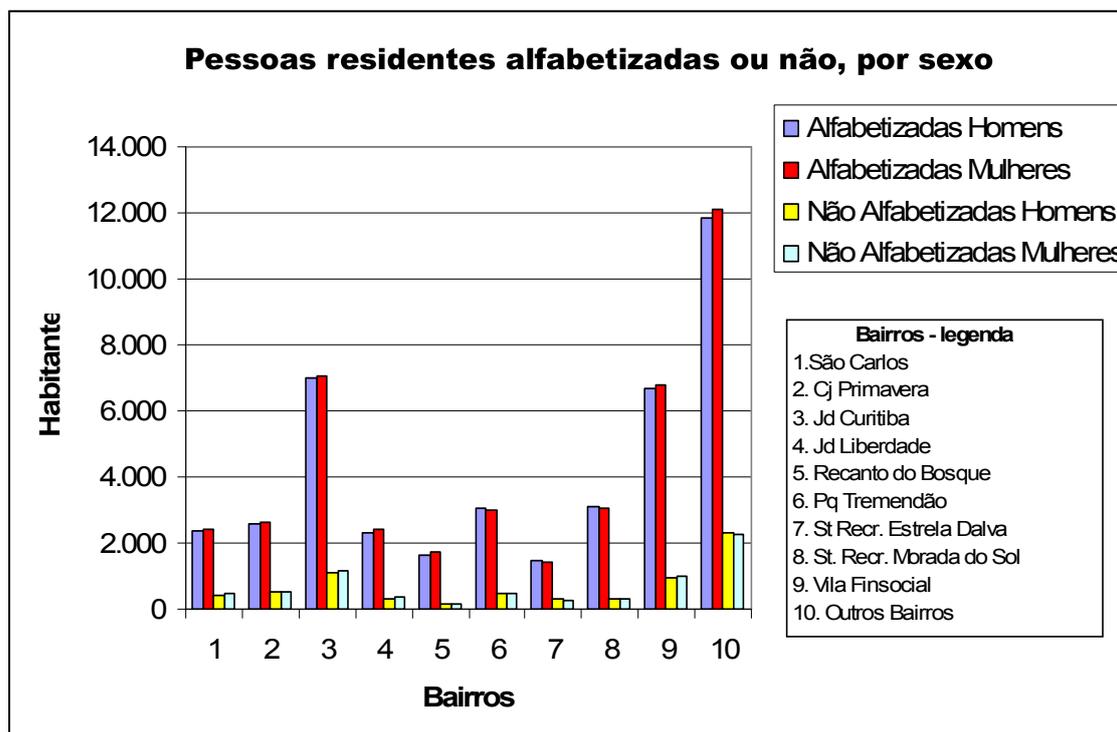


Figura 15. Gráfico de pessoas acima de 5 anos de idade, residentes, alfabetizadas ou não, por sexo, em dez bairros da Região Noroeste.

Dados organizados pela SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Obs.: Dados trabalhados pela autora.

Esta referência, evidencia um nível de escolaridade baixo nos dois setores, sendo os casos de até 7 anos de estudo o grupo maior, enquanto que em relação ao ensino fundamental primeira e segunda fase e além desta escolaridade, aponta que no Sítios de Recreio Estrela D'alva há uma redução acentuada e um aumento nos grupos sem instrução e de escolaridade de 1 a 3 anos de estudo. Estes dados, como já havia sido detectado em nossas entrevistas, revela uma restrição ao acesso a funções de renda mais alta por parte dos responsáveis pelos domicílios dos bairros trabalhados e, principalmente, do Sítios de Recreio Estrela D'alva.

4.2. Acesso aos Equipamentos e serviços Públicos

Por se tratar de uma Região extensa, com um grande contingente de população jovem, mais da metade dos habitantes da região estão entre 0 a 19 anos (Tabela 8), a dificuldade de conseguir vagas nas escolas existentes, tanto Estaduais como Municipais, considerando a demanda por escolas no Setor Residencial Recanto do Bosque e Sítios Recreio Estrela D'alva, detectadas nas entrevistas, nos leva a inferir a importância de se verificar a distribuição da população por idade e Bairro em que moram na Região Noroeste para constatação segura dos dados.

Todavia, cabe destacar que não se obteve informações sobre o déficit de vagas, no entanto, identificamos na fala dos moradores

Ai, se fizesse uma escola aqui, desse lado, só os minino daqui, da Goiás pra cá, era suficiente pra lotar salas e salas... assim, oh... [...] agora esse ano abriu outro colégio aculá em cima, se você vê na hora da escola, se você for naquele terminal na hora da escola, o que tem de minino pegando coletivo pra ir pra essa escola..., você fica doidinha da cabeça... Os ônibus vai arrebetando. Derramando de menino. Até pro Urias, tem minino estudando no Urias. [...] Quando a gente foi, já tava lotado, abriu uma escola nova mais [...] Abriu uma escola nova ali agora, se tu vê a situação [...] Um dia antes de abrir as inscrição, na pré-matricula da rede estadual, já tinha lotado [...] Isso sem falar nos que estuda nos colégio pra ali, e os que estuda no colégio militar lá no Curitiba (4ifs64fn).

As conjeturas na fala de (4ifs64fn), (5jrs33fn), (7jfp18fb), (8lsf35fb), (10ep28fn) refletem uma questão evidenciada na maior parte dos discursos das entrevistadas: a insatisfação destas moradoras por escolas / creches nesta região.

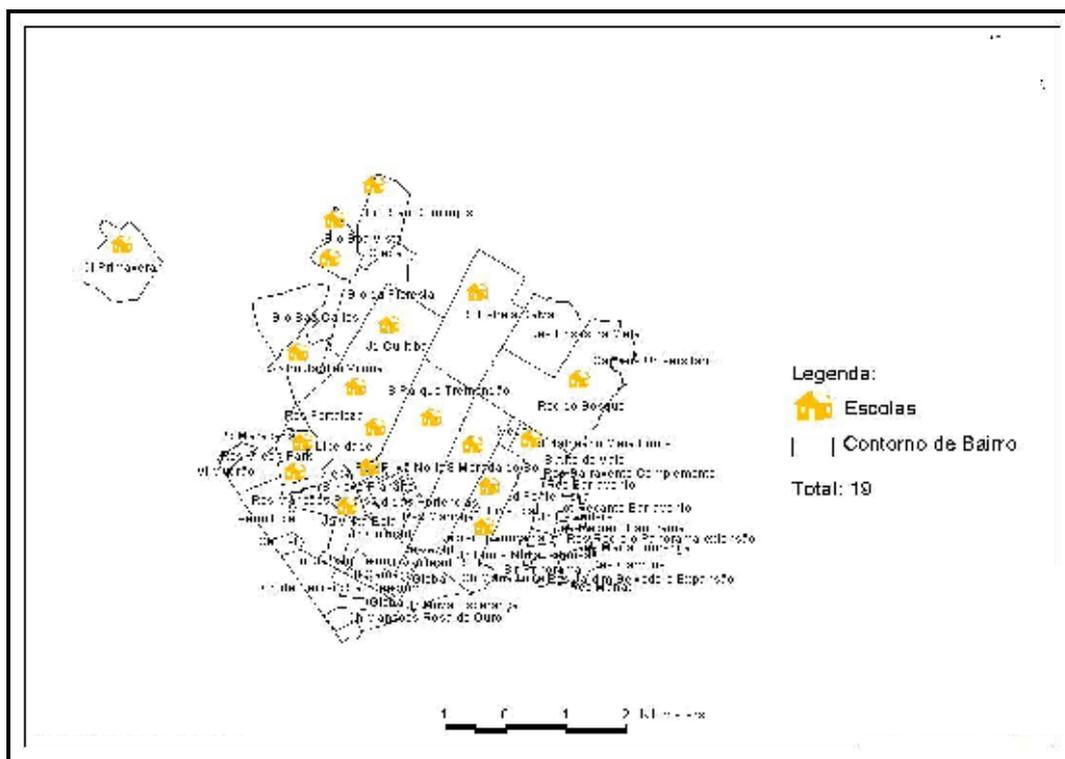


Figura 16. Distribuição espacial das escolas municipais existentes, relacionadas segundo os bairros da Região Noroeste de Goiânia em 2005.

Fonte: Prefeitura de Goiânia – SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Tabela 6. Instituições de ensino da rede pública municipal, localizadas na Região Noroeste de Goiânia - 2008.

CMEI BEIJA FLOR II	BAIRRO SÃO CARLOS
CMEI BRISAS DA MATA	RESIDENCIAL BRISAS DA MATA
CMEI DA BOA PROVIDÊNCIA	BAIRRO BOA VISTA
CMEI JARDIM LIBERDADE	JARDIM LIBERDADE
CMEI NOSSA SENHORA APARECIDA	BAIRRO SÃO DOMINGOS
CMEI PEQUENO APRENDIZ (ANTIGO VILA MUTIRÃO I)	VILA MUTIRÃO I
CMEI SARA E REBECA	JARDIM LIBERDADE
CMEI VILA MUTIRÃO II	JARDIM LIBERDADE
EM. ALTO DO VALE	SETOR ALTO DO VALE
EM. BERNARDO ÉLIS	BAIRRO SÃO CARLOS

EM. NOSSA SENHORA APARECIDA	BAIRRO SÃO DOMINGOS
EM. PROFESSOR NADAL SFREDO	JARDIM LIBERDADE
EM. SÃO JOSÉ	CONJUNTO PRIMAVERA
EM. STEPHÂNIA ALVES BISPO	JARDIM LIBERDADE
ESCOLA ESPÍRITA PIETRO UBALDI*	BAIRRO SÃO CARLOS
TOTAL	15

*Convênio parcial de cooperação financeira para a educação Infantil

Fonte: Secretaria Municipal de Educação

Dados trabalhados pela SEPLAM / DPSE / DVSE Obs: até maio de 2008.

No caso desta região, que tem uma população de 111.389 habitantes, constatou-se a presença de 15 equipamentos da rede Pública Municipal, destinados à educação e 16 da esfera estadual (Tabelas 6 e 7).

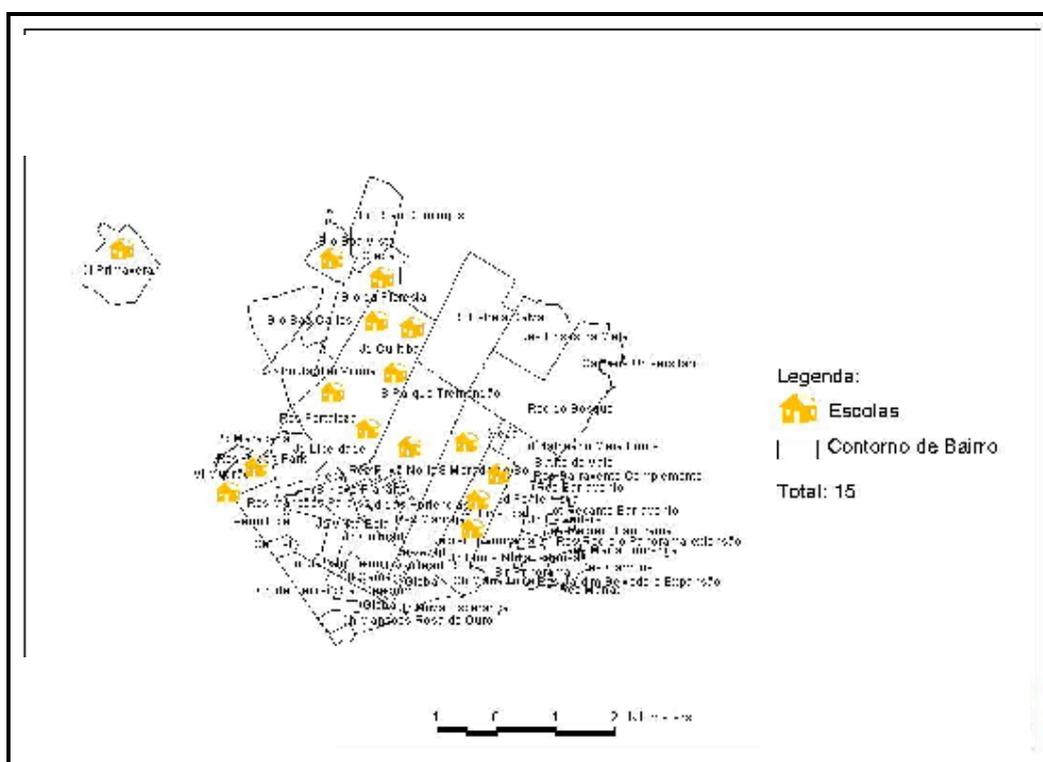


Figura 17. Distribuição espacial das escolas estaduais existentes, relacionadas segundo os bairros da Região Noroeste de Goiânia em 2005.

Fonte: Prefeitura de Goiânia – SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Tabela 7. Número de instituições de ensino da rede pública estadual, Região Noroeste de Goiânia - 2008.

BAIRRO	Total
Bairro Floresta	1
Vila Finsocial	2
Conjunto Primavera	1
Jardim Curitiba	5
Vila Mutirão	2
Vila Finsocial	1
Bairro da Vitória	1
Setor Morada do Sol	1
Setor Parque Tremendão	1
Vila Finsocial	1
TOTAL	16

Fonte: Secretaria Municipal de Educação
 Elaboração: Prefeitura de Goiânia / SEPLAM /DPSE /
 DVPE / DVSE

No que se refere à área de estudo, constata-se que o Residencial Recanto do Bosque e Sítios Recreio Estrela D'alva, tem uma menor concentração de moradores em relação aos outros Bairros, 3,9% e 3,5% dos moradores da região, respectivamente; mas, a população, embora reduzida, manifesta um descontentamento quanto ao atendimento em educação.

De acordo com os dados do Censo de 2000, as crianças de até 4 anos correspondem a 12.916 dos habitantes que vivem na região, o que equivale a 11,6% dos moradores da Região, e 14,4% em relação à população Goianiense. Para a população de 5-9 anos, somam 12.191 moradores, que também necessitam da Rede Pública Municipal de Ensino, os números registram que eles representam 11% dos moradores (Tabela 6).

Pode-se referenciar nos discursos que revelam a falta de vagas nas escolas, principalmente para o Fundamental, segundo declara (4ifs64fn): "Um dia

antes de abrir as inscrições, na pré-matrícula da rede estadual, já tinha lotado [...] minha menina ficou duas semanas sem estudar, eu tive que ligar na Secretaria de Educação”.

Algumas crianças que estão fora da Escola, teriam que recorrer às Escolas de outros Bairros, fato que causa temor aos pais em relação a segurança e a distância existente. Justificativa razoável, pois consta que foi registrado no caderno de campo, a presença de pessoas estranhas ao Bairro na porta da Escola, assediando as alunas.

As crianças do Setor “Sítios Recreio Estrela D’Alva” freqüentam, também, Escola Estadual Maria da Terra, localizada no Jardim Curitiba, instalada em um prédio de dois andares, com área extensa ao seu redor, salas claras e arejadas, com circulação de ar para os dois lados, informação registrada no caderno de campo, durante o reconhecimento de área, que consideramos importante.



Figura 18. Imagem de satélite dos bairros Sítios de Recreio Estrela D'alva e Residencial Recanto do Bosque - 2002.

Fonte: Google – junho / 2009. Data Imagem: 09/10/2008

Por ser região planejada e com infra-estrutura básica, a quantidade de escolas/creches identificadas na área, a partir do número de moradores da região, observados inclusive por idade, apresenta problemas relativos ao serviço de educação oferecido – principalmente como já dito em relação ao número de vagas disponíveis, acesso e deslocamento para a escola/creche e a qualidade do ensino,

[...] aqui a escola é difícil... [...] completô seis anos, eu fiz a matrícula dele pelo zero oitocentos, aqui no colégio que tem ali em cima, Marcos Antônio, não tinha vagas, aí ele tá sem estudá. Eu tô até com medo deles cortá minha bolsa família, porque eu pego bolsa família deles pra num ficá sem estudá, né? Com seis ano, não tem vaga, e nos outros colégio lá pra cima, fica muito difícil pra mim, muito complicado. Tem creche, mais é lotada, muita criança. (5jrs33fn).

[...] no Estrela Dalva não tem nenhum Colégio Estadual, e Colégio Municipal eles não passam por esforço da criança, por mais que a criança esforce, [...] eles passa é por idade, por etapa. [...] o meu subrinho ele tem quatorze anos, [...] ele não sabe - a, e, i, o, u. [...] tá fazendo a oitava série.[...] o ensino é que é bem diferente do estadual pro municipal. (8lsf35fb).

[...] tem uma escola ai, [...] em vez de localizá as criança du setor, eles põe de outro. Que essa daqui mesmo [a neta] ia até ficá sem estudá. [...] Então os daqui num tinha prioridade (4ifs64fn). [...] Agora que saiu uma creche, mais já tá praticamente lotada (8lsf35fb).

Tem creche, mais a creche vive lotada, tem a creche do Brisas da Mata e tem uma creche ali atrais da escola municipal, tem muita gente querendo, mais não tem vaga. E agora tá mais difícil, né? Porque tem que ligá lá no zero oitocentos. (10ep28fn)

Foi detectada uma tomada de posição por parte da população, no que se refere à falta de vagas nas escolas/creche, reação que pode ser identificada como atitude de resiliência, apesar de constatarmos que uma atitude interferiu em nível social e a outra no aspecto pessoal, onde a mãe, identificando a dificuldade em colocar a filha na escola, e, conta (7jfp18fb) que “logo que o filho menor nasceu, tomou providência com ele ainda recém nascido, “eu tenho um menino e uma

menina, o meu sonho foi colocá ela na creche e eu precisava trabalhá, né? ,
confirmam os relatos,

Então isso [crianças de outros bairros nas Escolas locais] deu uma confusão tremenda [...] Foi mexê até cum povo lá que entende de colégio, né? [...] Porque se aquele colégio foi feito aqui no bairro, no Recanto do Bosque, então é pras pessoas do Recanto do Bosque, né?(4ifs64fn)

[...] No ano passado, [...] dia que ele nasceu, eu já fui fazer a matricula dele, eu liguei lá no tal de zero oitocentos, eu tive que correr tanto, tive que ir no conselho tutelar, tem que ir na Secretaria de Educação, tem que ir num sei aonde, pra você arrumá uma vaga e, mesmo assim, não arruma. Arrumô agora, só depois de dois ano e poquim. (7jfp18fb)

Portanto, existe a expectativa em encontrar vagas em escolas do próprio bairro e que sejam de boa qualidade para a aprendizagem e desenvolvimento da criança, além de demonstrar uma preocupação com a dificuldade de locomoção para estudar em outros bairros, [...] aqui, todos os menino estuda, essa aqui estuda no Balneário, todo dia vai, aquela outra estuda aqui no Recanto, e ai o transporte num é problema [referindo-se ao fluxo do ônibus/localização] (4ifs64fn), no entanto onera e compromete o orçamento familiar, apesar de reconhecerem a regularidade nos horários dos ônibus passarem,

[...] o transporte assim, é, ficô bom, é bom porque o ônibus passa aqui pertim. A gente vai po terminal ali, pertim, [...] Mais de qualquer maneira tem que pagá, né?(3efs40fn)

O transporte aqui, é bom, assim, demora muito ele vim, mais se você souber o horário que ele vem, você não perde tempo, se você já sabe que ele passa oito horas, você pode ir pro ponto oito horas (10ep28fn).

No que se refere ao transporte urbano, os moradores se mobilizaram para reivindicar um melhor atendimento, que dependia de asfalto da malha viária para que o ônibus corresse em uma parte do local, esta atitude foi identificada como de resiliência,

[...] o ônibus não vinha pra cá, só ia até na metade do asfalto, a gente que ainda lutô com o presidente do bairro pra poder descê aqui pra baixo[...]

Quanto à segurança pública, a população da Região Noroeste conta com duas Delegacias Distritais Especializadas, 21ª na Vila Finsocial e a 22ª na Vila Multirão, Outras duas que atendem à mesma localidade e não foram citadas pelo SEPLAM, são a 12ª e a 16ª. O Batalhão da Polícia Militar que atende à região e fica no final da Avenida do Povo, entre os bairros Sítios de Recreio Estrela D' alva e o Bairro da Floresta é o 13º Batalhão.

No que se refere ao atendimento nos casos de violência, a região conta com uma unidade do Juizado de Pequenas Causas do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás e com 7 locais de atendimento à criança e ao adolescente em situação de violência. Considerando que cerca de 45% da população tem a idade entre 0 a 19 anos, pressupõe-se que o potencial da demanda por estes serviços exerce pressão por maior segurança (Anexo) e proteção principalmente quanto ao controle do uso de drogas e de vigilância aos comportamentos anti-sociais

[...] a policia aqui [...] bota é regulando esses muleque.
Quando acontece alguma coisa, passa dois ou três carros que já passa piando atrás. Pega o muleque, bate, mata. De vez em quando aqui, morre mala pra caramba, agora parou, mais já morreu muito mala depois que nós chegamos por aqui... (4ifs64n).

Outra questão apontada pelos moradores diz respeito à segurança em geral, pois declaram viver atemorizados com assaltos

[...] (A entrevistada chora e diz a seguir...) Mais eu fico muito insegura sozinha... [...] Eu tenho medo do bairro, não sei, eu fico impressionada, a noite eu não consigo dormir. Parece que tá sempre entramo alguém, mexeno, eu fico com medo.[...] Não aqui, mais eles entra, rouba. Ai eu fico assim, assisto televisão, eu vejo acontecer e dá a impressão de que vai acontecer em casa. Eu achei que quando eu ganhasse meu neném ia melhorá, mais num melhora (5jrs33fn),

Esta é uma demonstração de que mesmo convivendo com os vizinhos do antigo local de moradia, demonstra dificuldades de adaptação ao lugar atual que é evidenciado pelo comportamento de nostalgia, revelado nos estudos de Fullilove (1996).

Este mesmo autor, em seus estudos trata claramente este assunto quando se refere à ruptura ao lugar social, pois atrapalha a pessoa nos aspectos pragmáticos da sua vida (conseguir dinheiro, trabalho, transporte etc), evidenciado no discurso a seguir

[...] é tranqüilo assim, desde que tenha alguém em casa, porque dizem que o setor é barra pesada, mais ninguém nunca ouviu dizer assim, roubô aqui no fulano, nunca ouve caso de roubo, não. O povo diz que não pode deixar a casa sozinha, porque é roubada, assaltada. (10ep28n).

Esta mesma dificuldade foi evidenciada por outra entrevistada que disse ter que alternar com os moradores da sua casa para que a casa sempre tenha um adulto.

Os equipamentos públicos destinados ao atendimento da população na área da saúde, relacionados no Quadro 1, encontram-se localizados em diversos bairros. Nesta região as gestantes podem contar com o atendimento na maternidade pública “ Nascer Cidadão”.

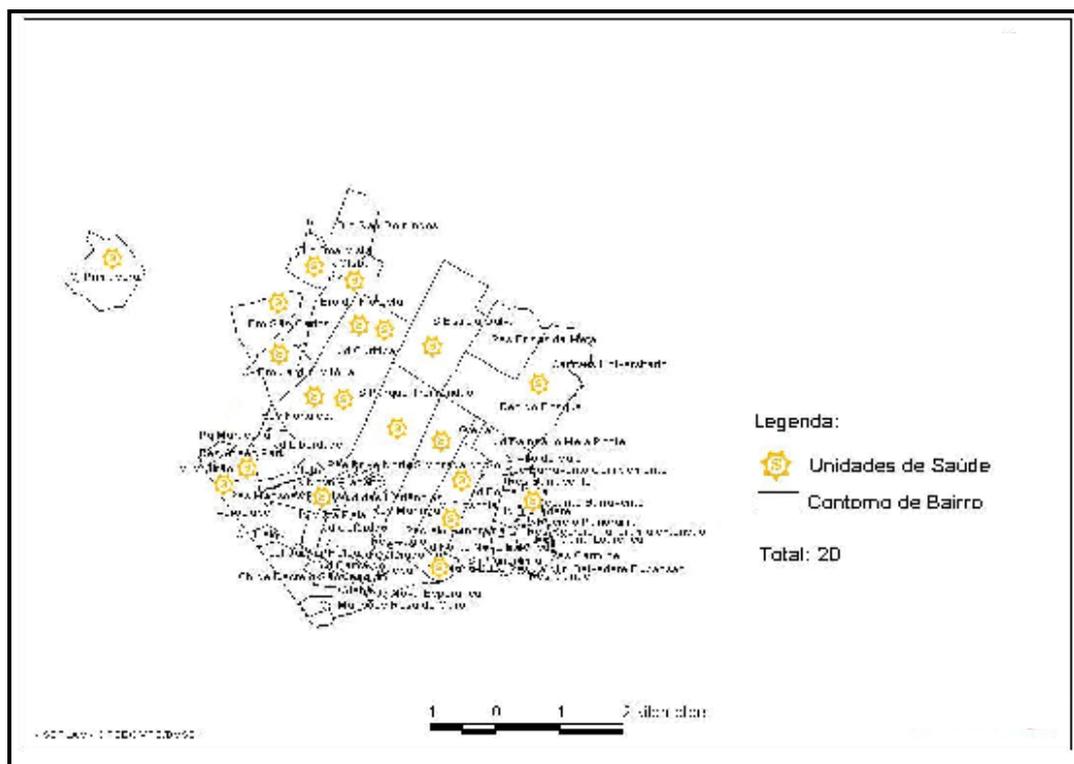


Figura 19. Distribuição espacial das unidades de saúde existentes, segundo os bairros da Região Noroeste de Goiânia em 2005.

Fonte: Prefeitura de Goiânia – SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Quadro 1. Unidades de saúde localizadas na Região Noroeste de Goiânia 2008

NOME	LOCALIZAÇÃO
CENTRO DE SAÚDE DA FAMÍLIA – CONJ. PRIMAVERA	Conjunto Primavera
CENTRO DE SAÚDE VILA MUTIRÃO	Vila Mutirão
CENTRO DE SAÚDE DA FAMÍLIA – BOA VISTA	Boa Vista
CENTRO DE SAÚDE DA FAMÍLIA – ESTRELA DALVA*	Setor Estrela Dalva
CENTRO DE SAÚDE DA FAMÍLIA – B. DA FLORESTA	Bairro da Floresta
CENTRO DE SAÚDE DA FAMÍLIA – S. RECANTO DO BOSQUE*	Setor Recanto do Bosque
CENTRO DE SAÚDE DA FAMÍLIA – P. TREMENDÃO III	Parque Tremendão
CENTRO DE SAÚDE DA FAMÍLIA BAIRRO DA VITÓRIA	Bairro da Vitória
CENTRO DE SAÚDE DA FAMÍLIA MORADA DO SOL	Cond. Morada do Sol
CENTRO DE SAÚDE DA FAMÍLIA NOVO PLANALTO	Jardim Novo Planalto

CENTRO DE SAÚDE DA FAMÍLIA SÃO CARLOS	Bairro São Carlos
CENTRO DE SAÚDE DA FAMÍLIA JARDIM CURITIBA III	Jd. Curitiba III
CENTRO DE SAÚDE DA FAMÍLIA BARRA VENTO	Res. Barra Vento
CENTRO DE SAÚDE DA FAMÍLIA VF 18	Vila Finsocial
CAIS DO FINSOCIAL	Vila Finsocial
CAIS DO JARDIM CURITIBA	Jd. Curitiba II, 1ª etapa.
MATERNIDADE NASCER CIDADÃO	Jd. Curitiba III
UABSF JARDIM CURITIBA II	Jd. Curitiba II
UABSF BRISAS DA MATA	Brisas da Mata
DISTRITO SANITÁRIO NOROESTE	Jardim Colorado

Fonte: Secretaria Municipal de Saúde / Depto de Rede Básica – 2008.
 Dados Organizados pela SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE.
 *Área da Pesquisa.

Quanto aos serviços de saúde, destacam que no antigo local em que viviam, existia uma estrutura melhor e havia mais profissionais para o atendimento da população, certamente por esta razão é que ainda recorrem aos serviços de saúde oferecidos em outros bairros. No que se refere aos serviços de saúde de toda a Região, são 14 Centros de Saúde, 02 Centros de Assistência Integrada a Saúde - CAIS, 02 Unidades de Atenção Básica à Saúde da Família, para atender um total de 111.000 moradores, o que gera reclamações registradas pelos moradores dos dois Setores selecionados para este trabalho.

Na imagem de satélite abaixo identificamos as áreas verdes de preservação da região, sendo que atualmente algumas delas já foram transformadas em parques.



Figura 20. Aeródromo Nacional de Aviação.

Fonte: Google – junho / 2009. Data Imagem: 09/10/2008

Algumas destas áreas verdes - reservas de mata nativa da região, identificadas no registro de satélite acima, estão cercadas com telas, protegidas por guardas e em seu entorno tem pistas de caminhada, equipadas com local para alongamento e abdominal

[...] nois temo essa mata pra você caminhá ao redor dela, ela é cêrcada, ao redor dela todinha tem a calçada. O pessoal vão pra lá pra caminhá [...] eu perguntei pro rapaz: Quantos quilômetros dá essa mata aqui quando a gente arrudeia ela? Ele disse assim que quando arrudeia ela, dá dois quilômetros e duzentos metro. [...] cinco e meia por ai ta cheinho de gente andando. Eu não encomendo pra andar de noite, [...] já foi mais perigoso, os bicho vai espanando, quando num vê caça, as vezes tem lugar que é muito habitado de onça e você quando chega e começa a morar ali, ai elas vão afastando vão indo embora, indo embora, do mesmo jeito é os mala (4ifs64n)



Figura 21. Área de preservação ambiental ao lado da maternidade Nascer Cidadão.
Foto: Realizada por Celnia Costa e Dinamara T. Versan, 2008.



Figura 22. Pista de caminhada do Parque Nascer Cidadão.
Foto: Realizada por Celnia Costa e Dinamara T. Versan, 2008.

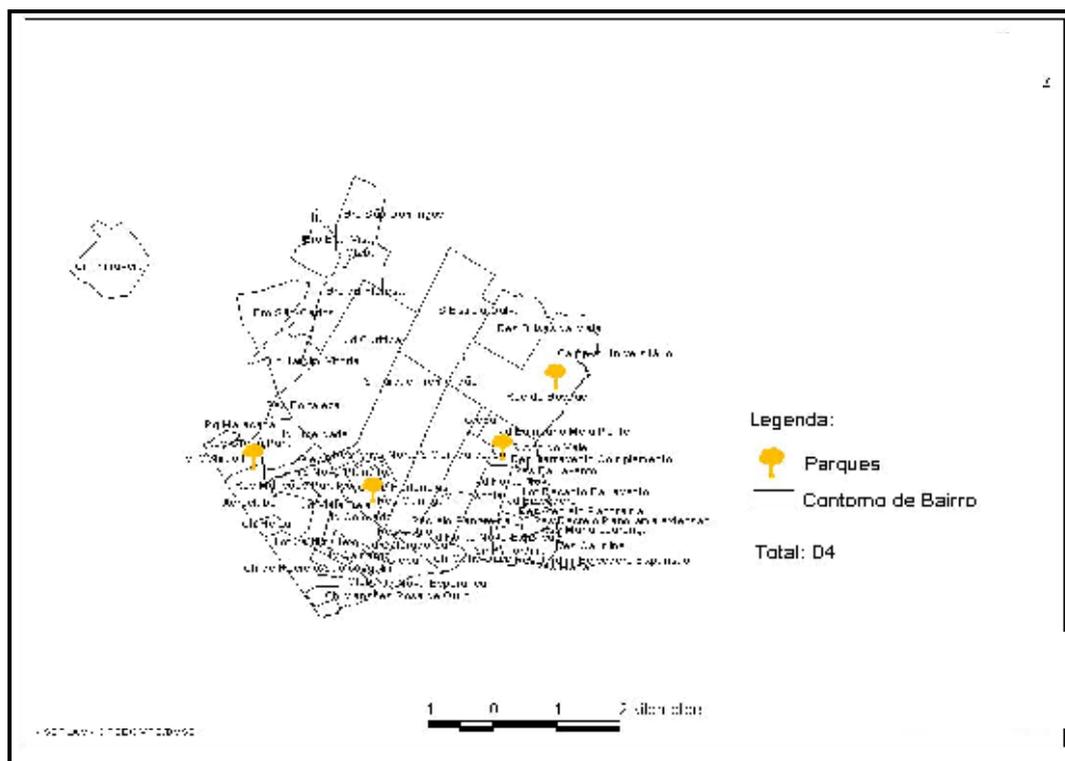


Figura 23. Distribuição espacial dos parques existentes, segundo os bairros da Região Noroeste de Goiânia em 2006.

Fonte: Prefeitura de Goiânia – SEPLAM / DPSE / DVPE / DVSE

Outro espaço comunitário - “Clube do Povo”, destinado à população, é mantido pelo poder público municipal, local em que o morador, portador de carteirinha de usuário, usufrui de quadra de futebol gramada, quiosque, piscina com vigilância e escorregador, parque com brinquedos para as crianças. O local é muito limpo e bem cuidado - observação registrada em domingo movimentado quando da visita da pesquisadora ao local para o registro de fotos.



Figura 24. Clube do povo.

Foto: Registrada por Celnia Costa e Dinamara T. Versan, 2008

A imagem digital abaixo registra a localização do Clube do Povo na Região Noroeste.



Figura 25. Clube do Povo na Região Noroeste.

Foto: Google, 09-10-08, 16°36'34 22° s 49°20'10 56° O – 796m.

A região contigua ao setor Recanto do Bosque e Sítios Recreio Estrela Dalva, tem poucas praças, o que é confirmado por (10ep28n): “Não tem praça, não tem lugar de lazer”. Inclusive pode-se destacar a falta de segurança, deixando distante da população o sentido de lazer a que são destinados estes espaços públicos: “[...] praça pra que? Pra juntá mala? Pra juntá gente vagabunda? Põe um posto de saúde, põe uma creche, põe uma coisa que tem futuro. Num é?” (3efs40fn).

E, de forma naturalizada, declaram as moradoras sobre o que lhes resta de opção de descanso e diversão à existência de uma “feirinha” como lazer local, ou melhor, a substituição dos momentos de ócio por compras,

Aqui, se nois num fô na ferinha [...]comprá alguma coisa, nois num sabe nem se hoje é sábado.[...] Inclusive nois recrama demais, nois morador. A gente já trabaia a semana inteira nas casa dos otro, ai, sai de manhã e chega de noite. Então, quando é final de semana, como hoje [refere-se ao sábado] e amanhã, nois vamo pra onde? Não tem lugar, não tem nada, né? Então, prá nois saber se hoje é sábado, nois tem que ir lá na feirinha. Verdade! (3efs40fn).

Como o lazer na região é restrito, sendo a “feirinha” identificada como um local de passeio, marco divisório do começo de uma nova semana, a moradora faz um raio “X” do bairro quando fala, se reportando às características das formas que se estabelecem as relações sociais nos momentos em que não estão trabalhando: “o que mais tem é igreja, igreja e buteco. [...] Pode procurar outra coisa aqui que não seja buteco e igreja pra ver se você encontra. Não encontra não”. (3efs40fn).

Outra moradora disse que, agora se aposentou e tem passagem de graça para viajar – e refere-se à Lei que determina a todo idoso o direito a assentos nos ônibus, e, completa que quase todo semestre vai ver seus parentes,

Gosto de viajá, alias depois que eu mudei de lá tem, oh, teve ano que eu fui duas vez por ano, e outras vez eu vô uma, mais num passo um ano pra mim num ir. O ano passado eu fui em julho, passei o mês de julho lá. Agora [...] o ano passado eu fui em março e fui em julho, [...] tô pensando de ir agora em abril [...] até Conceição do Araguaia, que eu tenho uma irmã lá, [...] e ela num tá sadia, ela tá doente, então eu tô querendo ir passar a Semana Santa com ela lá. Caminhá, esfriá a cabeça, eu já tô veia, não tem mais a preocupação, é só aproveitá o resto de vida que falta (4ifs64fn).

Por se tratar de região com população jovem, as ruas ou os lotes Baldios são transformados em campos de futebol pela própria população e (10ep28fn) e declara que as crianças isolam as ruas para desenvolver suas brincadeiras,

Não tem lugar pra lazer, [...] de criança não tem. Eles ficam aqui mesmo, jogando bola na rua, tanto é que cinco horas da tarde aqui ninguém passa na rua de carro, porque os menino toma conta da rua jogando bola, andando de bicicleta, ai toda hora sai da rua pro carro passá. Mais é bom, aqui é bom, já tem asfalto... (10ep28fn)

A diversão aqui é você jogá bola no meio da rua. Não tem outro lugar pra ir, ou então pego o ônibus e vai pro Mutirama. (10ep28n).



Figura 26. Momentos de lazer / esporte da comunidade na região.
Foto: Registrada por Celnia Costa e Dinamara T. Versan, 2008.

Pela proximidade do Rio Meia Ponte (Figura 13), tanto os moradores do Setor “Recanto do Bosque” quanto os do “Sítios Recreio Estrela D’alva”

frequentam também o Rio Meia Ponte, como alternativa de lazer. Identificou-se jovens, moradores do Setor Recanto do Bosque, em um domingo a tarde, descendo as ruas com varas de pescar. Ao serem abordados nos informaram que iam pescar.



Figura 27. Residencial Recanto do Bosque, lazer da comunidade – pescaria. Foto registrada por Celnia Costa e Dinamara T. Versan, 2008.

Uma das moradoras do Sítios “Recreio Estrela D’alva”, participante de nosso trabalho, perdeu recentemente o ex-marido que, alcoolizado, afogou no rio Meia Ponte e foi pego pelos próprios colegas. Uma semana depois, a televisão Anhanguera noticiava o falecimento de um casal, nas imediações do bairro e no rio citado, sendo necessário o Corpo de Bombeiros ajudar no resgate.

Existe, contíguo a captação de água da Saneago (Saneamento de Goiás), no mesmo rio, movimento por parte dos moradores da Região Noroeste de usufruírem em grupos daquela área, onde fazem churrasco, bebem, nadam etc. Estes dados evidenciam que estas atividades são realizadas sem infra-estrutura pública, segurança e orientação.



Figura 28. Rio Meia Ponte -

Estação de captação

Foto registrada por Celnia Costa e Dinamara T. Versan, 2008.



Figura 29. Estação de captação de água – Placa Proibindo pescar
Foto registrada por Celnia Costa e Dinamara T. Versan, 2008.

Esta área fica nos domínios da Saneamento de Goiás / SANEAGO e, ao redor da placa, já danificada pela ação do homem, estavam se divertindo e assando churrasquinho. A placa recebe a seguinte inscrição: “proibida a pesca”. Nas outras fotos acima verificamos as pessoas pescando.

A região estudada tem uma estação de ônibus localizada no Residencial Recanto do Bosque e que leva o nome do bairro: “Recanto do Bosque”. Esta Estação tem quatorze linhas de ônibus, sendo que todas passam por este terminal, entre elas:

- Recanto do Bosque / Centro via Avenida Goiás Norte;

- Recanto do Bosque / Praça do Balneário via Alto do Vale;
- Recanto do Bosque / Padre Pelágio;
- Recanto do Bosque/Balneário / Universitário;
- Recanto do Bosque / Universitário via Finsocial;
- Recanto do Bosque / Campinas / Dergo;
- Parque Tremendão / Recanto do Bosque;
- Parque Bairro São Carlos / Recanto do Bosque;
- São Domingos / Recanto do Bosque;
- Bairro Floresta / Recanto do Bosque via Caic;
- Estrela D'Alva / Recanto do Bosque;
- Bairro Boa Vista / Recanto do Bosque via Bairro Floresta;
- Vila Mutirão / Recanto do Bosque via Avenida. do Povo;
- Brisas da Mata / Recanto do Bosque.

Todas essas linhas de ônibus atendem ao entorno da região dos bairros Recanto do Bosque e Sítios de Recreio Estrela D'alva e se deslocam para bairros mais centrais como o setor Universitário, Campinas / Dergo, Padre Pelágio, Avenida Goiás Norte / Centro.

O terminal Padre Pelágio que fica na ponta leste, por ser bem servido de linhas e por ter conexão com o eixo Anhanguera que atravessa Goiânia de leste a oeste, interliga Goiânia com várias outras regiões. Este eixo liga-se a outros terminais que se localizam em seu percurso, fazendo com que o usuário tenha um deslocamento bastante extenso com passagem única. Mesmo assim, através da do discurso das entrevistadas, podemos constatar que

[...] o transporte é rápido [...] a gente vai pó terminal ali pertim e já num paga. Mais de qualquer maneira tem que pagá, né? [...] Então é assim, fica bom numa faixa e difiço na outra. (4ifs64fn).

Evidencia que o custo da passagem pesa no orçamento destas famílias que precisam se deslocar, cotidianamente, para terem acesso a educação e ao trabalho.

4.3. Característica do meio ambiente – área de pesquisa.

O crescimento da população urbana no Brasil e em Goiás nos últimos 50 anos foi intenso, conforme os dados já registrados anteriormente no referencial teórico desta pesquisa (SEPLAM, 2000). No entanto, houve um aumento maior das cidades no período de 1960/1980, conforme a Tabela 1, fato que se pode atribuir, no caso de Goiás, à construção de Brasília, nos anos 1960, ao período do milagre econômico dos anos 1980, com a entrada do Capital e das empresas estrangeiras no Brasil, reforçando o modelo predominante de produção para exportação, já evidenciado anteriormente nos estudos de Ianni. Fato que desarticulou a produção agrícola diversificada de subsistência, expulsando o trabalhador do campo para as cidades.

Neste período houve a migração interna em massa, pois a população rural que nos anos 1960 representava 69,1% do total da população do Brasil, reduziu para 37,8% na década de 1970/1980 e nos anos 1980/1990 período da “Crise do Milagre” chegou a 24,4% que significou a redução da população do campo em 13,4%. Já no período posterior, ocorreu uma redução menor dessa população pois em 2003, o registro foi de somente 15,7%, da população do campo (Tabela 1).



Figura 30. Vista aérea do Recanto do Bosque e Sítios de Recreio Estrela D'alva.

Fonte: Google. Data Imagem: 09/10/2008. 16° 35'54.73"S 49° 18'38.79"O.

Em outra área de mata, que não apresenta esta infra-estrutura dos parques cercados da região, o Setor Sítios Recreio Estrela D'alva, apresenta hoje situações de impacto ambiental provocadas por duas gigantescas voçorocas no fundo de vale que tem em suas proximidades e pela contaminação das águas nascentes, por duas coletas pluviais que vem dos bairros subjacentes e desembocam neste fundo de vale.



Figura 31. Degradação ambiental: resíduos de construção civil e voçoroca nas mediações do Residencial Sítios Recreio Estrela D'alva. Foto: Registrada por Celnia Costa e Dinamara T. Versan, 2008.

Nas proximidades do mesmo Setor, verificamos que a mata nativa local está sendo utilizada para depósito de lixo e despejo de carcaças de animais, conforme Figuras 30 e 31.



Figura 32. Degradação ambiental: despejo indevido de lixo, animal morto nas mediações do Residencial Sítios de Recreio Estrela D'alva. Foto: Celnia Costa e Dinamara T. Versan, 2008.

Na literatura, encontramos a afirmação de que em distintas comunidades os indivíduos podem enfrentar o mesmo risco, mas isto não significa que estarão igualmente vulneráveis. Neste sentido, apesar de enfrentar o mesmo risco, a vulnerabilidade é diferente entre os habitantes de regiões distintas como as de maior e de menor precariedade nas condições de infra-estrutura e qualidade das construções.

Sendo que no caso dos habitantes que apresentam melhor infra-estrutura (casas, serviços básicos, drenagem, etc), e que tem outros dispositivos de proteção como no caso: sistemas de alerta e de informação, assim como de reabilitação de serviços básicos (água potável, energia elétrica) e que tem grande parte dos danos materiais coberto por seguros, têm maior capacidade de resistência. Estes suportes oferecem aos moradores melhores condições de que o resultado final seja mais satisfatório diante do fator de risco, expondo menos as pessoas e possibilitando maior capacidade de recuperação, a exemplo do que ocorre nas cidades dotadas de construções de melhor qualidade (Gomez, 2001).

Todas as questões destacadas nos registros fotográficos da comunidade local, evidenciam situações de risco que tem haver com os próprios dispositivos governamentais de proteção ambiental oferecidos à comunidade, assim como a posição exercida pela associação de bairro local. Sendo assim, de certa forma, as comunidades podem tomar diferentes medidas para enfrentar estas ameaças e adaptarem-se às novas situações, seja impedindo a entrada do fato ameaçador ou se adaptando à realidade, estabelecendo assim uma condição resiliente diante do fator de risco.



Figura 33. Marca de pés descalços de crianças – leito do rego de água do fundo de vale dos Sítios de Recreio Estrela D'alva que abastece horta local – situação de exposição à saúde física.

Foto: Registrada por Celnia Costa e Dinamara T. Versan, 2008



Figura 34. Exposição direta aos danos ambientais e risco a saúde - Imediações do Sítios de Recreio Estrela D'alva.

Foto registrada por Celnia Costa e Dinamara T. Versan, 2008.

Também ficou evidenciado descarte de lixo, animais mortos próximo ao leito do Córrego Fundo no Jardim Curitiba conforme a Figura 34.



Figura 35. Animal em decomposição - larvas - risco a saúde - leito do córrego do Jardim Curitiba - região de Hortaliças.
Foto: Registrada por Celnia Costa e Dinamara T. Versan, 2008.



Figura 36. Rego de água do fundo de vale do Sítios de Recreio Estrela D'alva que abastece horta local - distância menor que 3m para captação da água - risco à saúde.
Foto: Registrada por Celnia Costa e Dinamara T. Versan, 2008.



Figura 37. Horta localizada no fundo de vale do Sítios de Recreio Estrela D'alva - distância menor que 3m para captação da água em rego contaminado – risco a saúde.

Foto: Registrada por Celnia Costa e Dinamara T. Versan, 2008.

Pode-se perceber o comprometimento da saúde da comunidade que alimenta dos produtos hortifrutigranjeiros produzidos na região, conforme registram as Figuras 35 e 36, a saúde dos consumidores é exposta em situação de vulnerabilidade, com riscos da contaminação por alimentos irrigados com água contaminada.

Identificamos com as fotos a seguir, uma horta que se localiza no fundo de vale lateral ao setor “Sítios Recreio Estrela D'alva”. Nesta área corre um riacho cuja água é proveniente de duas minas locais e das pistas do setor, cujos bueiros deságuam nos dutos pluviais direcionados para este fundo de vale. O agricultor, localizou o poço a três metros do córrego, não seguindo as especificações da distância necessária para a perfuração do mesmo. Segundo depoimento de moradores e posteriormente confirmado em campo, a água do córrego na época de chuva invadiu o poço, ficando mais alta que o mesmo e sendo utilizada mesmo assim para aguar as hortaliças.

No presente estudo foram identificados e selecionados na Região Noroeste de Goiânia os setores “Sítios de Recreio Estrela D’alva e o Residencial Recanto do Bosque”, bairros consolidados como áreas de intervenção governamental para a transferência de populações de invasão e áreas de risco de Goiânia , que hoje abrigam migrantes que fazem parte do processo de inchaço dos grandes centros. No caso de Goiânia, é um espaço ocupado por setores com perfil populacional bastante empobrecido, com nível cultural baixo e que segrega um número grande moradores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou identificar que a população transferida de área de risco para o Setor Sítios de Recreio Estrela D'alva e para o Residencial Recanto do Bosque/ Região Noroeste de Goiânia, conviveu com situações de extremo perigo, expuseram suas vidas, morando em casas próximas a erosão e /ou leito do Rio Meia Ponte, conviveram por anos em ambientes mofados, úmidos e aprenderam a se mobilizar indo atrás dos órgãos públicos quando precisavam solicitar ações para que melhorassem a condição de suas vidas naquele ambiente. Estas habilidades desenvolvidas levaram estes moradores a participarem por anos das discussões e debates desenvolvidos pelos profissionais da COMOB que visavam orientar as ações de transferências.

Os aprendizados de diferentes medidas para superar as situações que indicam a vulnerabilidade social, ambiental, de saúde os instrumentalizaram com ações que muitas das vezes os afastaram das situações de risco ou os auxiliaram a lidar com elas de forma adaptativa, evidenciando resiliência no trato destas situações.

Desenvolveram relações vicinais, apesar da precariedade ambiental das áreas de risco e consolidaram os laços familiares, quando se agruparam na mesma área ou lote como forma de facilitar a sobrevivência.

A transferência destes moradores para uma região consolidada reduziu as vulnerabilidades anteriores, mas não atendeu inteiramente no que se refere às condições que facilitam sua integração neste novo espaço, tanto no que se refere aos equipamentos públicos como as condições para se integrarem no mercado de trabalho.

Quanto aos equipamentos, as escolas não atendem a todas as crianças no local e os serviços de saúde tem poucos profissionais e recursos para atendimento de casos mais urgentes. Assim, eles tem que recorrer a esses serviços em outros Bairros, ou seja, onde já eram atendidos anteriormente por estas Instituições, o que causa temor nas famílias pela falta de segurança, principalmente quando se trata de trasladar para escolas de outros bairros, as crianças do ensino Fundamental 1ª e 2ª fases e creches.

Destaca-se que houve uma preocupação do poder público em afastar essa população das áreas de risco (evitar catástrofes), mas ainda com a concepção prática de garantir-lhes o que é básico: a casa própria em lugar mais seguro e urbanizado sem, no entanto planejar os equipamentos públicos necessários para atender, principalmente as crianças (creches), condição para liberar os pais e principalmente as mães para o trabalho – o que poderá afetar as possibilidades de ampliar o poder aquisitivo destas famílias.

Por outro lado, no que se refere as questões ambientais, trata-se de local com danos ambientais provocados por voçoroca, localizada em área situada entre o Setor Sítios de Recreio Estrela D'alva, Recanto do Bosque e Estação de Tratamento de Água (ETA) da SANEAGO. É perceptível a devastação de mata nativa, onde estão acumulados lixo e carcaças de animais em locais próximos ao Córrego Fundo e de nascente de água nas imediações do Setor Sítios de Recreio Estrela D'alva.

Pode-se perceber a possibilidade de comprometimento da saúde da comunidade que alimenta dos produtos hortifrutigranjeiros produzidos na região, cuja água utilizada para irrigação contém componentes contaminantes e presença de metais pesados, identificados em pesquisas já realizadas sobre as águas do

Rio Meia Ponte. Portanto, a saúde desta população está colocada em situação de risco constante.

Apesar da Legislação ambiental existente, o Poder Público, não estabeleceu vigilância como medida de proteção para este novo ambiente. No período de quase um ano verificou-se que houve degradação causada pelas chuvas/erosões além de estar se conformando em área adjunta uma outra ocupação por famílias em situação de muita precariedade.

Constatou-se a existência de escolas públicas de tempo integral na Região, (apenas 01), equipamentos de saúde, segurança, poucos espaços destinados ao lazer da comunidade, inexistência de equipamentos ou espaços públicos destinados a população idosa, como os centros de convivência e utilização de áreas impróprias para lazer como o Rio Meia Ponte (natação e pesca).

De acordo com os relatos dos entrevistados, evidenciou-se a necessidade de mais vagas nas escolas para suprir a demanda, evitando que as crianças desloquem para outros bairros para o atendimento em creche, isto onera e compromete o orçamento familiar. Foi possível detectar a insatisfação dos usuários do Recanto do Bosque quanto aos serviços públicos de saúde, pois, preferem recorrer ao Cais do Setor Urias Magalhães.

Trata-se de uma população de baixa renda, com nível de instrução de ensino fundamental, com predominância na primeira fase e alfabetização e com poucas oportunidades de trabalho, pois dedicam-se a informalidade, no entanto, ainda estão menos expostos as diferentes vulnerabilidades ambientais, sociais e de saúde. Há de se destacar que, se o Poder Público não atuar no sentido de adequar aquele espaço às necessidades desta população, com um trabalho de

monitoramento contínuo, aos poucos a região continuará se degradando, proporcionando a deteriorização do poder aquisitivo dos moradores.

Alem disso, o fato de ser uma área urbanizada, os moradores não estão desprovidos de outros riscos, pois estão distantes dos espaços que oferecem oportunidades de trabalho que anteriormente lhes proporcionavam a sobrevivência e aos equipamentos públicos, principalmente Escolas.

Desta forma, o acesso a moradia os colocou em uma situação menos vulnerável no contexto urbano e a luta social para conquistar este direito representou atitude de resiliência, a medida em que se organizaram para efetivar um lugar para morar neste espaço. No entanto, esta conquista não significa o pleno bem estar e as possibilidades de realizar suas expectativas quanto ao que lhes poderia oferecer a cidade.

As questões relativas à sobrevivência, coloca-os frente ao desafio constante de buscar recursos em outros espaços o que os deixa com insegurança e vivendo um conflito entre o “morar” e o “trabalhar” e neste meio o cuidado com os filhos.

Evidenciam a dificuldade de usarem o transporte de forma regular, visto onerar sua renda, retirada na maioria das vezes de atividades informais. Portanto, manifestam em seus relatos, saídas que poderiam auxiliar os governantes a tirarem os jovens das ruas, até alternativas que proporcionem às mulheres da região condições de ajudarem no orçamento familiar, no entanto, estas posições expressas em suas falas, não mobilizam uma ação política que os beneficie.

O acesso à educação e à saúde no local atual de moradia, foi apresentado pelas participantes da pesquisa como ponto de insatisfação. O Posto de Saúde não atende às situações de emergência e as escolas/creches, estão lotadas e

provocando o deslocamento para outras regiões que exigem o uso de transporte, gastos e segurança.

Finalmente cabe destacar que todo este processo de transferência desta população que vivia em situação de vulnerabilidade social, ambiental e de saúde possibilitou aos moradores se apropriarem de um direito de cidadania que por sua vez resulta em outras reivindicações que apontam a deficiência do Poder Público em cumprir as atribuições de forma competente. Neste sentido, podemos verificar que tendo sido superadas situações de vulnerabilidades, provocadas tanto por atitudes de organização e reivindicação pela moradia, confirmando atitudes de resiliência para sanar o risco, isto não significa que estão isentos de vivenciarem outras situações, visto o novo local de moradia já apresentar vulnerabilidades que expõem os moradores às questões de ordem ambiental e econômica.

No caso do Setor Sítios Recreio Estrela D'alva, ficou evidenciado pelos estudos e registros feitos no caderno de campo, além da fala das próprias moradoras entrevistadas, que é uma região muito assediada pelo uso de droga e pela insegurança dos moradores de deixarem seus filhos sós para saírem para trabalharem, além de não poderem deixar seus domicílios a sós pela insegurança provocada pelo roubo de seus pertences.

Como o número de jovens de 0 a 19 anos é quase metade do número de habitantes da região, é necessário considerar que este contingente populacional expressivo carece de determinadas estruturas preventivas maciças na área da saúde preventiva, no caso de doenças sexualmente transmissíveis, em termos de gravidez, na área da drogadição, visto serem jovens que ficam muito sós, sem o acompanhamento de seus familiares e por suas famílias serem dirigidas muitas das vezes só pela mãe.

Por ser região que somou um contingente populacional de pessoas carentes em termos de recursos materiais e de nível educacional, por terem cursado somente as séries iniciais, já se encontram vulneráveis, portanto, cabe aos órgãos públicos acompanharem o desenrolar deste fato, visto se caracterizar um fator de risco para a comunidade local.

O modelo político-econômico fundado no autoritarismo, que teve como consequência a vulnerabilização do conjunto da sociedade brasileira provocou de maneira profunda a degradação ambiental, enquanto uma minoria se beneficiou dessa riqueza. E, é nos anos 1990 que a Organização das Nações Unidas / ONU, convoca Conferências internacionais por temáticas específicas tais como a de Meio Ambiente, Saúde da População, da Mulher, do Negro (Durban), do Habitat, dos Direitos Humanos e por fim, lançando as Metas do Milênio que serão avaliadas em 2015.

Cabe destacar que este fenômeno decorrente do empobrecimento populacional, da forma inadequada de se utilizar e apropriar dos recursos naturais, tem desencadeado no mundo todo situações que interferem profundamente no processo de urbanização incipiente.

Portanto, diante do agravamento do quadro de pobreza no mundo, a atitude da ONU resultou no compromisso assumido pelos países signatários, de implementar políticas públicas para superar os problemas surgidos.

É neste contexto, que nas cidades se manifestaram os diferentes movimentos sociais que tem como resposta ações e políticas de moradia e de capacitação, que no primeiro momento foram as políticas sociais vinculadas aos novos Programas para a Construção da casa própria direcionados para a população de baixa renda, como instrumento de melhoria da qualidade de vida,

principalmente nas cidades onde foi maior a pressão social e as vulnerabilidades sociais e de saúde, relativas aos riscos ambientais, um dos recortes propostos para esta pesquisa.

As evidências aqui registradas poderão instrumentalizar os órgãos competentes a desenvolverem políticas públicas que interfiram nos problemas ambientais, sociais e de saúde que já estão se configurando na área estabelecendo medidas que antecipem um processo crônico de vulnerabilização destas comunidades.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramovay, M.; Castro, M. G.; Pinheiro, L. C. (2002). Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO.
- Ayres, J.R; *et al.* (1999). Vulnerabilidade - prevenção em tempo de AIDS *In:* Parker, R. *et al.* Sexualidade pelo avesso: Direitos, Identidades e Poder. São Paulo: Editora 34. pp 49 – 72
- Barreira, I.A.F (1992). O Reverso das vitrines: Conflitos Urbanos e Cultura Política em Construção. Rio de Janeiro: Rio Fundo de Cultura.
- Bertaux, D. (1996a): “La perspectiva biográfica: validez metodológica y potencialidades”. *In:* Marinas, J. M.; Santamarina, C. *La Historia Oral: Métodos y Experiências*. Madrid. Ed. Debate. pp.149-172.
- Bhatt, R. V. (2000). Environmental influence on reproductive health. *International Journal of Gynecology & Obstetrics*. 70(1): 69 – 75.
- Bourdieu, P. (1999). Contrafuegos – Reflexiones para servir a la resistencia contra la invasión neoliberal. Barcelona. Anagrama.
- Bourdieu, P. (2001). O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brasil, Emenda Constitucional nº 26, de 14 de fevereiro de 2000. Altera a redação do art. 6º da Constituição Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc26.htm. Acesso em: 24 de junho de 2007.
- Brasil, Ministério das Cidades. Política nacional de desenvolvimento urbano. (2004) Brasília: MC, novembro de 2004. Disponível em: <http://www.cidades.gov.br>. Acesso em: 24 de junho de 2007.

- Brasil, Prefeitura Municipal de Goiânia. (2002). Aspectos Demográficos da População de Goiânia, por bairro, segundo o Censo de 2000. Secretaria Municipal de Planejamento – SEPLAM / DPSE / DVPE / DPSE. Goiânia. 196 p.
- Brasil, Prefeitura Municipal de Goiânia. (2002). Densidade Demográfica segundo as Regiões de Goiânia. Secretaria Municipal de Planejamento. Censo Demográfico 2000. Goiânia.
- Brasil, Prefeitura Municipal de Goiânia. (2006) . Anuário 2006. SEPLAM – Secretaria Municipal de Planejamento.
- Brasil, Prefeitura Municipal de Goiânia. (2007). Plano Diretor de Goiânia. Eixo Estratégico Sociocultural. Volume 3. 2007, 372 p.
- Bronfenbrenner, U. (1996). A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados. Artes Médicas. Porto Alegre. p. 267.
- Busso, G. (2001). Vulnerabilidade Social: Noções e implicações de políticas pra a América latina no início do século XXI. Santiago de Chile: Nações Unidas, Cepal y Celade.
- Carlos, A. F. A. (1999). A cidade. 4ª Ed. São Paulo: Contexto.
- Carlos, A. F. A. (2003). São Paulo: Dinâmica urbana e metropolização. *Revista Território*. Rio de Janeiro - Ano VII - no 11, 12 e 13 - Pág 77 a 91. set./out.
- Castel, R. (1998). As metamorfoses da questão socila: uma crônica do salário. Poleti, I. D. de. (trad.). Petrópolis – RJ. Vozes.
- Castillo, J. J. (1996). Sociología del Trabajo - Un Proyecto Docente. Madrid. Ed. Siglo XXI.
- Castillo, J. J. (1998): La Búsqueda del Trabajo Perdido, Madrid, Ed. Tecnos.
- Castillo, J.J. (1999). El trabajo del futuro. Madrid. Editorial

- Cecconello, A. (2003). Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Costa, S. As Metamorfoses do Capitalismo. *In: Fragmentos de Cultura*, v.14, n 2, p.243 - 248, fev. 2004. Goiânia.
- Cunha, J .M. P. (2004). Um sentido para a vulnerabilidade sociodemográfica nas metrópoles paulistas. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. Campinas, v. 21, n. 2, p. 343-347. jul/dez.
- Cunha, S. B.; Guerra, A. J. T. (2003). Degradação Ambiental. *In: Cunha, S. B.; Guerra, A. J. T. (orgs). Geomorfologia e Meio Ambiente*. Páginas 337-379. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro.
- Dowbor, L. (1999). Gestão Social e Transformação da Sociedade. Disponível em: <http://www.dowbor.org>. Acesso em: 14/10/2008.
- Dowbor, L. A. (1998). "Reprodução Social". Editora Vozes.
- Estevam, L (1998). O tempo de transformação. Estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás. Goiânia. Editora do Autor.
- Farias, M. A & Monteiro, N. R. de O. (2006) Reflexões sobre pró-socialidade, resiliência e psicologia positiva - Reflections about pro-sociability, resilience and positive psychology. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*. Dez/2006. vol 2, n 2. pp 39 – 46.
- Fernandes, N. F.; Amaral, C. P. (2003). Movimentos de Massa: Uma Abordagem Geológico-Geomorfológica. *In: Geomorfologia e Meio Ambiente*. Páginas 123-186. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 394p.
- Ferrando, M. G.; Ibáñez, J.; Alvira, F. (1996). El Análisis de la Realidad Social – Métodos y Técnicas de Investigación. Madrid. Alianza Editorial. pp. 415 - 455.

- Ferraroti, F. (1997). La Historia y lo Cotidiano. Buenos Aires. *Sociedad y Cultura*. Madrid. Ed. Península.
- Ferraroti, F. (1990): La Historia y lo Cotidiano. Buenos Aires. *Sociedad y Cultura*. Ed. Península. p.100.
- Fortunato, E. & Ruscheinsky, A. (2003). O ordenamento do espaço urbano e políticas sócio – ambientais. *Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental*. Elizabeth Fortunato / Aloísio Ruscheinsky. vol. 11, pág 34 – 40. julho a dezembro de 2003
- Fullilove, M &Thompson, M. D. (1996). Psychitric Implications of Displacement: Contributions Fron the Psychology of Place. vol 153(12). Decenber. Pp 1516 -1523. *American Psychiatric Association*.
- Gamerzy,N.&Masten, A.(1994). Chronic adversities. Em M, Rutter, E. Taylor & L. Herson (Orgs), *Child and adolescense psychiatry* (pp.191-207). Oxford: Blackwell Scientific Publication.
- Garcia, I. (2001). Vulnerabilidade e resiliência. *Adolesc.Latinoam.*,Apr. 2001, vol.2, nº3, Porto Alegre, p.00-00.
- Gagnier, R. (1994): Las Normas Literarias, la escritura autobiográfica de la clase trabajadora y el género sexual. *In: Loureiro, A. (Cord.)*. El Gran Desafío: Feminismos, Autobiografía y Postmodernidad. Ed. Megazul-Endymion. pp. 151-186.
- Giuliani, M. V. (2004). O lugar do apego nas relações pessoa-ambiente. *In: Tassara, E. T. de O.; Rabinovich, E. P.; Guedes, M. do C. (eds)*. Tradução: Ventura, C. S. M.; Silva, C. B. da; Rabinovich, E. P.; Macedo, L. M. D. S. de; Otero, M. R.; Duarte, V. R. *Psicologia e ambiente*. São Paulo: EDUC – Editora da PUC – SP. 413 p.

- Gomes, C. C. de A. (2008). O apego pelo lugar de morar - Vila Monticelli em Goiânia-GO. Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de Goiás. 179 p.
- Gomez, J. J. (2001). Vulnerabilidad y Medio Ambiente Seminario Internacional Las diferentes expresiones de la vulnerabilidad social en América Latina y el Caribe Santiago de Chile, 20 y 21 de junio de 2001. Naciones Unidas - Comisión Económica Para América Latina y el Caribe - CEPAL.
- Guareschi, N. M. F.; Reis, C. D.; Huning S. M.; Bertuzzi, L. D. (2007). Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. *In: IV Estudos e Pesquisas em Psicologia*. UERJ, RJ, v. 7, n. 1, p. 20-30, abr.
- Harvey, D.(2009) . Seminário Lutas pela reforma urbana: o direito à cidade como alternativa ao neoliberalismo. Fórum Nacional de Reforma Urbana- Fórum social Mundial 29 de janeiro. conferência inaugural.p.1 ,tradução Fernando Alves Gomes.Acesso em 13/02/2009 http://www.forumreformaurbana.org.br/_reforma/pagina.php?id=2308
- Hernandez, F. (1990). Las biografías como instrumento interpretativo y analítico, posibilidad de análisis del cambio social. *In: Ferrarotti, F. La historia y lo cotidiano*, Centro Editor de América Latina. Buenos Aires. p. 115.
- Ianni, O.(1995).Teorias da globalização, Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.
- Ibáñez, J. E. R. (1994). El regreso del sujeto - La investigación social de segundo orden. Siglo Veintiuno de España Editores, S.A., Madrid.
- Ibáñez, J. E. R. (1998). La perspectiva sociológica. Historia, Teoría y método. Taurus. Madrid.

- Jonas, E. (2002). *Mujeres que viven del trabajo a domicilio. El tiempo propio de las trabajadoras en la confección de ropa de vestir*. Tese de Doutorado, Facultad de Ciencias Políticas y Sociología, Universidad Complutense de Madrid, España.
- Kliksberg, B. (1998). *Repensando o Estado para o Desenvolvimento Social: superando dogmas e convencionalismos*. São Paulo – SP. Cortez. *Coleção Questões da Nossa Época*. vol 64.
- Laurell, A. C.; Norega, M. (1989). *Processo de Produção e Saúde - Trabalho e desgaste operário*. São Paulo. Ed. HUCITEC.
- Lefebvre, H. (2001). *O direito a cidade*. São Paulo: Centauro.
- Lejeune, P. (1994). *El pacto autobiográfico y otros estudios*. Ed. Megazul – Endymion
- Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- Maricato, E & Tanaka, G. (2006). *O planejamento urbano e a questão fundiária*. *Revista ciência hoje*. junho de 2006, vol. 38, nº227, pág 16 a 23.
- Maricato, E. (2006). *Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras*. São Paulo Perspectiva. São Paulo, v. 14, n. 4, out. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 23 fev. 2009.
- Marx, C. (1978). *Contribución a la crítica de la economía política*. Madrid. Alberto Corazón.
- Masten, A. (2001). *Ordinary magic: Resilience process in development*. *American Psychologist*, 56, 227-238.
- Masten, A. & Garmezy, N. (1985). *Risk, vulnerability and protective factors in developmental psychopathology*. Em B. B. Lahey & A. E. Kazdin (Orgs.), *Advances in clinical child psychology* (pp.1-52). New York: Plenum.

- Matiello, A. M. (2006). Da Carta de Atenas ao Estatuto da Cidade: questões sobre o planejamento urbano no Brasil. *Impulso*. Piracicaba. 17(44): 43-54.
- Mattos, K. G. da S.; De Bona Dutra, R.; Petine, J.; Orth, D. M. (2002). Legislação Urbana no Brasil. Congresso Brasileiro de Cadastro Técnico Multifinalitário. Florianópolis. 6 a 10 de Outubro 2002
- Miguel, J. M. de (1996). Autobiografias. Madrid. Cuadernos Metodológicos. n. 17, CIS.
- Moysés, A. (2004). Goiânia: Metrôpole Não Planejada. Editora da UCG, Goiânia. 418p.
- Moysés, A. (Org.).(2005).Cidade, segregação urbana e planejamento/coordenado por Aristides Moysés. Editora da UCG, Goiânia. 362p.il
- Oliveira, A. F. (2002). Do pântano ao jardim: uma nova esperança – a produção social do espaço urbano de Goiânia. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UFG. Goiânia : GO.
- Oliveira, A. F. de. (2005). A reprodução do Espaço Urbano de Goiânia: uma Cidade para o Capital. In: Moysés, A. (Coord). Cidade, Segregação Urbana e Planejamento. Editora da UCG. Goiânia. 359p.
- Oliveira. R. P. V. de. (s/d). Mapeamento de áreas de risco. Disponível em: <http://www.unicamp.br/fea/ortega/temas530/ricardo.htm>. Acesso em: 10 de abril de 2009, 22h00min
- Ortiz, R. (2003). Mundialização Cultura e Política. In: Dowbor, L. (org). Desafios da Globalização. Petrópolis - RJ, Vozes, 5ª Ed.
- Paludo, S. dos S. & Koller, S. H. (2005). Resiliência na rua: um estudo de caso. *Psic.: Teor. e Pesq.* v. 21, n. 2, pp.

- Polèse, M. (1998). *Economia Urbana e Regional: lógica espacial das transformações econômicas*. Coimbra / Portugal: Coleção APDR – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional.
- Rey, F. G. (1997). *Epistemología Cualitativa y Subjetividad*. São Paulo. Brasil. Educ. Editora da PUC - SP.
- Rutter, M.(1993).Resilience:Some conceptual considerations. *Journal of Adolescence Health, 14,626-631*
- Sangrador, J. L. (1991). El Medio Físico Construido y la Interaccion Social. *In: Burillo, F. J.; Aragonés, J. I. Introducción a la psicología ambiental*. Madri: Alianza Editorial. 474 p.
- Santos, B. de S. (1997). “Pala Mão de Alice. O Social e o Político na Transição Pós-Moderna”. São Paulo : Cortez.
- Santos, M. (1981). *Manual de Geografia Urbana*. Tradução: Dea Erdens, A.; Silva, M. A. da. São Paulo: Hucitec.
- Santos, M. (2005). *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: EDUSP. 174p.
- Silva T, V.; Cabanes, R. (orgs.) (2006). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo, Humanitas. Pp 35 - 64.
- Soczka, L. (2005). *Viver (n)a Cidade*. *In: Soczka, L. (org.). Contextos Humanos e Psicologia Ambiental*. Portugal - Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Gráfica de Antônio Coelho Dias S/A. 477 p.
- Souza, W. F. de. (1996). *O êxodo rural e o desafio urbano de Goiânia (1960 - 1990)*. Dissertação (mestrado em história) – Departamento de História da UFG, Goiânia.
- Tuan, Y. (1980). *Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução: Oliveira, L. de. São Paulo : DIFEL- Difusão Editorial S/A. 288 p.

- Turato, E. R. (2003). Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Rio de Janeiro: Vozes.
- UNIFEM / ONU / CSCSA. (2006). Herramientas para La promoción de ciudades seguras desde la perspectiva de género. Ed. AECI-ES, Córdoba, Argentina.
- Valente, A. L. S. (1996). Uma Metodologia para determinação de Áreas de Risco, através de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto. *In: Anais VIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto*. Salvador. Brasil. 14 - 19 abril 1996, INPE, p. 417-420.
- Vieira, I. M.; Kazmierczak, M. L.; Malta, F. J. N. (2005). Proposta metodológica para identificação de áreas de risco de movimentos de massa em áreas de ocupação urbana. Estudo de caso: Campos do Jordão, SP. *In: Anais XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto*. Goiânia, Brasil, 16 - 21 abril 2005, INPE, p. 3935 - 3942. Disponível em: <http://marte.dpi.inpe.br>. Acesso em: 10 de abril de 2009.
- Yunes, M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8(número especial), 75 - 84.
- Zuquete, L. (1994). Metodologia de Áreas de Risco. 2ª Semana de Recursos Naturais da RMPA. Porto Alegre - RS.
- Zimmerman, M. & Arunkumar, R. (1994). Resiliency research: Implications for schools and policy. *Social Policy Report*, 8, 1-18.

ANEXOS

ANEXO I



MESTRADO EM CIÊNCIAS
AMBIENTAIS E SAÚDE

VULNERABILIDADE E RESILIÊNCIA DE POPULAÇÃO TRANSFERIDA DE ÁREA DE RISCO AMBIENTAL PARA ÁREA URBANIZADA - REGIÃO NOROESTE DE GOIÂNIA – GO

Roteiro de Entrevista

Preliminar: agendar com a participante, explicar sobre a pesquisa e, caso concorde, assinar o termo de consentimento;

1. Relato sobre a vivência nas diferentes fases de desenvolvimento

- aspectos da vida pessoal (infância e juventude);
- identificação pessoal;
- local de origem;
- convívio familiar e social (vida familiar, sexualidade, relações afetivas, gregárias, de amizade, fatos ocorridos durante o tempo de vida e o referente ao seu cotidiano na área de risco e no ambiente em que vive hoje).

2. Acesso aos Serviços e Equipamentos Públicos

- saúde;
- educação;
- lazer;
- segurança;
- transporte).

3. Características do meio ambiente - área da pesquisa/ambiente anterior

- aspectos históricos;
- físicos;
- infra-estrutura;
- expectativas e perspectivas;
- observações comparativas do novo ambiente em relação ao ambiente de risco.

ANEXO II

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar participar do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida procure o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Goiás pelo telefone (62) 3946-1071.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do Projeto:

Vulnerabilidade e resiliência de população transferida de área de risco ambiental para área urbanizada na Região Noroeste de Goiânia.

Telefone para contato: (62) 3946 – 1346

Pesquisadores participantes: Prof. Dra. Eline Jonas; Prof. Dr. Luc Vandenberghe.

DESCRIÇÃO DA PESQUISA, OBJETIVOS, DETALHAMENTO DOS PROCEDIMENTOS, FORMA DE ACOMPANHAMENTO.

Este estudo constitui em um dos cinco projetos que integram o Programa de pesquisa **“Bacia Hidrográfica do Alto Rio Meia Ponte (GO): um estudo interdisciplinar no contexto de sociedade, saúde e ambiente”**, ora em andamento, vinculado ao MCAS (Universidade Católica de Goiás). Será desenvolvido junto à população transferida de áreas de risco ambiental de Goiânia para a Região Noroeste, caracterizada como de população de baixa renda, urbanizada, localizada às margens do rio Meia Ponte, onde alguns trabalhos indicam a existência de contaminação da água por metais pesados. Pretende-se identificar o perfil desta população e caracterizar a área, buscando traçar os aspectos ambientais, o impacto social e na saúde percebidos por estes moradores a partir da transferência para o novo ambiente.

Os elementos estruturantes do trabalho serão relativos a percepção que a população envolvida tem deste novo espaço, a sua adaptação ao ambiente social e o acesso aos serviços públicos. Para tanto, serão observados os seguintes objetivos:

- Identificar o perfil socioeconômico e as condições das moradias da população da Região Noroeste
- Caracterizar os aspectos físicos da região e acesso da população a serviços públicos locais (saúde, educação, segurança, lazer);
- Caracterizar as diferentes formas gregárias desta população identificando os laços afetivos, conflitos emocionais, relações de vizinhança;
- Identificar os fatores que interferem no nível de vulnerabilidade da população da Região Noroeste.

Serão realizadas entrevistas gravadas, por saturação de informações, junto aos participantes voluntários.

Cabe destacar aos/as participantes da pesquisa que não haverá qualquer tipo de risco, prejuízo ou desconforto provocados pelo presente estudo, ao contrário, serão identificados os problemas ambientais e sociais que servirão de referencia para ações do poder público por meio de políticas públicas na perspectiva de melhoria da qualidade de vida da população residente.

A pesquisa iniciará em agosto de 2008 e será concluída em dezembro de 2008, ficando garantido aos participantes, neste período, o sigilo e o direito de retirar o consentimento sem qualquer prejuízo da continuidade do Trabalho.

Data: ____ / ____ / _____

Nome do pesquisador

Assinatura do pesquisador

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____,

RG nº _____, CPF nº _____ abaixo

assinado, concordo em participar do estudo sobre a *Vulnerabilidade e resiliência de população transferida de área de risco ambiental para área urbanizada na Região Noroeste de Goiânia*, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Celnia Teresinha B. P. Costa, sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade.

Local e data: _____, ____ / ____ / _____

Nome do sujeito ou responsável: _____

Assinatura do sujeito ou responsável

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar. Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____

Assinatura: _____

—

Nome: _____

Assinatura: _____

Observações complementares:

ANEXO III

Atendimento à Criança e ao Adolescente em Situação de Violência no Município de Goiânia

Região	Quantidade
Central	20
Sul	10
Oeste	1
Mendonha	1
Noroeste	7
Vale do Meia Ponte	1
Norte	1
Leste	3
Campinas	5
Sudeste	1
Sudoeste	2
Total	52

Fonte: Guia de Atendimento à Criança e ao Adolescente no Município de Goiânia

Obs.: Dados organizados pelo DPSE / DVPE / DVSE

ANEXO IV

Responsáveis Pelos Domicílios Particulares Permanentes Por Faixa de Renda, em Salários Mínimos, Segundo os Bairros da Região Noroeste

Bairro	Pessoas Responsáveis Pelos Domicílios, Por Faixa de Renda, em Salários Mínimos.										
	Total	Até 1/2	1/2 - 1	1 - 2	2 - 3	3 - 5	5 - 10	10 - 15	15 - 20	Mais de 20	Sem Rendimento
Bairro Boa Vista	979	20	269	371	119	72	23	3	2	0	100
Bairro da Floresta	1.472	23	388	498	194	127	35	4	2	4	197
Bairro Jardim Vitória	1.367	39	289	395	218	150	62	5	1	2	206
Bairro São Carlos	1.743	35	347	674	284	149	46	3	3	0	202
Bairro São Domingos	813	18	187	303	142	60	19	2	0	0	82
Chácara de Recreio São Joaquim	203	1	21	55	37	37	34	5	1	2	10
Chácara Helou	14	0	1	4	3	3	2	0	0	0	1
Chácara Mansões Rosa de Ouro											
Chácara Maria Dilce	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Conjunto Primavera	1.937	31	427	659	297	226	78	10	5	3	201
Jardim Belvedere	4	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0
Jardim Colorado	311	1	33	84	57	57	52	7	2	2	16
Jardim Colorado Sul											
Jardim Curitiba	4.820	87	1.112	1.620	742	577	207	22	7	8	438
Jardim das Hortências	279	2	40	84	59	45	23	4	3	0	19
Jardim Fonte Nova											
Jardim Liberdade	1.598	18	389	526	220	180	66	11	2	4	182
Jardim Paraguasu											
Jardim Vista Bela	148	0	16	40	27	27	25	3	1	1	8
Loteamento Morada do Sol											
Parque Maracanã											
Rec do Bosque	1.119	6	92	284	215	276	121	21	10	8	86
Recreio Panorama											
Residencial Barravento	4	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0
Residencial Belvedere Extensão											
Residencial Fortaleza	193	3	44	53	32	29	7	1	0	1	23
Residencial Green Park	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Residencial Maringá	185	2	25	54	37	29	17	3	3	0	15
Residencial Privê Norte	206	2	32	64	46	33	14	3	1	0	11
Residencial Recreio Panorama	265	5	29	64	46	55	36	4	1	5	20
Setor Alto do Vale											
Setor Novo Planalto	801	14	177	245	129	87	45	4	1	5	94
Setor Parque Tremendão	2.219	6	296	837	535	313	86	5	3	3	135

Sítios de Recreio Estrela Dalva	1.035	4	214	350	216	149	34	3	3	0	62
Sítios de Recreio Morada do Sol	2.054	14	253	669	414	363	163	18	5	4	151
Sítios de Recreio Panorama	39	1	4	9	7	8	5	1	0	1	3
Vila Finsocial	4804	34	937	1407	752	775	339	34	16	20	490
Vila Mutirão I	1351	22	321	432	192	192	64	15	3	1	109
Total	29.963	388	5.943	9.783	5.022	4.021	1.605	191	75	74	2.861

Fonte: IBGE - Censo

Demográfico 2000

Dados trabalhados pela Prefeitura de Goiânia -

SEPLAM/DPSE/DVPE/DVSE